

MULTI LINGUISMO

NO MUNDO DIGITAL

Trajetórias Iniciais



Claudia Marinbo Wanderley




Centro de Lógica, Epistemologia
e História da Ciência - Unicamp



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-86497-31-5



9 788586 497315

Multilinguismo no Mundo Digital: Trajetórias Iniciais

Claudia Marinho Wanderley

Multilinguismo no Mundo Digital: Trajetórias Iniciais

Campinas

UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência,

2016

Editor

Claudia Marinbo Wanderley

Projeto Gráfico e Capa

Fabio Luis Basso e Karina Lombardi Fernandes



Esta obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Sem Derivações - Sem Derivados

Ficha Catalográfica elaborada pela biblioteca do CLE

W 183m Wanderley, Claudia Marinbo.

Multilinguismo no mundo digital : trajetórias iniciais / Claudia Wanderley. – Campinas : UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 2016.

126p.

ISBN: 978-85-86497-31-5

1. Linguagem-multilinguismo. 2. Epistemologia. 3. Inclusão digital. I. Título.

CDD – 409

121

303.4833

Projeto FAPESP: 2013/09763-7

Impresso no Brasil

Sumário

Multilinguismo no Mundo Digital: trajetórias iniciais	7
Sobre o livro	7
Apresentação:.....	9
Capítulo 1 (2005)	11
l'archivage et la propriété du sens	11
Primeiro esboço do Colóquio.....	18
Le Colloque Technologies du Langage	20
Apoio institucional, ou lista de anexos e links	23
Universidade Virtual de Língua Portuguesa	29
Capítulo 2 (2006-2007)	31
Project of the UNESCO Chair Multilingualism in Digital World.....	31
Sobre a Cátedra Unesco Multilinguismo e Produção de Conteúdo em Língua Local no Mundo Digital	45
Projeto Multilinguismo no Mundo Digital (Multimundi)	49
Capítulo 3 (2008)	75
Bibliotecas Digitais Polifônicas (2008)	75
Capítulo 4 (2009)	87
Periferia Digital	87
Capítulo 5 (2004-2005)	111
Entre a Teoria da Linguagem e o Multilinguismo no Mundo Digital: um passeio epistemológico	111
Políticas de Implementação Tecnológica.....	111

Multilinguismo no Mundo Digital Trajetórias Iniciais

Sobre o livro

Ver este livro pronto me alegra. Porque ele fala do início de um processo que já soma quase dez anos de projetos, acertos e erros ligados ao tema. Instalada no interesse da pesquisa científica e guiada pela curiosidade e boa dose de teimosia atravessei – praticamente sem perceber - várias questões ligadas ao modo tradicional da divisão do trabalho intelectual no Brasil, e neste período trabalhei por três diferentes centros de pesquisa da UNICAMP, onde desenvolvi habilidades e conhecimentos importantes para minha trajetória intelectual e para a compreensão do tema.

Apresento portanto o início minha trajetória inicial sobre o tema Multilinguismo no Mundo Digital, que parte de uma educação superior em letras, linguística e linguística computacional. E como questões ligadas a noções de linguagem, língua, proficiência, território, estado, tecnologia, democracia, etc. foram se deslocando, na medida em que a discussão e os trabalhos avançaram. Hoje, estes textos me parecem importantes porque mostram justamente a parte inicial da trajetória que percorri da teoria da linguagem para a filosofia temática e uma discussão a respeito de sistemas complexos e auto-organização. É preciso deixar claro que só foi possível sob o signo inequívoco das novas tecnologias e do que essa estranha novidade pode nos fazer pensar em relação às línguas, culturas e aos nossos interesses como acadêmicos e como seres humanos.

As diferenças culturais e linguísticas no Brasil não se referem apenas a nossa relação com as etnias ameríndias, ou com as populações africanas escravizadas, ou com os imigrantes, esses outros nem sempre visíveis mas evidentes na nossa história. Ao pensar esta pluralidade de línguas e culturas [são estimadas aproximadamente sete mil línguas vivas no mundo hoje 2016] as relações se abrem em leque na direção de diversas comunidades que passam por situações semelhantes às que vivemos.

Meu maior aprendizado vem sendo pensar modos de promover intercâmbio de línguas e culturas visando o bem comum, de maneira solidária com diferentes sociedades e na nossa própria sociedade. Ao me posicionar como pesquisadora, as diferenças linguísticas e culturais certamente estão presentes nas tradições e culturas acadêmicas de cada país. E trabalhar com

esta temática e com quem pensa questões análogas implica necessariamente em aprender a trabalhar dentro deste cenário ou ao menos a considerá-lo.

Este livro, é uma bela pista de que é possível trabalhar bem em rede, na universidade brasileira, em São Paulo, e particularmente na Unicamp. E aqui agradeço ao Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência por ter dado uma casa para este tema, que me é tão caro. O CLE potencializou e expandiu a dinâmica de interlocução e os modos de entender os fenômenos através da filosofia temática. Especialmente em 2016, a luz do primeiro acordo da Unicamp com o povo Paiter Suruí, é preciso salientar a potencialidade desta temática. Agradeço também a boa vontade e disposição pessoal da Profa. Itala D'Ottaviano e do Prof. Walter Carnielli, pela amizade e apoio sem o qual nada disso seria possível. Agradeço também pelo ambiente acolhedor do CLE (quem trabalha com pesquisa sabe a diferença que isto faz) no qual encontrei a possibilidade dar andamento aos meus interesses de pesquisa ligados ao Multilinguismo. E sobretudo aos queridos colegas e interlocutores que trocam comigo há aproximadamente dez anos, ideias, sentimentos e utopias.

Apresentação:

“The universe is a pretty big place. If it's just us, seems like an awful waste of space.”

Carl Sagan, (Contact)

É preciso avisar ao leitor que este livro traz uma variedade de textos: de projetos, artigos revistos, programas de debate e notícias sobre atividades realizadas. Não é um trabalho documental exaustivo do início de meu trabalho com o tema, assim a escolha que fiz propõe uma pontuação de elementos que ao longo do tempo foram ganhando meu interesse; e portanto passaram por um processo de sistematização em algum grau. Escolhi também colocar algumas cartas assinadas para mostrar explicitamente acordos de chefes e parceiros, de forma também a deixar claro o consentimento do trabalho conjunto. Antes de cada capítulo tomei o cuidado de contextualizar a partir do que percebo hoje, mas é só um parágrafo em itálico, o texto apresentado se manteve na maioria dos casos sem mudanças estruturais.

O meu contato com o tema “multilinguismo no mundo digital” se deu na Unesco a partir de 2005, e portanto sob a égide de política pública da Organização das Nações Unidas através de seus documentos e recomendações voltados para preservação da diversidade cultural, inclusão social, democratização do acesso ao conhecimento e serviços públicos em línguas maternas. Há também em meu trabalho grande interesse em buscar um horizonte de convivência pacífica e salutar com/entre as diferenças. Esta trajetória inicial, que aprendeu sobre o tema pelos olhos de nações, de suas dificuldades e demandas, explica em grande parte porque normalmente não me baseio nas discussões

específicas sobre multilinguismo ligada à própria linguística ou aos estudos culturais, embora não os desconheça. O meu plano utópico era - e é hoje ainda - podermos ser respeitados em nossos direitos, termos acesso à educação (e serviços públicos) em língua materna, podermos ser autores e produtores de conhecimento em nossa língua, na língua nacional, e/ou em uma língua internacional se assim nos interessar. Uma certa liberdade de expressão levada às últimas consequências no âmbito da cidadania, ao considerarmos as instâncias local, nacional e internacional e suas diferenças linguísticas. É uma necessidade ética tratarmos e sermos tratados em pé de igualdade entre culturas e línguas, sem assumirmos necessariamente a preponderância de um sistema de conhecimento (ou de um sistema linguístico) sobre o outro. Para quem deseja ver esta miríade de culturas e línguas que ainda estão vivas contribuírem para nossa realização como seres humanos e uma maior sustentabilidade no planeta, fica o meu convite. O universo é bem grande e generoso, assim como devem ser as suas possibilidades de leitura, interpretação e representação pelos povos e comunidades que conhecemos, e que ainda iremos conhecer.

Capítulo 1 (2005)

O Colóquio Technologies du Langage ocorreu na França, na sede da UNESCO em 2005. Tendo como organizadores Claudia Wanderley, Fernando Hartmann, Carlos Piovezani, Luzmara Curcino Ferreira e Claudio Menezes. Montamos o programa dos pesquisadores franceses que participaram do colóquio com a interlocução da Profa. Francine Mazière. Foi o primeiro evento que co-organizei sobre o tema. Apresento o texto disparador do encontro e o texto que apresentei na abertura do evento.

P'archivage et la propriété du sens

2005 – abertura do Colloque Techmologies du Langage, Paris, UNESCO

“ Aujourd’hui, le maître mot, ce n’est plus le contenu, mais la communauté. ”

“ Ce qui compte, ce ne sont pas les produits, mais les gens, les communautés, les processus. ”

(UNESCO, CI-2005/ws/3, p.25)

Je voudrais vous proposer le déplacement de la compréhension de l’environnement électronique de l’internet de la perspective des technologies de l’information pour la perspective discursive des technologies du langage.

Les nouvelles technologies, toutes fortement liées à l’idée de transmission d’information, sont nécessairement en rapport avec la proposition qui Pêcheux, 1975, nous présente quand il signale que le discours scientifique produit un discours technique. Bien sur aujourd’hui la question technique se pose surtout vers la circulation du savoir, l’administration du savoir et, dans la perspective de l’Unesco on dit les communautés du savoir.

C’est effectivement ce changement de la perspective électronique d’un besoin de la circulation du savoir, pour une compréhension de la nécessité de la circulation des communautés dans le monde digital ou numérique qui je voudrais signalé comme fondamentale pour la compréhension linguistique du discours électronique.

L'espace électronique, considéré comme espace dédié à la pratique de l'interprétation, a quelques éléments constitutives que je vous indique comme importants pour cette réflexion, pour ce déplacement de point de vue :

- la circulation massive des sens, ou cette possibilité.
- Les caractères comme éléments indiscrets, plutôt présents et déterminants des conditions de possibilités d'existence d'une langue écrite dans l'espace électronique.
- La dépendance d'une politique publique qu'installe l'infra-structure nécessaire pour son fonctionnement
- Un rapport étroit avec l'économie, et l'administration de la propriété intellectuelle du pays.
- L'appropriation, par une communauté, de la possibilité d'interprétation des choses, du monde, par le biais électronique. Où, je dirai, l'instauration et l'occupation de la superficie discursive électronique par une communauté langagière. Une pratique politique : une pratique langagière.
- la juxtaposition, la ponctuation recourante et métaphorique de sujets et des sens sont les conditions d'existence pour ce nouveau objet de langage

Dans un sens plus large, les technologies du langage interpellent les individus en quelque chose que par absence d'un notion prêt à porter j'appellerai une superficie publique de la discursivité des Tics.

Je fais référence à la superficie publique, une fois que la consommation et l'utilisation des technologies de l'information espacialisent sans se restreint, par exemple à l'espace du juridique, académique, etc. Aussi parce qu'il s'agit d'une pratique que se espacialise exclusivement par rapport à l'investissement économique et politique vers l'accessibilité et l'échange d'information, ce que dans notre société peut être considéré comme une dimension publique.

Quand on pense aux technologies à partir de l'Analyse du Discours, il est nécessaire de penser le discours électronique, le savoir scientifique, ses déroulements administratifs, et la circulation et évidences de sens et de ses pratiques dans l'espace publique. De cette façon, nous comprenons la production technologique disponible aujourd'hui comme une langage de

l'espace publique.

Ce n'est pas le cas de dire que la "technologie de l'information" est ce langage. Au contraire, c'est effectivement l'effacement continu de la présence de la langue dans la notion d'information que, à mon avis, donne l'effet de produire dans l'espace publique, en comptant avec la castration symbolique, le sujet qui cloche dans cette totalité de données, et la possibilité même de produire le sens. Ce cette complétude de l'information et le sujet à la fois branchée au réseau total et projeté dans ce réseau sont le deux indices de la discursivité contemporaine sur les nouvelles technologie en général.

Des questions comme l'autorepresentation dans un forum de discussion et la construction d'un autrui dans l'espace électronique, comme dit Fernando Hartman, l'appropriation des lecteurs par la matérialité des médias, comme nous montre Luzmara Curcino-Ferreira, ou même la projection massive de la présence du corps des politiques parmi les médias, comme nous présente Carlos Piovezani, nous signalent des nouvelles corporalités, l'appropriation des techniques pour interpréter dans une autre ordre langagière. Ça c'est un affaire a comprendre.

Les Technologies de l'information signalent vers une communication total où aucune information, aucun corps, aucun sujet "se perd", où tout est disponible tout le temps. Bien sur dans cette totalité il y a quelque chose qui cloche, un manque qui nous permet de signifier en grand échelle. (merci à Fernando Hartmann pour les discussions)

Le discours électronique est donc, peut-être, un genre, peut-être une langage propre. Le genre du sujet idéal, international, et une des plus forts conditions de possibilité d'interprétation modernes. Ou même une nouvelle manière de concevoir la langue, le langage, l'interprétation.

Par exemple, une des conclusions de la réunion "Les TIC pour la formation au service du développement : les facteurs clés de réussite" Siège de l'UNESCO, Paris, France, 11-13 mai 2005, in In

"Aujourd'hui, le maître mot, ce n'est plus le contenu, mais la communauté."

(UNESCO, CI-2005/WS/3)

L'effort de l'Unesco en rendre visible l'importance du multilinguisme, et l'effort de production de moyens pour l'accès à l'internet sont partie prenant d'un changement de position par rapport aux ressources

électroniques. Ce que à mon avis, donne un autre statut au discours électronique, parce que ça finalement “corporealise” corporeifique, par le biais d’une communauté, la production électronique. Donc, on s’aperçoit qu’il ne s’agit pas d’un individu, mais en fait d’une communauté langagière en fonctionnement à l’internet. Une occupation publique, communautaire d’un outil linguistique, ou si vous voulez du discours électronique, ou même de la numérisation de la culture.

Cette perspective a une forte affinité avec la notion de discours comme nous la travaillons, et à mon avis est signe d’un déplacement politiquement intéressant du réseau de l’information pour le réseau de la communauté. Voilà une formulation petite, élégante que nous permet de faire avancer ensemble dans notre réflexion les éléments: outil, histoire, langage, culture et sujet.

Effectivement, les superficies discursives font partie de l’histoire, nous interpellent et nous constituent parmi les relations de sens dans le possible de notre réalité. Je dirais que comprendre le sujet globalisé, le sujet idéal d’aujourd’hui, à partir d’une perspective discursive est comprendre comment s’est produit les effets de sens dans les pratiques des technologies du langage.

A partir de la notion de discours, si nous refusons l’évidence de “traduction” d’un discours à l’autre, par exemple d’un discours-papier à un discours-électronique, en le concevant à partir d’une discipline d’interprétation, la technologie du langage s’organisera comme effet d’stabilisation de ce que nous comprenons comme langue imaginaire.

Ainsi, nous pourrions dire que technologie du langage est produit par les langues -imaginaires. Dans l’effet fantastique et salutaire de stabilisation de formulations, et dans la possibilités de récurrences de significations intangibles que nous comprenons la possibilité d’une société du savoir.

Les nouvelles technologies (technologies de l’information) sont un produit de langues imaginaires (langage de programmation) et fonctionnent dans une autre ordre matériel. Elles stabilisent le sens de l’information et le besoin d’avoir accès à l’information en grand quantité. C’est un autre registre, sur lequel on écrit encore, d’autres textes avec d’autres langues imaginaires, que nous appelons logiciels. Sur le nouveau couche, sur la nouvelle superficie discursive, nos textes, nos calendriers, nos vidéos, images, notre voix, enfin, nos registres. Les écritures, les caractères.

La formation de ce encadrement idéal de l'information pour tous est là. Mais au lieu de cela le changement intéressant est la position de communautés interprétantes comme priorité, au lieu de l'idée de l'information pour tous. L'expression en évidence, la possibilité d'interpréter, et pas seulement la consommation et traitement des données déjà administrés et pasteurisés ailleurs.

“La Conférence a reconnu que l'émergence de l'Internet remet en question de façon inédite le droit fondamental à la liberté d'expression. Le réseau mondial ouvre de vastes perspectives en matière de distribution et de réception gratuite d'informations [et d'instauration d'un dialogue entre Réunion thématique de l'UNESCO pour le SMSI.”
(UNESCO, CI-2005/WS/3)

Dans ce sens, le droit à la liberté d'expression se pose, autant que le besoin de normatiser, où normaliser l'expression à la toile. Et pour cela on revient à la question de la langue imaginaire... Les langues imaginaires comme une norme, par exemple, qui est présente dans les grammaires, circulent en différents théories linguistiques e en différents modèles. Si nous nous accrochons à notre exemple, la grammaire peut être un livre à la bibliothèque, une référence intellectuel, un trésor de la connaissance de la langue, un logiciel utilitaire pour l'ordinateur, une évidence historique de l'unité identitaire national, un artefact de la politique linguistique, un élément détectable dans le tissu cérébral, un procès cérébral non localisable, une intuition inhérente à l'être humain, un processus que donne des évidences à la santé mental, etc.

Enfin, les objets d'étude sur la normativité linguistique se constituent comme effet d'évidence de l'interprétation réalisé dans chaque cas, et elles se fixent et partent de la propre matérialité de la position de la norme, situé dans la question du chercheur, pour permettre une discussion sur la nature de la “norme” comme objet réel déjà ancrée à l'institution que ce fonctionnement discursive produit et que le produit.

Ça nous amène a considérer que la place de la matérialité du sens est un type de réel, à partir d'ou la science, les administrateurs, la société, ou même le sujet urbain peuvent organiser et produire connaissances, analyses, artefacts, outils, qui après pourront fonctionner comme évidence réels dans les espaces publiques, et aux institutions.

Fondamentalement ils modèlent aussi la affiliation possible du citoyen, de la perspective électronique. Modèlent la possibilité des façons de comprendre et de se bouger par l'espace électronique. Ce dans cette discussion là que nous rencontrons les questions de propriétés intellectuelles, logiciel libres, etc. Et encore nous nous rencontrons les perspectives de l'Unesco dans son cadre de discussion:

“Ce qui compte, ce ne sont pas les produits, mais les gens, les communautés, les processus.”

(UNESCO, CI-2005/WS/3)

Et la j'ajouterai que dans le cas des TICS, et des sociétés du savoir, quand on parle des gens, des communautés et de processus, on parle du langage, des possibilités d'interpréter le monde dans une nouvelle “ langage “. Ce nouveau “ genre ” d'écriture, de lecture, bref : l'interprétation que la discoursivité électronique nous permet.

Dans ce sens, par exemple les points de culture (pontos de cultura), initiative du Ministre de la Culture Brésilien, M. Gilberto Gil, l'instauration de l'internet à l'Amazonie, projet auquel Francisco Caminati - présent ici - est le responsable, ce sont des conditions de possibilités d'interprétation, de signification que seulement la politique publique peut promouvoir en grand échelle.

Dans cette perspective le sujet branché, moderne, le sujet du réseau est effectivement un effet de l'objet discours, et des conditions de productions électroniques articulé par l'État.

Donc, c'est un discours pas un-gerable par le sujet. C'est impossible pour le sujet d'administrer sa possibilité dans l'espace électronique.

Bien sur, il y a les interprétations du sujet-charbon, sujet-biologique, sujet-social, sujet silicone, sujet-énergie électrique, sujet ligne téléphonique, sujet fibre optique, sujet cyber, sujet web, sujet wap, mas je ne crois pas qu'il soit productive de comprendre un sujet affecté toujours et déjà là par les technologies.

En fait, les nouvelles technologies pour nous peuvent être compris comme de nouvelles conditions pour d'autres processus discursives, que fonctionnent à la fois individuellement et en quantité. Et c'est ce processus qui je propose faire l'objet de réflexion.

Et je ne me réfère pas à ajouter la connaissance développée dans

notre champ aux objectives de la informatique, l'administration des informations, la production de logiciels, de traducteurs automatiques, etc. Il y effectivement ce niveau de participation, qui j'appelle la participation du " bon ami ", que avance dans la direction de produire effectivement cette " langage universel ", la communication qui veut " diminuer " la barrière linguistique entre les peuples, a chaque fois plus puissante et global. L'exclusivité de cette attitude, si nous considérons la division du travail intellectuel qui se présente dans l'espace académique, produit un effet curieux sur les pratiques de réflexion dans le champ linguistique. C'est la quête incessante ressources théoriques qui permettent la constitution de ce réseau idéal de transmission des données, ou la langue ne soit pas un "obstacle ".

Bien sur qu'il y a notre intérêt comme chercheur de participer de cette discussion et bouger un peu avec ses relations. La communications sans frontières sont des choses les plus désintéressantes de la perspective des études du langage, parce que sil n'y a pas de barrière pour la communication le langage et la langue ne sont pas de tout concernés.

Le réflexion sur les technologies de l'information qui nous proposons se positionne à partir de l'étude du langage, en rapport avec les conditions de production de sens des nouvelles technologies, et le fonctionnement des langues-imaginaires.

Donc, notre intérêt est rentrer dans cette discussion d'une perspective discursive.

Notre intérêt est de maintenir la discussion de façon qu'elle nous permet réfléchir de la perspective du langage sur les conditions de production et dépendances fonctionnels du discours et de la pratique des technologies de l'information.

Modelage de la réalité, les langues imaginaires

Les nouvelles technologies ont comme un de ses fonctionnements fondateurs la notion de interactive, qui je comprend comme la pratique de juxtaposition de systèmes, e pas la " transmission des informations", ou bien la juxtaposition, la ponctuation recourante et métaphorique des sujets et des sens est la conditions d'existence de ce nouveau objet du langage. La possibilité de la périphrase, pensé comme juxtaposition linguistique, dans une

punctuation discursive. C'est une superficie langagière disponible pour la circulation des sens et des sujets urbains.

Par contre il ne s'agit pas seulement et simplement de l'individu, il s'agit d'une communauté, d'une langue, d'une culture que doit trouvé parmi les moyens électroniques disponibles une façon de se dire, s'entendre, fonctionner.

Pour cela le possible c'est la métaphore, c'est dans le geste métaphorique que les communautés peuvent apparaître, naître électriquement. Le nouvelles technologies, dans cette perspective, produisent à la fois sujet et réalité comme un but en soi même (un but linguistique) : la possibilité de juxtaposition métaphorique qui permet les procès de significations multiples.

Cet enjeux fonctionne sur l'évidence de la garantie que le changement est pour le meilleur, un nouveau logiciel est le meilleur que l'antérieur, plus de possibilités – fonctionnement qui peut être compris comme un jeu structurant de juxtaposition métaphorique entre “ objets ” comme la condition de production de l'identité moderne.

Voilà de la perspective linguistique quelques conditions de production des sens d'un sujet, dans la circulation des technologies du langage, dans l'espace publique.

C'est une rattrapage du monde, des sujets sémantiquement stables, les sujet capable de se dire en différentes nouvelles versions simultanément, la juxtaposition métaphorique productrice d'identité, sur l'effet de l'efficience technologique. Un jeu de langage, sur le langage.

Primeiro esboço do Colóquio

Proposition Colloque sur la visibilité et circulation électronique du savoir scientifique, qui aura lieu à Paris, entre le 9 et le 11 septembre 2005.

La discussion sur les manières de formulation, vulgarisation et circulation de la production du savoir scientifique produit par les Sciences Humaines est fondamentale, face au désir social de rendre publique les nouvelles technologies de l'information. Les communautés avec des ressources limitées d'accès aux médias numériques contribuent à la formulation de la notion de "exclusion numérique", e produisent l'effet

d'inclusion "assisté". Par contre c'est également important que ces communautés soient capables de formuler leur savoir par des moyens numériques, et qu'elles ne se réduisent pas au rôle de "lecteur" électronique inclut. Cela veut dire que l'infrastructure électronique, ou l'accès aux réseaux de haut débit doivent avoir comme principal objectif le développement de la capacité de signifier et d'être signifié dans ces nouveaux médias.

C'est aussi très important de comprendre les enjeux des limites de significations, et les formulations qui sont impossibles d'être transposés pour l'espace numérique. En fait, désormais la bonne voie social présent dans l'idée de l'information pour tous, l'inclusion numérique ne considère pas souvent l'intégration des médias dans la communauté comme un espace de signification des individus. Ni même qu'il y a des choses que ne sont pas dicibles, que ne signifient pas dans l'espace numérique, et que ça fait une différence par rapport à ce qui est dicible par les moyens électroniques.

La proposition de ce colloque est d'apporter un débat à propos des différences de ressources (soient financières, humaines, sociaux, culturels, etc.) pour formuler et interpréter le savoir dans les communautés en voies de développement. Et aussi de présenter quelques enjeux de l'exclusion/inclusion, les petites marges pour que ces instruments soient assimilés, où adaptés aux possibilités et impossibilités locales de signification.

Spécifiquement par rapport à la production scientifique en Sciences Humaines nous posons quelques questions: A) comment les instruments scientifiques sont-ils rendus disponibles dans l'espace électronique; B) quel est le rôle politique de la communauté scientifique vers la société dans l'espace numérique; C) comment le scientifique et le citoyen produisent un profil linguistique urbain pour l'espace électronique; D) quelles sont les techniques disponibles aujourd'hui pour soutenir la controverse sociale dans l'internet, et E) comment développer une pratique qu'envisage une pluralité de critères de décisions comme des aspects importants pour l'intégration d'information et de la qualité dans les nouvelles technologies d'information.

Ce colloque cherche une compréhension des moyens que sont disponibles actuellement tant pour le développement dans l'espace de production du savoir comment dans l'espace électronique, en termes de son accessibilité, et de sa circulation publique. Quelles sont les tendances politiques pour le développement technologique du savoir des Sciences Humaines dans ce cadre, et comment ces tendances elles stimulent une façon

particulière de travailler avec le savoir.

Le Colloque Technologies du Langage

Le 14, 15 et 16 Septembre, siège de l'Unesco, Paris.

Présentation:

La théorie:

L'Analyse du Discours se constitue, entre autres, comme lien de recherche fort entre la culture francophone, la culture anglophone et le Brésil. C'est à partir de l'Analyse du Discours que, dans ce Colloque, nous nous intéressons aux phénomènes de langue que les nouvelles technologies nous imposent comme partenaires.

Même si les enjeux d'interprétation du réel passent par des conditions de production du savoir qui sont distinctes, dans les différents continents et pays, il y a des conditions de production qui sont communes.

Comprendre le rapport entre langage et technologie est une étape inéluctable actuellement pour qui s'intéresse à la production du sens à grande échelle. Comment en faire des analyses? Comment travailler avec des données numérisées ? Quelles sont les conditions de production d'un texte électronique ? Les conditions de lecture? Les possibilités d'organiser le sens? Nous voudrions explorer théoriquement les effets de sens, les enjeux discursifs dans les nouveaux médias, prenant en considération son principe de base, la technologie qui lui permet d'exister.

“Technologies du Langage” est une façon d'exprimer ce lien/ cette boucle constitutive.

Le thème:

L'Analyse du Discours et la recherche, promotion et utilisation des langues dans l'espace électronique . – à la recherche de cercles vertueux -

Les conditions

La présence et l'absence des langues dans le monde digital.

Cette discussion fera un état des lieux et portera sur la présence et l'absence des langues dans le monde digital dans chaque continent. Un dialogue sur les composantes (y compris les technologies) et les pré requis pour assurer le développement des contenus locaux fera partie des débats. Quelques aspects sur le multilinguisme dans l'espace francophone et l'espace lusophone seront également abordés. Il y aura de la place pour une revue des récentes initiatives de l'UNESCO et d'autres institutions pour stimuler la présence des langues dans le cyberspace.

La politique

Dès qu'on a (ou on n'a pas) accès à sa langue dans les médias numériques, la question de la propriété intellectuelle, et de la production de logiciels libres se pose. La gestion de la production électronique, et sa politique sont gérées par chaque pays, et nous aurons accès à des initiatives du Ministère de la Culture Brésilien et du Réseau Ile de France.

Le rapport théorique

Pour les analystes du discours, traditionnellement, la technologie est un objet qui fait partie de la réflexion, toujours dans une perspective matérialiste. La thèse de Pêcheux(69) effectivement discute et propose la perspective de l'automatisation, et pose la question philosophique du rapport des sciences humaines avec la technologie. Paul Henry, à partir de l'idée de mauvais outil pose le langage et les rapports linguistiques dans la perspective d'un outil. Et au Brésil, par exemple, de l'Encyclopédie Discursive de la Ville (Endici), version électronique (2000-2002), a ouvert un nombre important de possibilités pour comprendre ce que nous appelons le "discours électronique". Un état des propositions de voies de compréhension du rapport entre l'Analyse du Discours et les nouvelles technologies. Que nous apportent-elles en termes théoriques, analytiques et heuristiques?

Les partenaires:

C'est effectivement cette discussion proposé par l'Unicamp qui prend corps, avec la collaboration et l'appui de l'Ambassade du Brésil en France, de la Délégation Permanente du Brésil auprès de l'Unesco, du Secteur pour la Communication et l'Information - de l'Unesco (responsable pour la promotion du multilingüisme dans le cyberspace), du Ministère de la Culture du Brésil et du Centre National de Recherche Scientifique. La discussion se developpe dans un cadre de discussion international.

Introdução:

A questão do multilinguismo articula, portanto nesta reflexão uma instância em que a língua utilizada organiza não só o modo de propor uma reflexão, como as possibilidades de elaborar um software, e os modos de circulação e espaços públicos possíveis de ambos.

Em Análise do Discurso, falamos em intertexto e intratexto, memória. Nas novas tecnologias de linguagem internet, intranet, TICs (tecnologias de informação e comunicação) sem pensar na materialidade do idioma que organiza estas tecnologias, apagamento do papéis de língua e linguagem na produção tecnológica (fato já discutido em “noções de saúde e tecnologias de linguagem”, 2003). Na produção científica da universidade, a tradição acadêmica, e as possibilidades de publicação também, em boa parte dos casos, estão materialmente atreladas ao idioma em que o trabalho se desenvolve.

Ora, então, o projeto multilinguismo no mundo digital diz respeito à presença e circulação das línguas no espaço digital, e também toca na questão da representação do conhecimento (e da tradição científica) formalizada em um idioma, ou em muitos idiomas.

De certa forma, esta experiência de trabalhar na França, concomitantemente na Universidade Paris 3 laboratório Syled/TAL e na sede da UNESCO (organismo internacional que conta com a presença de cento e noventa e dois países), me fez compreender que a tradição acadêmica se organiza diferentemente em cada país e língua, e escolher uma para o trabalho intelectual não é uma escolha ingênua. O preço de sair de uma cultura acadêmica, de uma tradição para outra, é sempre alto. E meu esforço nestes

dois anos foi compreender estas dinâmicas, trabalhando nelas.

Assim, trago para reflexão alguns resultados destes dois anos de trabalho. Saliento que a discussão no Colloque Technologies du Langage (14, 15 e 16 de setembro de 2005 na sede da Unesco) funcionou tão bem, que fui convidada a propor esta cátedra Unesco, que hoje abre novos espaços de reflexão e cooperação acadêmica.

Seguem os links referentes ao Colóquio:

http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=19705&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

The screenshot shows a Microsoft Internet Explorer browser window with the following content:

- Browser Title:** Colloquium on Language Technologies: UNESCO-CI - Microsoft Internet Explorer
- Address Bar:** http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=19705&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html
- Page Header:** UNESCO.ORG | Education | Natural Sciences | Social & Human Sciences | Culture | Communication & Information
- Navigation:** WebWorld, Communication and Information Resources, Français
- Main Content:**
 - Events**

Conferences, workshops and meetings organized by UNESCO and its partners in the field of communication and information.

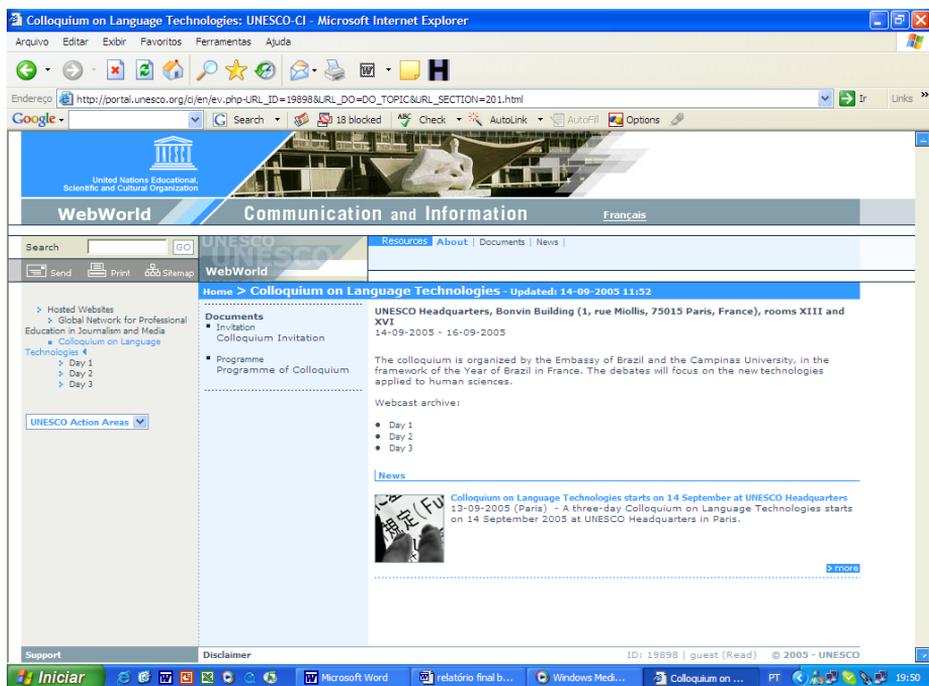
Colloquium on Language Technologies

The colloquium is organized by the Embassy of Brazil and the Campinas University, in the framework of the Year of Brazil in France. The debates will focus on the new technologies applied to human sciences.

Start Date	14-09-2005
End Date	16-09-2005
Event Location	UNESCO Headquarters, Bonvin Building (1, rue Miollis, 75015 Paris, France), rooms XIII and XVI
Website	
Document	invitation_colloquium.doc 77824 bytes (Download Help)
Document	programmation_colloquium.doc 94720 bytes (Download Help)
 - Resources:**
 - News
 - In Focus
 - Events
 - Portals
 - Subscribe to Newsletter
 - Discussion Forum
 - Photo Bank
 - E-Cards
 - Features:**
 - UNESCO's follow-up to the World Summit on the Information Society
- Events Archive:**
 - Home page
 - Archives: 2006, 2005, 2004, 2003, 2002, 2001, 2000, 1999, 1998, 1997

Também em

http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=19898&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html



E as notícias estão em:

http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-
URL_ID=19886&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.
html



Apoio institucional, ou lista de anexos e links

http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=19705&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html (site do Colóquio na Unesco) (p.14)

Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais
CORI
Institucional :: Intercâmbios :: Convênios :: Passaporte e Visto :: Oportunidades :: Eventos :: Publicações :: Links

Destaque

"MÃO DO BRASIL NA FRANÇA"
A Unicamp, em parceria com a Embaixada do Brasil na França e a Associação dos Estudantes Brasileiros em Paris, realizou de 14 a 16 de Setembro de 2005, na sede da Unesco, em Paris, o Colóquio Tecnológico do Langage. Com a presença do Celso de Faria, Diretor Geral da Unicamp, TAL-Paris III. Este evento será transmitido ao vivo pela internet a três dias no site: www.cori.br
[Clique aqui](#)
[Comente a apresentação...download](#)

Notícias

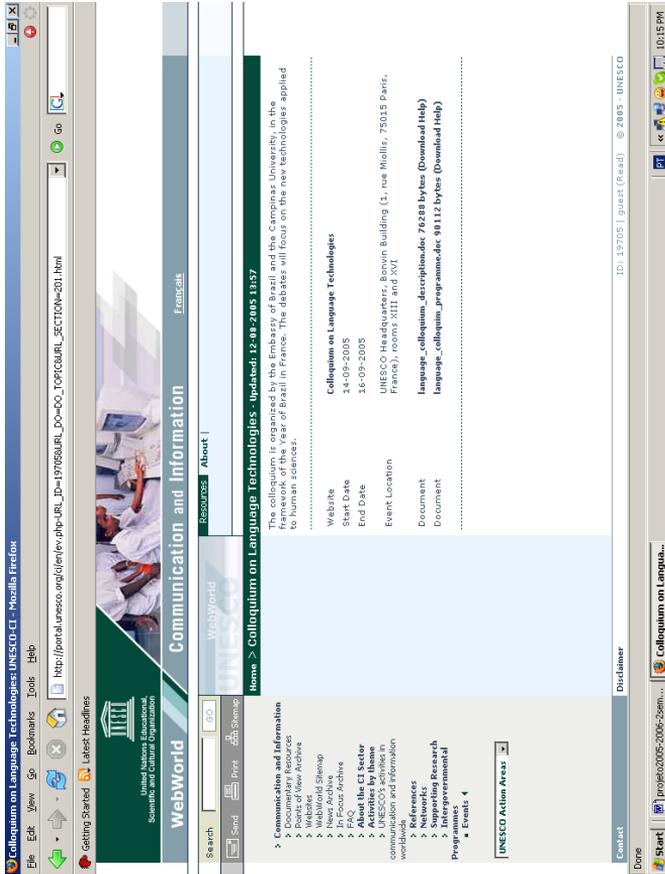
12/08/2005 Intercâmbio - Unicamp cria oportunidades para graduandos no exterior
Este ano, por intermédio da Associação das Embaixadas do Brasil no Exterior, o Grupo Montevideo (AGUM) formou por 18 universidades brasileiras e 18 universidades estrangeiras, sendo sete delas brasileiras -- a Unicamp conseguiu para universidade da Argentina, Universidade Tecnológica de Chile e Chile. [Clique aqui](#)

Agenda CORI

Prof. Luiz Cortez participa da Reunião de Delegados Assessores
Nos dias 08 e 09/05, o Prof. Luiz Cortez participou da Reunião de Delegados Assessores do Programa de Mobilidade de Docentes e Estudantes com países da América Latina. [Clique aqui](#)

Logos e Contatos:

 O Impulso **BRASIL - FAPESP**
 20 Anos do Programa de Mobilidade de Docentes e Estudantes com países da América Latina



The screenshot shows the website 'Centro Virtual Camões' with a navigation menu at the top and a main content area with several news items and resource boxes. The browser's address bar shows the URL 'http://www.instituto-camoes.pt/cv/'.

Clube de Leitura
Nova edição em Setembro

Fórum Português Língua Estrangeira
Partilhe no novo painel!

Em destaque

Instituto Camões
Prémio Príncipe das Astúrias de Comunicação e Humanidades 2005

Temas
Vida saudável

Navegações portuguesas
Novos artigos

BVC - Linguística
Artigos: *Oray de Aguiar, Vol. IV, Perpétua Gonçalves e Christopher Stroud (Org.)*

Res das Ventos
Zóro Vaz, um pouco do Neorrealismo
Amália Rodrigues

Fichas práticas para professores
Objetos com história

Idiomático
Revista Digital de Didáctica de PLM, N.º 5
Formação a distância

Laboratório de Escrita Criativa

Cultura Portuguesa Contemporânea
Temas, textos e autores

Cursos de formação
Ensino/Aprendizagem do PLM
Didáctica da Literatura

Oficina de formação
Construção de Materiais Interativos para PLE

Exames e iniciativas

Lingu@net Europa Plus

Ciclo de conferências Brain and Languages, ECEH da Universidade Nova de Lisboa, Fev. - Nov. 2005

Colóquio «Tecnologias de Linguagem», UNESCO - Paris, 14 a 16 de Setembro de 2005

Forum International Combative Linguistic Conference (ILCC-4), Santiago de Compostela, 20 a 23 de Setembro de 2005

Mais...

© Instituto Camões, 2005 | comunicacao@camoes.pt

Transferindo dados from [www.instituto-camoes.pt/...](http://www.instituto-camoes.pt/)

10:17 PM

Universidade Virtual de Língua Portuguesa

Universidade virtUal de lingUa PortUgUesa
PortUgUese langUage virtUal CAMPUs

Fevereiro 06 . FebrUary 06 . newsletter 0

Seguindo as orientações da Estratégia Intersectorial para a Filosofia da UNESCO, a rede internacional Caminhos do Pensamento procura estabelecer novas ligações que visam promover a educação à distância em filosofia e humanidades, em língua Portuguesa.

Para tal, a Divisão da Prospectiva do Sector de Ciências Sociais e Humanas da UNESCO prevê lançar uma rede inter-regional de Universidade e Centros de Investigação em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau (China), Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Following the guidelines of UNESCO's Intersectorial Strategy for Philosophy, the International Pathways of Thought network is seeking to establish new links in view of promoting Portuguese-language distance university education in philosophy and the humanities.

For this purpose the Division of Foresight of UNESCO's Social and Human Sciences Sector, is planning to launch an inter-regional Network of Portuguese Language Universities and Research Centers in Angola, Brazil, Cape Verde, East Timor, Guinea-Bissau, Macao (China), Mozambique, Portugal and Sao Tome and Principe.

foto . photo: Todd Schoenbaum

A rede tenciona criar uma plataforma para atrair e desenvolver recursos, excelência científica e instrumentos de ensino à distância.

Alargando-a a parceiros não-acadêmicos, dos sectores público e privado, esperamos que esta iniciativa contribua, a longo prazo, para a criação de uma Universidade Virtual transnacional em língua Portuguesa.

The Network is intended to create an exchange platform to pool and to develop resources, scientific expertise and distance learning tools.

By extending it to non-academic private and public partners we expect

this initiative to contribute, in the long term, to the establishment of a transnational Portuguese-language Virtual Campus.

Luso-Réseau Humanités . UNESCO . Social and Human Sciences,
Division of Prospective . 1, rue Miollis . 75732 Paris Cedex 15 . France .

humanirede@unesco.org

Frances Albernaz . f.albernaz@unesco.org

Véronique Aldebert . v.aldebert@unesco.org

Capítulo 2 (2006-2007)

O evento que realizamos em 2005 foi bem sucedido e nos convidaram para propor uma Cátedra UNESCO Multilinguismo no Mundo Digital. Como do grupo que organizou o evento eu era a única com o título de Doutora, o projeto viria para a Unicamp. Antes de voltar ao Brasil escrevi em interlocução com os oficiais da UNESCO, em Paris, este projeto. E como ele foi aprovado, apresento a carta do Reitor da UNICAMP que me indica como Coordenadora da Cátedra Unesco Multilinguismo no Mundo Digital sediada na UNICAMP, a apresentação da Cátedra como proposta de trabalho e o projeto de pesquisa encaminhado as agências de fomento.

Project of the UNESCO Chair Multilingualism in Digital World

Prof. Dr. Nelson Maculan

Proposer of Unesco Chair Multilingualism in Digital World

Superior Education Secretary, Ministry of Education (MEC), Brazil

Prof. Dr. José Tadeu Jorge

Proposer of the Unesco Chair Multilingualism in Digital World

Rector of the University of Campinas, Brazil

Profa. Dra. Claudia Wanderley

Proposer of the Unesco Chair Multilingualism in Digital World

Chair Holder of the Unesco Chair Multilingualism in Digital World

University of Campinas, Brazil

Submission of Project Proposal

General presentation Unesco Chair Multilingualism in Digital World

What is multilingualism in digital world?

"Increasingly, knowledge and information are key determinants of wealth creation, social transformation and human development. Language is the primary vector for communicating knowledge and traditions, thus the opportunity to use one's language on global information networks such as the Internet will determine the extent to which one can participate in the

emerging knowledge society. Thousands of languages worldwide are absent from internet content and there are no tools for creating or translating information into these excluded tongues. Huge sections of the world's population are thus prevented from enjoying the benefits of technological advances and obtaining information essential to their wellbeing and development. Unchecked, this will contribute to a loss of cultural diversity on information networks and a widening of existing socio-economic inequalities."¹

Multilingualism in digital world is a proposal created by Unesco to deal with universal access to information in a practical perspective, offering the possibility of a more societal integrated experience on information technologies development.

1. Languages and multilingualism in internet

As known, national languages appeared with the creation of national states. So it is quite recent in history the link between national identity and a national language, and the presence of one or more official languages for the government. But frequently there are other languages spoken in a country, which are not considered, which are not visible, non-official languages. Although they might not be officially recognized, they are present in our day by day lives and they are part of our culture, of our inheritance, of our memory.

As language and culture are always related, in what concerns electronic space, the idea of multicultural and multilingual society is much more adapted for internet environment. When multilingualism in digital world is at stake, it is important to remember that also a media format is a way to interpret, to produce meaning, and in a broader sense we shall consider that media is part of language, capable of expressing and interpreting the world in a specific pattern. So, when we consider the notion of multilingualism, in the sense of "meaning production", it naturally brings out the idea of multimedia information and expression. Furthermore, the very expression

¹ http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=16539&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html, Unesco, home page, access jan. 2006

"multimedia information and expression" presents the evidence that language is not limited to its written representation, or to the presence of an alphabet. A priori, language is made of concrete practices of human expression. Yet multilingualism indicates a democratic path through many languages, indicating also uncountable media supports for these multi-expressions possibilities.

Particularly, in the case of this chair, "multilingualism" points to the exploitation of digital media possibilities, considering the fact that linguistic means to interpret to read, to express, and to interact with ones' language and culture in digital world. Thus it is important to stress democratic access for all languages, as well as the use of different media formats while developing strategies and actions of the occupation of digital world by linguistic minorities, developing in parallel a multilingual education for preponderant linguistic communities in digital world. A broader use of internet tools, as discursive objects, is the goal to be achieved.

Nowadays, the access to internet is not as democratic as it could be. National languages are stronger in technologies development, in the sense that they have access to public policy funds to be put in electronic means. There are huge inequalities in language content distribution in electronic space. In cyberspace the limits to the circulation of information are strictly related to the capital invested to put forward the relation with a specific language through technology.

Information for all is still a dream, but we might change this reality with coordinated actions, education and reflection. As we know, nowadays there are about six thousand languages being spoken in the world and only twelve are representative in the internet. Among these twelve, English is responsible for more than fifty per cent of the existing content, while Portuguese, for instance, participates with seven percent of the total².

The first questions that we must be able to pose (attentively) for accomplishment of our goals: what is the value of a language on cyberspace? What is really needed to have our language in electronic materiality? What does it allow us to do? And how much time, and investment it will be necessary (in technologies development, in education, in absorbing the

² cf. Paolillo, J.; Pimienta, D.; Prado, D., Measuring linguistic diversity on the Internet, (document online at www.unilat.org/)

culture of consuming technology in great scale, in urbanizing the territory in a way that high speed connections and computers might work accurately, etc.).

Brazil, Angola, Cape-Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, Portugal, S. Tome and Principe and Timor-Lest are multilingual countries, but they all have in common the fact that officially they recognize themselves as Portuguese-speaking countries. It is fundamental to bring multilingualism education and development for the predominant language and for minorities languages, and to enhance world changes in digital world for Portuguese-speaking countries. For that purpose, we shall work with national language, and with all languages spoken in Portuguese-speaking countries.

The main proposal is to enhance the idea of democratic multilingualism in the Portuguese speakers community. Therefore, we intend to build a model of multilingualism availability in cyberspace in similar situations.

2. Partnerships

The Ministry of Culture of Brazil in partnership with the Chair Multilingualism in Digital

World will support the installation and organization of ten "pontos de cultura" hosted by Higher Education institutions (cf. www.cultura.gov.br) into the eight lusophone countries in which Portuguese language is considered as official language. This support is fundamental, and shows a strong will of the Brazilian government to foster multilingualism culture in digital space in Portuguese-speaking countries.

The Ministry of Education of Brazil (MEC), through the Higher Education Secretary supports this proposal, signing with this research team, based at Unicamp University, the proposal of the UNESCO Chair Multilingualism in Digital World. It is a demonstration of the interest of Brazilian government to foster academic exchanges, and to promote tertiary education content in Portuguese language, in multilingualism democratic perspective.

The UNESCO Unitwin Humaniredes absorbed the Chair Multilingualism in Digital World, and we will work in partnership to foster Humanities production and cultural circulation in lusophone countries. There

is a common interest to develop scientific debates, and cultural exchange in Portuguese language and this project is an opportunity to invest in these relations.

Activities of the Chair of Multilingualism in Digital World

The project "Chair of Multilingualism in Digital World" has an activity plan of three years, starting on September 2006. We understand that multilingualism perspectives and proposals for development and education will be accomplished in three years of work, and being possible a renewal. The Chair Multilingualism in Digital World shall either be renewed or will be considered extinguished. The reports of every year activity shall be sent to Unesco until the second month of the following year of activity.

Presentation

To foster education and development in digital world it is necessary to invest in educators in preponderant languages groups and in minority languages communities. Teachers, artists and people interested in digital world might be the first group to bring a substantial contribution on multicultural and multilingual discussion to society.

Teachers, especially university teachers, must be aware of new technologies and free technologies available. According to Brazilian researches, Brazilians with high education level have the tendency to use internet, and are supposed do manage skillfully the internet. It indicates that teachers have a good profile to get in touch with the promotion of the access to language technologies. For educators in general, multiculturalism and multilingualism are subjects of global importance, and we intend to develop this discussion together.

These two groups, educators and teachers, are the public thought for the two main activities proposed by the Unesco Chair "Multilingualism in Digital World": 1) the promotion of the access to language technologies; 2) human expression, human culture and human knowledge through informational technologies.

The colonization aspect

Developing countries, in general, do not have the conditions to follow up the rhythm and the costs of technological growth. Therefore there are many difficulties to have expressive or representative numbers in cyberspace. That is the case of Portuguese-speaking countries.

Important to notice, countries that were colonized have a particular multilingual profile. The language of the colonizer arrived in the territory and has silenced native languages (indigenous languages), and with slavery, it has silenced as well many African languages that came on caravels to Brazil from the XVIth century to the XIXth century. So, colonies and ex-colonies have multilingual traces in common, that do not exist in the colonizer territory. The use of the silence, the censorship, the capacity and the incapacity to express in the "official language" is different. The comprehension of silence as "voicelessness"³. The speaking-less traces that indicate a memory that cannot be "translated" into Portuguese are also part of multilingual issues. These are keen multilingual questions that are still to be explored in serious research.

Nowadays eight countries have Portuguese as their official language: Angola, Brazil, Cape-Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, Portugal, S. Tome and Principe and Timor-Lest. Altogether they sum up to two hundred and fifty million (250.000.000) Portuguese speakers. A research of United Nations Statistics Division shows us the percentage of the population of each country that have access to internet, and the year into which data was collected⁴:

Country/	percentage of the population/	year
Angola	0.29	(2002)
Brazil	8.22	(2002)
Cape-Verde	4.36	(2003)
Guinea-Bissau	1.48	(2003)
Mozambique	0.28	(2002)
Portugal	19.35	(2002)
S. Tome and Principe	9.87	(2003)
Timor-Lest	(no data).	

³ Our thanks to Valéria Monteiro, for the suggestion.

⁴cf. http://unstats.un.org/unsd/mi/mi_series_results.asp?rowID=605

Visibly, efforts for development and education in multilingualism, as well as in Information and Communication Technologies' (ICT) development, shall be done on behalf of Portuguese speakers in digital world. For this second reason we propose the Chair Multilingualism in Digital World.

2. First year proposal

2. 1. To promote access to language technologies:

Normally, the first condition to be in digital world with one's language is to have platforms and software that work with the characters of that language. Unicode project is the best example of this basic stone of multilingualism. Once in Unicode, platforms, software and (most important) instructions and manuals of each electronic tool must be well translated to the idiom in question. It is a high level investment to digital industries, and usually it must reflect a high level of consume.

Likewise, there are other media that can be used to integrate digital expression within a community. It is possible to work with what is already available, and to put these communities immediately in touch with digital world via sound, scanning images, video making, audio and video-conferences, etc.

The need to foster multilingualism and multiculturalism in internet implies that we will work with languages that are not very representative in digital world, such as Benue-congo, Canuri, Nago-queto, Quicongo, Quimbundo, Umbundo, Dutch, English, German, Idich, Italian, Leto, Spanish, Arabic, Chinese, Japanese, Korean, etc (such group of languages are part of the Brazilian culture, for instance). For different reasons these populations did not have access to technology, or to their digital tools in their language, so it is our role to present the electronic tools and to diversify linguistic inputs possibilities in digital world.

On the technological side, for software, an open source strategy: to gather digital resources in open code⁵, as well as freeware or shareware

⁵ Open code refers to the availability of the programming code of an electronic tool, what permits collective creation and re-creation of the tool in network, or individual

software related to education, science, or library building, and make them available to teachers. It means to build a public data base in Portuguese language with the digital tools that might be used free of charge to promote local content, knowledge in internet. These resources will be available in our site with an open forum to exchange information with the educational software builders and users.

Also an open computer room with digital access, multimedia equipment to record and edit audio, video, and text, (this model is called "ponto de cultura" (culture point), and is proposed by the Brazilian Ministry of Culture), will be projected and installed in ten superior education institutions, in all eight lusophone countries for digital exchanges, courses and presentations, with the sponsorship of the Brazilian Ministry of Culture (MinC).

2.2. Actions

In the first year, a map of minorities languages in Portuguese-speaking countries will be set. The info situation of these communities, their real access to ICTs, as well as one-starting point to present Digital resources to this community will be set. The starting point might be scanning paintings, taking photos, recording music, producing videos, radio internet, communication via web, online conferences, etc. Briefly, they will be presented and monitored towards an electronic discourse that is close to the day-by-day practice, in order to be immediately useful for that community.

In our linguistic perspective, the introduction of digital production

adaptation of the program for specific needs.

⁶The nature of ICTs is dual; they are both productive assets, as well as consumables. In that setting, the conceptual framework developed the notions of a country's infodensity and info-use. Infodensity refers to the slice of a country overall capital and labor stocks, which are ICT capital and ICT labor stocks and indicative of productive capacity. Infouse refers to the consumption flows of ICTs. Technically, it is possible to aggregate the two and arrive at the degree of a country's ICT-ization, or infostate. The Digital Divide is then defined as the relative difference in infostates among economies. p. 3 In "From Digital Divide to Digital Opportunities", Orbicom, online document.

of content to linguistic minorities does not come necessarily via keyboard. On the contrary, to restrain the access of these minorities to the expensive production of an alphabet, and software, might slow down their contact with digital world, or in some cases - when there is no alphabet - making artificial linguistic tools for a community is to bring more problem to a culture that as a matter of fact, never has had before the need to a proper alphabet has never needed a proper alphabet, turning the digital aspect to secondary level.

We consider as well that sound transmission and sound recording and, therefore, radio transmission, is a strong tool to feel digital possibilities, for a linguistic community that doesn't have an alphabet available, with a relatively low cost. By the nature of their situation as minority language, they are normally not used to written media. They usually circulate in a different "support", through music, dance, design, fashion, cultural habits, etc., that is, they circulate differently in each case. It is minority language with its particular traces that might enable multilingualism to circulate in a first moment.

This circulation has to have the support of the preponderant language and the academy role in this case is to promote the education and multiplication of a welcome practice towards multilingualism and multimedia expression in digital world.

In summary to promote access to language technologies requires:

- a) preparation of the team: organization of curses programs for multipliers in digital technologies and language technologies.
- b) building the project site with an open forum.
- c) mapping free software for education in Portuguese language, with an open forum.
- d) the planning of the "Ponto de Cultura" (MinC support) implementation in network for the second year.
- e) a map of linguistics minorities in speaking-Portuguese countries.
- f) an Introduction of the digital world for each linguistic minority on the map, a formation of monitors on one media production, and multilingualism awareness and practices in the group.
- g) reflections on multilingualism in digital world, first journey for debates and publication.
- h) ways of enabling replacement of the visiting teachers' staff among the countries involved as a means to strengthen initial bonds.

3. Second year proposal: keep the activities and organize first year's results:

On the second year of the Chair Multilingualism in Digital World we shall have the same

activities described for the first year, and as a result of the first year, we will have:

- a) Work groups on Brazilian language with educational purposes, multiplying multicultural and multilingual perspectives.
- b) An observatory of electronic tools for education in Brazilian Language. A list of free internet tools, their developers and online help available on the site of the Chair Multilingualism in Digital World.
- c) An open forum in Brazilian language for teachers to learn, discuss and to be updated on electronic tools to foster multiculturalism and multilingualism in digital world, on the site of the Chair Multilingualism in Digital World.
- d) The integration of non-official languages in Portuguese-speaking countries in the discussion, by participating of the previous activities.
- e) The identification of the main difficulties to the "visibility" of these non-official languagespeakers and their cultures in Portuguese-speaking countries and in Digital World.
- f) The proposal of a starting point of Multilingualism, from the Portuguese-speaking perspective, as well as from the Digital World immediate possibilities.
- g) The maintenance of replacement of the teachers among the countries involved in the project.

The objective of the observatory and the forum is to articulate developers of free and open source as well as freeware and shareware software that work on Brazilian language, to make their work available in a simple and practical way to teachers, artists and citizens interested, all in a multilingual educational basis.

As a multilingual strategy, it is important to invest in "local content production". In fact, we believe that if teachers and students are not aware of the possibilities of digital world for educational services and scientific expansion, in Portuguese language, it will be hard to propose something alike to non-official languages in Portuguese-speaking countries. This difficulty is due to mainly because the actors will not have a practical reference for this

proposal. Hence, it is a multi-task project: a) to develop multilingualism discussion in Portuguese-speaking countries; b) to promote the availability of tools in Portuguese language for school an university access to informational technologies, and learning processes and lowering cost; c) to integrate linguistic minorities, or non-official languages communities, in Portuguese-speaking countries in Portuguesespeaking classrooms; and d) to integrate linguistic minorities, or non-official languages communities, in Digital World.

At the same time, it is significant to give for the developers a feed back of their work, and to promote synergies towards multicultural education in digital world.

3.1. To promote a way to comprehend new technologies on behalf of human expression

The second activity is to form and inform teachers in order to enhance the multiplication of multilingual and multicultural interpretations in digital world through school practices. Considering that Multilingualism is not a frequent subject in Portuguese speakers life, which has a lot to do with Portugal policies established in colonization processes, the contact with secondary and tertiary education teachers in Portuguese language is very important to promote attitude changes.

The Chair Multilingualism in Digital World will propose courses for different groups of teachers, called monitors in this project, that will be able to multiply the discussion of multilingualism in Brazil and that will share their experiences in an electronic forum in Portuguese language or in a minority language in Portuguese-speaking countries. These courses shall establish relationships among information and cultures, information and languages, subjectivity and interpretation in digital world.

The material used in classroom will always be available online. We expect to have modules of discussion that will be published in such a way that anyone, aware of the project, will be able to download this material and to develop discussions on multilingualism or multiculturalism in digital world independently.

The objective of this work is to offer new perspectives, culturally integrated, to the use of internet in human expression, teaching practices, and software use, in Brazilian language, or in Portuguese Language (see annexes 1

an 2 in this project). The objective is to foster the presence of cultural traces in digital world and to permit the idea of information society to be assimilated as a step in the direction of a knowledge society in digital space.

The comprehension of the need of expression of each linguistic group, be it a preponderant linguistic group or a linguistic minority, based on their own values and ideas, in tension with the limits of technology and the real ICT's possibilities of that region, might open (and that is our hypothesis) new ways of expression, new ways of writing and reading, and interpreting in digital space.

All activities are complementary with first year activities.

In summary, for the second year:

- a. digital inclusion of linguistic minorities,
- b. a site of software for education, with a forum.
- c. ten "pontos de cultura" in eight Portuguese-speaking countries, installed in higher education institutions.
- d. Lusophone education for multilingualism: courses for groups of monitors, in which the material will be lately available online for what we call "multipliers".
- e. development of the site with multilingual and multicultural material to foster discussion, and the open forum.
- f. the building of a multilingual and multimidiatic net, gathering the linguistic minorities' groups that started to express themselves in digital world, that will be available in the site of the Chair Multilingualism in the Digital World, data bank of images and sounds (music, chant, ceremonies, discourses, etc.)aiming the elaboration of audio-visual materials, that shall be vehiculated through "pontos de cultura", allowing a real exchange of experiences, points of view,as well as knowledge exchange what will contribute to the widening of digital culture and the recognition of cultural socio- linguistic differences.
- g. reflection on multilingualism in Digital World; first public exposition and publication of first results; first colloquium.
- h. to promote human multicultural expression in digital environment: courses for groups of monitors on tertiary and secondary education, and monitors of minority languages in Portuguesespeaking countries. The material will be lately available online for what we call "multipliers".
- i. the replacement of the visiting teachers among the countries involved in the project.

4. Third year: linking partners to multilingual discussion

The third year of work is dedicated to link existing initiatives around the world to this project.

The idea of a multilingual group in the world is a lot present. We expect to have others Chairs of Multilingualism in the world to share with them our work. We expect to propose partnerships in similar questions, as well as in the case of communities in opposite situations.

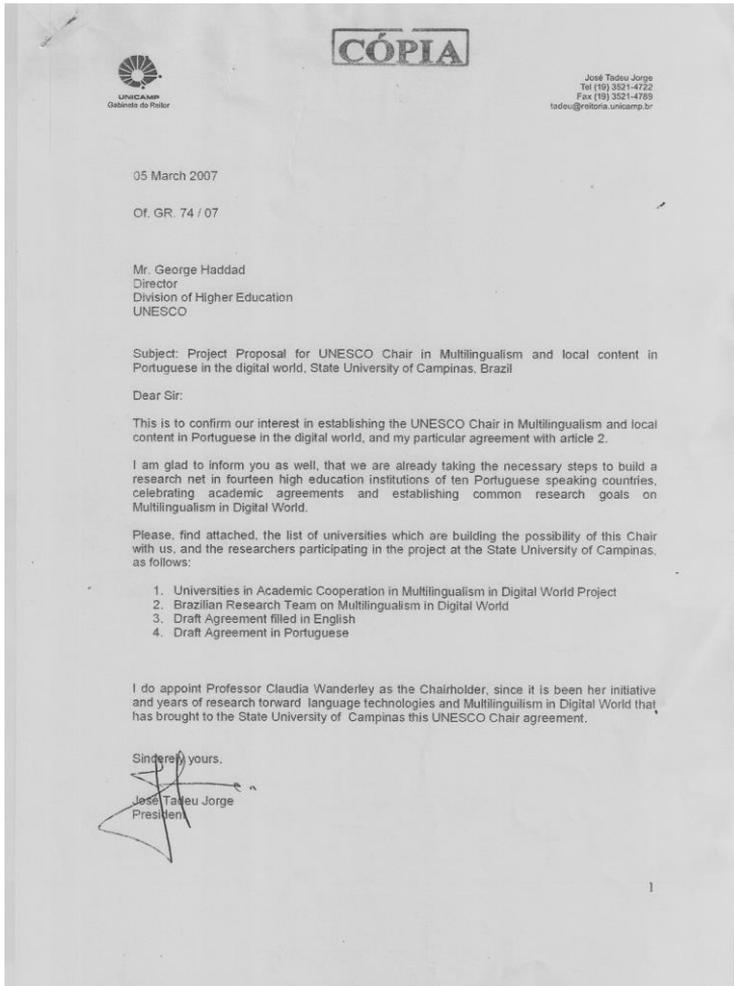
In summary, for the third year:

- a. maintenance of the site of software for education in lusophone countries, with a forum.
- b. ten "pontos de cultura" working in their total capacity.
- c. digital material of multilingualism available online for what we call "multipliers".
- d. development of the multilingual and multicultural discussion material to foster discussion, an open forum.
- e. expansion of a multilingual net, gathering the linguistic minorities' groups that started to express themselves in digital world, that will be available in the site of the Chair Multilingualism in the Digital World
- f. reflection on multilingualism in Digital World, international congress, expo, and publication.
- g. to propose new partnerships.
- i. replacement of teachers among the countries involved in the project.

5. Working group

In this project there are different tasks shared with specialists in multilingualism that are based at Unicamp University. The tasks of this project are as well shared with Researchers from the History of Linguistic Ideas project, and these peoples are all over Brazilian territory (Universities in Rio de Janeiro, Brasília, Manaus, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, etc.).

There is a nuclear team of ten researchers that will be responsible for the organization of the Chair Multilingualism in Digital World.
 Research on Multilingualism and citizenship.



Sobre a Cátedra Unesco Multilinguismo e Produção de Conteúdo em Língua Local no Mundo Digital

Apresentação

A proposta da cátedra é promover reflexões atualizadas sobre a produção de conteúdo na língua local dos países lusófonos e a integração das minorias lingüísticas, através do registro, circulação e interação de suas práticas discursivas no ambiente digital. O investimento nas discussões sobre multilingüismo em países de língua portuguesa - atualmente 10 países e 14 Instituições de Educação Superior - pode facultar novas maneiras de compreender minorias lingüísticas em países lusófonos, respeitando as peculiaridades de cada povo no que diz respeito ao tipo de discurso que seja mais indicado para cada um, e não, simplesmente, impondo um modelo comum posto como norma no espaço digital.

O modo de circulação de conteúdo é também plural, para, assim, responder às necessidades e possibilidades de cada país e instituição participante. Sediada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a *Cátedra UNESCO Multilingüismo e produção de conteúdo em português no Mundo Digital* foi criada em 22 de junho de 2007.

Objetivos

- Fomentar o contato no espaço digital entre institutos de pesquisa nos países que utilizam língua portuguesa nesse espaço digital;
- Integração das várias equipes do projeto, através de eventos internacionais, intercâmbio de alunos, professores e pesquisadores;
- Criação de bases de dados voltada especificamente para a circulação da produção de Ciências Humanas em língua portuguesa no mundo digital;
- Nesse contato, produzir interfaces e estruturar espaços de trabalho intelectual colaborativos *on line* que possamos em conjunto:

1. Produzir reflexões sobre multilingüismo e, particularmente, sobre

Multilingüismo no Mundo Digital;

2. Mapear minorias lingüísticas nos países que utilizam a língua portuguesa;

3. Baseados nessas reflexões, desenvolver ações capazes de integrar povos que, atualmente, não têm acesso às novas tecnologias de informação;

4. Incentivar relações entre países falantes da língua portuguesa, promovendo o respeito à diversidade lingüística e a produção de conhecimento.

Projetos

- Projeto de Pesquisa Mapeamento de Networks em Multilinguismo (Unicamp, Brasil);
- Projeto de Pesquisa sobre Audiolivro (Unicamp – Brasil);
- Projeto de Pesquisa sobre condições de circulação das línguas africanas e asiáticas (Unicamp, Brasil),
- Projeto de Pesquisa para gêmeamento de bibliotecas digitais em rede (Unicamp – Brasil);
- Programa de Radio Web sobre Língua Portuguesa de Cabo Verde (Universidade Jean Piaget - Cabo-Verde);
- Master in China-Europe Comparative Studies (Instituto Inter-Universitário de Macau);
- Master in Latin-American Studies (Instituto Inter-Universitário de Macau);
- Master in Lusophone Studies (Instituto Inter-Universitário de Macau);
- Patrimônio Histórico e Cultural das Comunidades de Representação Lusófona no Sul da China e Sudeste Asiático - Invasia (Instituto Inter-Universitário de Macau);
- Projeto Multilingüismo em Angola (Universidade Agostinho Neto - Angola);
- Projeto de criação de software em Quicongo para alunos da rede pública (Universidade Agostinho Neto-Angola);
- Projeto Ponto de Cultura Multilingüismo no Mundo Digital (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa – Guiné Bissau);
- Projeto Multilinguismo no Mundo Digital (Escola Normal Superior Tchico Té – Guiné Bissau);

- Instalação e operacionalização de uma base de dados em e sobre a Língua Cabo-verdiana (LCV) – (Instituto Superior de Educação, Cabo Verde);
- Conceção e atualização de uma website sobre a língua e a cultura cabo-verdiana (Instituto Superior de Educação, Cabo Verde);
- Levantamento da situação das línguas Angolar, Forro e Lunguê de São Tomé e Príncipe (Instituto Superior Politécnico, São Tomé e Príncipe);
- Projeto de criação de Mediateca Virtual, para assegurar os serviços de catálogo geral, empréstimo entre bibliotecas, serviço de documentação por contacto e acervo de documentos no domínio digital (Universidade Jean-Piaget, Cabo Verde);
- Mapeamento das comunidades minoritárias crioulas luso-asiáticas da Ásia Oriental e das comunidades minoritárias não-lusas de Macau, avaliando as suas perspectivas sobre um projeto de integração social e digital (Universidade de Macau - China);
- Recolha exploratória de informação sobre as comunidades linguísticas que desde o século XVI desenvolveram crioulos com base na língua portuguesa na Índia, Ceilão, Malásia, Macau e Timor (Instituto Internacional de Macau - China);
- Patuá On line - plataforma digital interactiva, uma base de dados dedicado ao crioulo de Macau – o Patuá (Instituto Internacional de Macau - China); Levantamento das comunidades onde a língua portuguesa convive com as línguas bantu moçambicanas. Estudar o nível de interesse e possibilidades destas comunidades em participarem do processo de inclusão digital (Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique);
- Levantamento do multilingüismo em Portugal, comunidades de migrantes (Universidade Nova de Lisboa -Portugal).
- Explorar as possibilidades de inclusão multilingue do software de biblioteca digital Greenstone <www.greenstone.org>, (Universidade da Nova Zelândia)
- Desenvolvimento das capacidades multilíngues do software Greenstone e criação de coleções para a rede de pesquisa (Unicamp, Brasil)
- Desenvolvimento de uma análise crítica das possibilidades dos softwares Greenstone e Dspace para inclusão multilingue do conhecimento local e sua circulação. (Universidade Jean Piaget- Cabo

Verde e Unicamp – Brasil).

- Projeto Sons da Língua Brasileira, que deveria agregar todos os arquivos de som gravados no Laboratório de Fonetica da Universidade de São Paulo (USP) nos últimos cinco anos. Em parceria com Unicamp e Universidade Jean Piaget deveriam ser catalogados.
- O projeto “Ambiência e conflitos urbanos — o caso de Vitória – ES” (Ambiance and Urban conflicts – the case of Vitoria-ES-Brazil) traz para o cenário urbano questões como oralidade, liberdade de expressão e desenvolvimento urbano. (Universidade Federal do Espírito Santo)
- O projeto “Health Environmental Risk Management Proposal for Poor Livelihood : Participation Methodology in Creating Educational Content for Local Use”, uma pesquisa para promover materiais educacionais sobre meio ambiente em línguas locais. (Unicamp no Brasil, Universidade de Washington, Universidade Jean Piaget em Cabo Verde e Faculdade de Ciências Ambientais na Universidade de Pequim - China)
- Projeto do VIII e IX Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas, 2009-2011 (VIII and IX Meeting about Reading and Writing in Indigenous Societies). (Unicamp)
- Projeto do I Congresso sobre Pós-colonialismo na Amazônia (Universidade da Amazônia – Brasil).
- Revista Humanas, revista científica sobre as humanidades em tempos pós-coloniais (Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Jean Piaget, Unicamp) (www.revistahumanas.org).
- Criação de Bibliotecas Digitais para educação fundamental em Vitória (Universidade Federal do Espírito Santo e Unicamp)
- Programa Iniciação Científica Júnior – PICJr, projeto “Acervos Digitais Multilíngues: uma rede júnior”, CNPq, Unicamp

www.multilinguismo.org

multilinguismo@gmail.com

Projeto Multilinguismo no Mundo Digital (Multimundi)

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

27/9/2007

I. Apresentação do Projeto

Título: Multilinguismo no Mundo Digital

Sigla: MULTIMUNDI

Prazo de Execução: 24 meses

Área Geográfica de Atuação: Brasil, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor-Leste, China (Macau), São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Portugal, Guiana Equatorial.

O projeto Multilinguismo no Mundo Digital propõe uma reflexão atualizada sobre a produção de conteúdo nas línguas locais, e a integração das minorias lingüísticas, através do registro, circulação e interação de suas práticas discursivas no ambiente digital. Nossa hipótese de trabalho é que o investimento nas discussões sobre multilinguismo em países de língua portuguesa pode facultar novas maneiras de compreender minorias lingüísticas em países lusófonos, respeitando as peculiaridades de cada povo no que diz respeito ao tipo de discurso que seja mais indicado para cada um, e não simplesmente impondo de forma danosa um modelo comum posto como norma. Importa também investigar a função do discurso, enquanto instrumento democrático em contraposição à violência decorrente da falta de liberdade de expressão. Além disso visa-se criar um grupo de educação superior pronto a debater questões relativas ao multilinguismo e à utilização das novas tecnologias mediadas pelas Ciências Humanas, visando a produção, divulgação e circulação científica em língua portuguesa.

A linguagem que pode ser utilizada tanto para comunicar sentimentos e intenções e aproximar os indivíduos pode tornar-se também, instrumento de dominação e engodo. O abuso da linguagem inscreve-se na história, contribuindo para a ampliação e enraizamento das desigualdades entre os homens. As formas culturais enquanto expressões de experiências de sociabilidade ímpares devem ser respeitadas em suas peculiaridades (diferenças). Quando a voz se cala, a persuasão e a eloquência cedem lugar à

força e à liberdade se esvai propiciando o império da violência. A utilização e a repercussão dos discursos, com ênfase no respeito às culturas e línguas, podem favorecer ou prejudicar a igualdade e a liberdade, propiciando uma melhor ou pior sociabilidade. Importa verificar quais as possibilidades reais que os povos/culturas possuem de se dizerem e de participarem ativamente da construção de sua soberania e do diálogo entre as culturas no sentido de superar as barreiras do Estado-Nação possibilitando uma maior rede de discussão e de implementação de espaços de prática democrática em nível supranacional, importa nesse sentido realizar um estudo acerca das dificuldades, dos obstáculos encontrados no que concerne a implementação da inclusão digital e da utilização deste espaço no sentido de fortalecer as práticas acima citadas.

Atualmente o espaço digital agrega a atenção e articula profissionais de diversas áreas, tanto pela sua capacidade de produzir contatos como pela possibilidade de armazenamento e disponibilização de dados para a sociedade. Das aproximadamente seis mil línguas presentes no mundo hoje, apenas doze têm presença significativa na internet, onde o inglês ocupa mais de cinquenta por cento do conteúdo, e a língua portuguesa aparece hoje (2007) com sete por cento do conteúdo disponível. Por diferentes razões a comunidade falante do Português não tem acesso sistemático a conteúdo de terceiro grau (nível universitário) em língua portuguesa. Mesmo a língua portuguesa sendo um denominador comum a dez países (Brasil, Timor Leste, China (Macau), Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Guiana Equatorial e Portugal), são poucos os acordos de trabalhos acadêmicos em comum e não temos notícias de projetos que articulem digitalmente as várias produções científicas no espaço digital, para referência, e auxílio na formação superior dos jovens falantes do Português.

Com o apoio da Unesco, do Ministério da Cultura do Brasil (equipe de Articulação Digital), e Ministério de Educação do Brasil (equipe da Secretaria da Educação Superior), tomamos a iniciativa de promover a importância de ler, escrever, trocar, gravar pesquisas, artigos, debates, literatura, histórias, festas, rituais, experiências que possam ser passadas para o espaço digital em Língua Portuguesa. Uma dinâmica digital que permita trocar e produzir conhecimento.

O modo das línguas estarem presentes na internet reflete a desigualdade social e econômica das comunidades lusófonas e das

comunidades falantes de línguas minoritárias no espaço lusófono frente ao desenvolvimento tecnológico. As crianças e jovens falantes do Português e das línguas locais que convivem com o português devem poder ter acesso a conteúdo de qualidade em sua língua materna. Isto implica fortemente o mapeamento de línguas minoritárias nos países onde a lusofonia se estabeleceu. As comunidades de línguas minoritárias deverão elas também ter acesso ao espaço digital, dentro das possibilidades e interesses de cada uma, para que o acesso à internet e à tecnologia seja o mais democrático possível.

A desigualdade social no espaço digital está diretamente ligada às oportunidades e conteúdos disponíveis em sua língua materna. A ausência de uma rede de troca cultural e científica em língua portuguesa que prestigie as línguas locais nos dá pistas de uma geração que precisará trabalhar em outra língua para se desenvolver profissionalmente.

Este projeto tem como principal vetor abrir um fórum de trocas em língua portuguesa, incluindo as línguas minoritárias dos espaços lusófonos, para a promoção de articulações científicas, culturais e comunitárias entre os dez países.

Queremos trabalhar em três etapas:

Como espaço de pesquisa, este projeto propõe a metodologia da Análise do Discurso, baseada fundamentalmente nos trabalhos de Michel Pêcheux. Neste sentido, este projeto se organiza como a escuta de um silêncio no espaço digital: a falta de articulação e visibilidade de trabalho digital à distância entre universidades de nível superior em língua portuguesa nos dez principais países falantes do português hoje, são eles: Brasil, Timor Leste, China (Macau), Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Guiana Equatorial e Portugal. Este silêncio é sinal de uma geração de duzentos e cinquenta milhões de falantes que pode não ter acesso a produção de nível superior em língua portuguesa, e portanto tornar-se uma geração de adultos que não terão a língua portuguesa como língua de trabalho, ou como lugar de reflexão, poesia, e produção cultural. O trabalho a ser desenvolvido por nossa equipe em parceria com instituições de nível superior nos países supracitados, funciona em três grandes etapas.

1. Coleta de dados, mapeamento da situação lingüística e tecnológica nos dez países. O que auxiliará em uma compreensão da situação atual deste

grupo e em propostas exequíveis de trabalho em conjunto.

2. Proposição de acordos para o estabelecimento de uma rede de cooperação acadêmica e cultural digital entre os dez países. Ressaltamos que temos oficializados dez acordos de cooperação (ver lista dos acordos no anexo II) para este projeto e esperamos finalizar mais cinco acordos de cooperação. Implementação de uma prática de pesquisa conjunta nesta rede digital. Troca de professores, cursos de extensão, mini-cursos de formação para absorção das novas tecnologias no espaço acadêmico e comunitário e início da consolidação de uma comunicação digital, pelas vias cultural e científica entre os dez países.

3. Análise do processo desenvolvido, compreensão do papel e do valor atribuído à língua portuguesa e às línguas minoritárias em cada um destes países e proposição e viabilização de um modelo de trabalho cooperativo no espaço digital.

Nessas três grandes fases, teremos especialistas de diversas áreas analisando questões específicas e promovendo uma relação refletida entre as comunidades e os instrumentos tecnológicos, pensados como tecnologias de linguagem, tecnologias de produção de sentido para a rede mundial de computadores, e tecnologias de produção de sentido para a rede mundial de falantes da língua portuguesa e os falantes de línguas locais em países de língua oficial portuguesa.

Assim, propomos investir na realização de uma conversa digital entre os países lusófonos (agora também pensados como multilíngues) e propiciar, através da reflexão cuidadosa, instrumentos eletrônicos e modos de contato e de trabalho em conjunto à distância que possam ser absorvidos e integrados localmente e coletivamente, de forma a contribuir para a minimização da desigualdade digital, no que se refere à comunidade de língua portuguesa e às comunidades falantes de línguas minoritárias no espaço lusófono.

A importância do espaço digital:

O espaço digital é o espaço privilegiado de execução e acompanhamento do projeto. Justamente porque é ele que deve ser ocupado pela produção de nível superior dos países falantes do Português e pelas comunidades de línguas minoritárias no espaço lusófono.

Assim, é a elaboração do site wiki de forma colaborativa com os

parceiros das universidades no exterior, e a elaboração do modo de funcionamento e circulação destas informações de forma cooperativa com a Unesco que nos permitirá trabalhar com os diferentes participantes e objetivos atrelados a este projeto. O site é referência de gerenciamento e trabalho e por excelência o lugar de encontro e de visibilidade deste projeto. Atualmente estamos testando softwares livres (gentilmente disponibilizado pelo SESU/MEC), e iniciando a fase de população do site, endereço atual: www.multilinguismo.unicamp.br ⁷.

A tendência deste site, embora atualmente incubado na Unicamp, é migrar para um endereço público e aberto, onde todos os participantes do projeto tenham autonomia de publicação, modificação e proposição de assuntos, e no qual fiquem representados igualmente os países, as instituições parceiras de nível superior e a Unesco.

Em termos gerenciais, estamos trabalhando em cooperação com a rede UniTwin Humaniredes da Unesco, no estabelecimento de contatos entre as instituições de nível superior nos nove países lusófonos, e nos aliamos a esta UNITWIN Humaniredes Unesco para produzir um fórum internacional que dê visibilidade à importância das humanidades em língua portuguesa nos dias atuais. Nossa participação é criar e coordenar este grupo de forma a propiciar uma rede digital inicial que ligará instituições superiores de todos estes países e em cooperação com a Humaniredes e promover o intercâmbio dos trabalhos de Humanidades presentes nestes países.

Figuramos hoje como primeiro projeto de articulação digital entre os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), e temos também o apoio da Delegação Diplomática do Brasil na Unesco, para que nosso projeto faça parte do programa de desenvolvimento e difusão da língua portuguesa no mundo da CPLP e na CPLP-Unesco. Trabalhamos também em cooperação com o MinC na elaboração e implementação de dez pontos de cultura no exterior, que foram cedidos a este projeto para serem instalados em instituições de nível superior destes nove países.

Os pontos de cultura no exterior serão implementados em universidades que estejam dispostas a colaborar com o Projeto

⁷Os trabalhos deste site foram perdidos, por problemas de ingerência que não tivemos acesso, mas é possível ver o que está acontecendo atualmente no link www.multilinguismo.org.

Multilinguismo no Mundo Digital, e que tenham interesse em promover uma rede digital cultural e científica nos países lusófonos, incluindo a participação das línguas minoritárias presentes aí.

A Unesco reconheceu a importância deste projeto, elevando-o ao estatuto de Cátedra Unesco "Multilingüismo e produção de conteúdo em português no Mundo Digital", sediada atualmente na Universidade Estadual de Campinas, sob a coordenação (Chairholder) da Profa.Dra. Claudia Wanderley.

O Centro de Atendimento Sócio-educativo (COL) contribui com sua infraestrutura e perspectiva de trabalho em conjunto, para integrar menores infratores através do contato com o espaço digital e com as questões de língua minoritária e lusofonia.

Esses elementos se organizam a partir dos trabalhos dos pesquisadores que fazem parte deste projeto. Tendo a Cátedra Unesco "Multilingüismo e produção de conteúdo em português no Mundo Digital" atualmente na Unicamp como espaço de gerenciamento e formulação da pesquisa, da implementação tecnológica, e do funcionamento desta rede de modo cooperativo, na figura do coordenador do projeto.

Onde queremos chegar:

- cursos em tecnologia digital e tecnologia da linguagem para multiplicadores
- site do projeto, já disponível uma primeira versão em www.multilinguismo.unicamp.br⁸, remodelado para a estrutura wiki.
- mapeamento dos softwares livres para educação na língua portuguesa
- planejamento e viabilização dos pontos de cultura, para implementação refletida de uma rede digital lusófona nos países de língua portuguesa
- discussão de modos de inclusão no espaço digital para cada minoria lingüística através de mini-cursos e/ou formação de monitores nestas comunidades

⁸Como já dissemos, os trabalhos deste site foram perdidos, por problemas de ingerência que não tivemos acesso, mas é possível ver o que está acontecendo atualmente no link www.multilinguismo.org.

- reflexão sobre o espaço digital de língua portuguesa, primeira jornada de debates e publicação;
- início dos trabalhos de intercâmbio de professores e pesquisadores entre os países envolvidos (pedido de projeto de integração entre institutos de nível superior e a Unicamp em elaboração para a Capes);
- formação de agentes multiplicadores do multilinguismo no espaço digital;
- produção de um observatório digital dos instrumentos eletrônicos para educação, com fórum de debates (site wiki)
- Rede Digital de intercâmbio em língua portuguesa disponível para a sociedade que tenha acesso à rede mundial de computadores.

Como podemos acessar o trabalho realizado:

O conceito de máquina de produção colaborativa leva em conta a conexão e acoplamento de atores humanos e não-humanos (computadores, pessoas, softwares, rádios, redes de informação, linguagem) para a criação de estruturas de trabalho em que os produtos são considerados bens coletivos e produzidos cooperativamente. O objetivo é explorar o potencial do modo de produção do software livre como um modelo para a produção de conteúdos em línguas minoritárias.

Neste sentido os mecanismos de transferência de resultados se organizam através do site do projeto Multilinguismo no Mundo Digital. Realizaremos o desenvolvimento de ambientes virtuais de colaboração baseados nas plataformas wiki e drupal, que permitem a colaboração para a produção de textos, publicação e troca de conteúdos digitais. Além de fornecer a estrutura de comunicação para os participantes (fóruns, blogs, páginas, chats, etc).

Com o servidor Icecast será trabalhada a técnica de streaming de áudio-transmissão de áudio em fluxo contínuo de dados – que permite a integração de transmissões de rádios AM e FM para a rede e da inversão do conteúdo produzido na rede para as transmissões de rádio. Além disso, será possível que os participantes dos diferentes locais de aplicação do projeto 'conversem' entre si e que os resultados produzidos pelos participantes sejam transmitidos a um público mais amplo. O objetivo é que através dessa estrutura de comunicação o público participante se aproprie dos mecanismos

de produção de conteúdo, manutenção e administração da estrutura de produção. A idéia é trabalhar com diversas linguagens e narrativas na produção digital multimídia e copyleft.

Além do percurso científico e digital, o projeto também se utilizará da linguagem jornalística, artística e dos meios de comunicação tradicionais para a divulgação de atividades e resultados nos países parceiros. Elaboração de releases, produção de reportagens especiais, filmes para escola, filmes de divulgação científica, organização e divulgação de eventos científicos, promoção de entrevistas individuais e coletivas são alguns dos elementos a serem explorados.

Um jornal institucional, com tiragem de três mil exemplares e periodicidade trimestral servirá ainda de suporte ao mailing list, disponibilizando resultados parciais e reflexões teóricas para autoridades políticas e científicas dos países lusófonos (distribuição a ser realizada pela Unesco), enquanto que a elaboração e atualização de um website de notícias do Projeto Multilinguismo no Mundo Digital trará assuntos mais factuais, bem como abrirá espaço para que as comunidades multilíngues possam expor suas culturas e formas de ver e pensar a sociedade que as cercam.

Trabalharemos também com o intercâmbio de pesquisadores, cursos de especialização, formação de curto prazo presencial e à distância, visando o estabelecimento de novas práticas de trabalho acadêmico entre os nove países.

O nível de articulação que queremos alcançar é o do funcionamento de uma rede digital de nível superior em língua portuguesa e nas línguas locais, que tenha como primeiro esforço incluir digitalmente as comunidades de minorias lingüísticas e que seja capaz de permitir o trabalho conjunto entre países, entre universidades, entre comunidades e entre estas instâncias e a Unesco.

As nossas metas são as seguintes:

1. Propiciar uma reflexão visando o fortalecimento dos canais democráticos e a redução dos níveis de desigualdade social nos países lusófonos;
2. Promover a inclusão digital através do desenvolvimento e da educação em ambientes eletrônicos; 3) Divulgar para a comunidade científica e

para o público em geral a reflexão, a tecnologia e os resultados do projeto.

E prevemos os seguintes impactos ou resultados advindo da realização desta proposta:

1. Impacto Científico

- Publicação de material sobre desigualdade social, inclusão digital e cidadania;
- Publicação de artigos sobre inclusão digital;
- Publicação de material sobre a produção de tecnologias sociais utilizando como base o estudo do trabalho com centro de atendimento sócio-educativo (COL) de Porto Alegre;
- Acordos, convênios e cooperações acadêmicas entre 15 instituições de educação superior nos países lusófonos oficializados e em atividade, tendo a Unesco como instituição interveniente;
- site de referência sobre a produção científica e cultural lusófona incluindo as línguas locais de cada região;
- elaboração de uma rede de educação superior (universitária) digital para as universidades de educação superior nos dez países de língua oficial portuguesa;
- espaço digital de troca cultural e científica entre países;
- Disponibilização de ferramentas livres em língua portuguesa e nas línguas locais para apropriação da rede.

2. Impacto Tecnológico

- Conexão e acoplamento de atores humanos e não-humanos (computadores, pessoas, softwares, rádios, redes de informação, linguagem);
- explorar o potencial do modo de produção do software livre;
- modelo para a produção de conteúdos em línguas minoritárias;
- modelo de ambientes virtuais de colaboração baseados nas plataformas wiki e drupal;
- colaboração para a produção de textos, publicação e troca de

conteúdos digitais;

- fornecimento de estrutura de comunicação para os participantes (forums, blogs, paginas, filmes, rádios, chats, ftp, etc);
- integração de transmissões de rádios AM e FM para a rede e da inversão do conteúdo produzido na rede para as transmissões de rádio;
- tecnologicamente possibilitar que o público participante se aproprie dos mecanismos de produção de conteúdo, manutenção e administração da estrutura;
- trabalho com diversas linguagens e narrativas na produção digital multimídia e copyleft;
- Desenvolvimento de uma nova metodologia de emancipação para trabalhar com jovens presidiários.

3. Impacto Econômico

- Publicidade satisfatória ao Brasil como o maior país lusófono e que está à frente deste processo de inclusão Digital, não somente no Brasil, mas em toda a rede de língua portuguesa incluindo as línguas locais;
- Desenvolvimento de ferramentas de domínio público como biblioteca virtual, banco de dados, metodologias de análise automática, etc.

4. Impacto Social

- Diminuição da violência urbana;
- Produção de um grupo de reciclagem de computadores como possibilidade de geração de emprego e renda;
- Produção de uma tecnologia social para emancipação e geração de cidadania através de práticas de interação digital;
- Aumento da qualidade de vida da comunidade que tem acesso ao eletrônico através do espaço relacional criado;
- Conscientização sobre uma utilização refletida dos recursos digitais das comunidades lusófonas incluindo as línguas locais, de modo a permitir a formulação de epistemes, métodos e formas de divulgação científica autônomas;
- Facilitar o acesso da comunidade aos trabalhos realizados pelas

- universidades lusófonas;
- Jovens internos. Continuidade para seguir os estudos. Aprendizagem da informática e cursos profissionalizantes;

Antecedentes sobre a questão do Multilinguismo no Mundo Digital:

Claudia Wanderley desenvolve desde 1997 adaptações de softwares dentro da proposta de Michel Pêcheux de formular acervos com memória. Em 1997 o software ISIS para gerenciamento de bibliotecas foi adaptado no sentido de permitir que o percurso de leitura do pesquisador nos acervos do Centro de Documentação Urbana seja registrado, tendo como base piloto o material da Hemeroteca. Em 2000, tivemos o apoio do CNPq para elaborar um Glossário da Cidade, em versão papel e eletrônica, com os primeiros resultados do projeto SPEU. O Trabalho sobre a Endici (Enciclopédia Discursiva da Cidade) na versão eletrônica, uma base SQL que tem arquitetura discursiva de funcionamento aprofundou nossa percepção de que o espaço eletrônico e sua discursividade dão fortes pistas sobre um modo de pensar e organizar o conhecimento, e esfera pública, a cidade. Se dentro do discurso eletrônico pensamos o espaço da língua portuguesa, assim como o espaço das comunidades de línguas minoritárias e sua “urbanização digital”, percebemos que é necessário continuar esta discussão agregando novas possibilidades de compreender o fenômeno do discurso eletrônico, aliando a isto um esforço de diminuir a desigualdade social no espaço digital tanto do falante do português como dos falantes das comunidades que tocam os espaços em que o português predomina. E para tanto nos apoiamos atualmente na tecnologia de cooperação na rede, e entre equipes de diferentes instituições o que aponta para uma prática discursiva de organização, cooperação, e formulação de modos de integrar o espaço digital de maneira cuidadosa e ampla, respeitando o ritmo e particularidades de cada um, de forma aberta à intervenção e contribuição coletiva buscando sustentar uma prática democrática de viabilizar uma rede digital piloto para a sociedade lusófona e para as comunidades de minorias linguísticas.

Antecedentes da Cátedra Unesco Multilinguismo e produção de conteúdo em português no Mundo Digital

Recapitulando, o projeto Multilinguismo no Mundo Digital propõe uma reflexão atualizada sobre a produção de conteúdo na língua local dos países lusófonos e a integração das minorias lingüísticas, através do registro, circulação e interação de suas práticas no ambiente digital. Nossa hipótese de trabalho é que o investimento nas discussões sobre multilinguismo em países de língua portuguesa pode facultar novas maneiras de compreender registrar e representar as culturas e produção de conhecimento das minorias lingüísticas em países lusófonos, respeitando as peculiaridades de cada povo no que diz respeito ao tipo de discurso que seja mais indicado para cada um, e não simplesmente impondo um modelo comum posto como norma. Além disso, visa-se criar um grupo de educação superior, apto a abordar o multilinguismo nos espaços de língua portuguesa e, portanto, apto a produzir escuta para estas diferentes comunidades, propiciando um novo espaço para a produção e divulgação lingüístico-cultural-tecnológico onde o português configura-se como língua preponderante de interação.

A problemática:

Segundo estimativas da Unesco, as línguas que não se estabelecerem fortemente no espaço digital, correm o risco de desaparecimento em duas ou três gerações. Uma criança que não terá acesso ao espaço digital em sua língua materna, deverá desenvolver o bilingüismo, e assim um idioma que não apresenta recursos para informações e pesquisa no espaço digital, deverá gradualmente ser deixado de lado nesta época de automatização de dados. Dentro deste quadro, depois de ter realizado um colóquio de três dias sobre Tecnologias de Linguagem (cf.http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=19898&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html), na sede da Unesco, a pesquisadora foi convidada a produzir junto com esta instituição uma proposta para a língua portuguesa no espaço digital, aprovada como a primeira Cátedra Unesco que trata deste tema: o multilinguismo no espaço digital.

Histórico:

A Profa Claudia Wanderley, pesquisadora da Universidade de Campinas vem desenvolvendo há aproximadamente oito anos modos de trabalhar com a tecnologia digital e o conhecimento lingüístico de forma refletida. Trata-se de um esforço de reflexão do funcionamento material da língua no espaço digital, e dos efeitos das ferramentas eletrônicas sobre o funcionamento da língua, uma vez que são sistemas distintos, que cada vez mais se afetam mutuamente.

Nesta linha de investigação propusemos um campo novo de reflexão que chamamos "tecnologias de linguagem" a Profa. Claudia Wanderley esteve em pós-doutorado na França entre 2005 e 2006, e trabalhou junto com a Unesco sobre uma questão que afetará aos países que têm a língua portuguesa como língua oficial em duas ou três gerações: a representatividade da língua portuguesa no espaço digital (e a representatividade da tradição de conhecimento produzido em língua portuguesa).

Em maio de 2006 foi enviada a projeto de trabalho para a Catedra Unesco Multilinguismo e produção de conteúdo em língua portuguesa no Mundo Digital, projeto este assinado pela Profa. Claudia Wanderley, pelo Prof. Jorge Tadeu (Magnífico Reitor da Unicamp) e pelo Prof. Nelson Maculan (Ilustríssimo Secretário de Educação Superior do MEC).

De 6 a 9 de novembro de 2006, atuamos em conjunto com a representante da Unicamp na Universidades de Língua Portuguesa (ULP), Profa. Charlotte Galves, na organização digital do Colóquio "Caminhos da língua portuguesa: África-Brasil". Realizamos transmissão online do debate para 8 países de língua portuguesa, e atualmente os vídeos de todas as apresentações estão em fase de edição para serem disponibilizados na web, e em formato dvd.

O projeto foi aprovado pela Unesco e a cerimônia de assinatura da Cátedra se deu dia 22 de junho de 2007, com a presença da oficial da Unesco chefe do Escritório Unesco de São Paulo, na Universidade Estadual de Campinas.

De 18 a 22 de junho de 2007, o projeto Multilinguismo no Mundo Digital prestes a ser elevado ao estatuto de Cátedra Unesco, organiza o I Encontro Internacional Multilinguismo no Mundo Digital e a I Jornada Internacional Multilinguismo no Mundo Digital, com a presença de

representantes de Universidades de Portugal, Cabo Verde, Angola e China (Macau) e a coordenadora da Unitwin Humaniredes da Unesco Paris.

Infra-estrutura Física:

A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) dispõe imediatamente de um ponto de rede de alta velocidade no CCUEC (Centro de Computação da Universidade Estadual de Campinas) para o Projeto Multimundi, em que o servidor do projeto estará localizado.

Assim a Cátedra Unesco também conta com a presença de ao menos outras oito universidades (Guiné-Bissau, Angola, Cabo-Verde, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe, Macau e Portugal) que estarão se ligando a nós por via digital. Para tanto contamos com o apoio do MinC, para a instalação de oito pontos de cultura (destinando US\$30.000,00 para cada ponto) nos outros oito países de língua portuguesa. Assim como contamos com a disposição e apoio da rede Unesco Unitwin Humaniredes - por uma universidade virtual de língua portuguesa para nos apoiar e auxiliar no contato com estas universidades e preparar e acompanhar o desenvolvimento destes pontos digitais de cultura. A infra-estrutura significativa dos pontos digitais de cultura faz, portanto, um papel duplo neste projeto, por um lado eles dão condições às universidades da África e Ásia lusófonas a estarem em rede entre si e conosco, e ao mesmo tempo possibilitam a entrada imediata de comunidades de línguas minoritárias no espaço digital através dos recursos multimídia.

Pesquisa & Desenvolvimento

Em 2006 a Profa. Claudia Wanderley, Pesquisadora da Unicamp, submeteu à Unesco juntamente com o Magnífico Reitor José Tadeu Jorge e o Ilustríssimo Secretário de Educação Superior do Ministério da Educação do Brasil (MEC) Sr. Nelson Maculan, a proposição da primeira Cátedra Multilinguismo no Mundo Digital que é justamente o esforço de propor à sociedade lusófona dos nove principais países falantes do português algumas primeiras vias digitais de cooperação para minimizar a desigualdade social e apartheid digital entre os falantes do português e das línguas locais, apontando para uma abordagem discursiva, e portanto reflexiva, da questão do

multilinguismo no espaço digital, trata-se também de buscar integrar as comunidades de línguas minoritárias no espaço digital, que merecem igualmente ter acervos digitais relativos a sua produção de conhecimento e cultural elaboradas como objetos discursivos próprios e de livre acesso a seus usuários.

Percebemos, enquanto profissionais da área da linguagem, mais especificamente no domínio da Análise de Discurso, a necessidade de contribuir com nossa especialidade para a reflexão sobre a cidade. No caso da Cátedra pensamos particularmente sobre as condições de “urbanização eletrônica” e de política pública digital dos países lusófonos. O nosso trabalho visa fundamentalmente produzir uma tecnologia de análise da cidade, a partir de uma observação discursiva e propondo intervenções no real dessas condições, compreendendo fundamentalmente os sentidos produzidos no espaço público e como podemos trabalhar com eles objetivando dinamizá-los, levando em conta a história e os interesses das populações e comunidades afetadas pelo crescimento e formulações urbanas em língua portuguesa e nas suas línguas locais.

Neste sentido queremos que esta Cátedra chame a atenção para a necessidade de se introduzir a compreensão do funcionamento da linguagem atrelado à tecnologia de ponta nas discussões de perspectivas e propostas relativas à cidade e no caso deste projeto ao espaço digital (também ele um lugar de ocupação e urbanização). Como o funcionamento das práticas de administração, a organização, planejamento e prospecção do lugar urbano funcionam pela articulação do discurso jurídico, político e administrativo; e fundamentalmente neste caso a compreensão dos deslocamentos que as mudanças tecnológicas no campo da mídia e da informática produzem nas relações urbanas, nas relações entre nações, na noção de espaço e o que há de próprio no espaço digital em relação ao multilinguismo e às possibilidades de acesso democrático a este espaço eletrônico.

Buscamos compreender o modo como os movimentos paradoxais de regionalização e globalização afetam as cidades, as línguas, as tecnologias, as comunicações, o trânsito das informações e as relações entre elas, as relações a serem pensadas cidade-Estado-tecnologia; o modo de ocupação multilíngue ou monolíngue do espaço urbano (no caso deste projeto mais fortemente o espaço digital dos países de língua oficial portuguesa) pelos diferentes grupos sociais; o modo como as populações urbanas respondem às demandas de

entrar no espaço digital, demandas estas próprias as suas necessidades de seres simbólicos e históricos face à cultura; as formas pelas quais as organizações sociais respondem à necessidade de habitação, de emprego, de formulação, produção de acervo e disponibilização de sentidos no espaço digital, pensado aqui como espaço público aberto e disponível a transformações pela prática do discurso eletrônico.

Nossa empreitada é, pois, na conversa, de um lado, com a academia, com a possibilidade de através da reflexão promover uma inclusão digital inteligente, atenta às condições de possibilidade de cada comunidade e do grupo como um todo no espaço digital, de outro com a tecnologia cooperativa do open source, tecnologia enquanto prática de formulação coletiva no discurso eletrônico, com os responsáveis pelas políticas públicas apontar para a necessidade do acesso democrático ao espaço eletrônico, e ao mesmo tempo da compreensão fina de qual o funcionamento possível deste direito à “voz digital” do cidadão moderno, e de outro ainda com as comunidades de línguas minoritárias, com a sensibilidade de ver qual a posição das novas tecnologias em cada grupo, e qual a melhor maneira de assimilar, ocupar e inovar no espaço digital e as possibilidades do discurso eletrônico, de forma que isto venha a contribuir para as necessidades e desejos daquela comunidade. Neste sentido é em primeira instância o 'discurso' que funciona como observatório, lugar de visibilidade que permite entrar na materialidade da cidade, do multilinguismo digital, na compreensão dos sujeitos e na produção de suas tecnologias, saberes e interações.

Produção Científica e Tecnológica

Em termos de Produção Científica e Tecnológica, a Cátedra Unesco Multilinguismo e produção de conteúdo em português no Mundo Digital começou oficialmente suas atividades este ano, mas o projeto foi criado e está sendo realizado por uma equipe interdisciplinar no Brasil e várias equipes no exterior há três anos. Podemos listar as seguintes atividades e projetos em andamento nesta rede:

Atividades

- I Encontro Internacional Multilinguismo no Mundo Digital (18 a 22 de junho de 2007, Unicamp, Brasil)
- I Jornada Internacional Multilinguismo no Mundo Digital – Virtual Educa 2007, Universidade do Vale do Paraíba, Brasil
- Colóquio Internacional Ensino/Aprendizagem das Línguas em Contextos Plurilíngües (Instituto Superior de Educação – 12 e 13 de novembro de 2007, Praia, República de Cabo Verde)
- Instalação da sede na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil)
- Site da Cátedra na internet, estruturado de forma colaborativa para permitir participação de todas as instituições parceiras. (Unicamp, Brasil)
- Cursos de extensão para pesquisadores, especialistas e professores sobre edição de áudio e vídeo visando questões de multilinguismo no mundo digital e multiculturalismo: "Multilinguismo e edição multimídia". (Unicamp, Brasil)
- Pesquisa e levantamento a respeito da situação de acesso ao mundo digital das comunidades de minorias linguísticas em cada país; desenvolvimento de uma metodologia própria para troca de dados e articulação da equipe neste tipo de atividade no mundo digital. (coletivo)
- Pesquisa voltada para os diversos usos das tecnologias de linguagem para permitir circulação de conteúdo nos países que utilizam a língua portuguesa (coletivo)
- Integração das várias equipes do projeto, através de eventos internacionais, intercâmbio de alunos, professores e pesquisadores; (coletivo)
- Criação de bases de dados voltada especificamente para a circulação da produção de ciências humanas em língua portuguesa e nas línguas locais no mundo digital (coletivo)
- Desenvolvimento de tecnologia para publicações online, de modo a que todo o material produzido esteja disponível para todos os usuários com acesso à rede mundial de computadores (coletivo)

Projetos

- Projeto de Pesquisa Discurso Eletrônico e Inteligência artificial para situações multilíngues (Unicamp, Brasil)
- Projeto Multilinguismo no Mundo Digital (Unicamp-Brasil)
- Radio web Multilinguismo no Mundo Digital (Unicamp – Brasil)
- Programa de Radio Web Sociedade Ambiente (Unicamp - Brasil)
- Programa de Radio Web Novas Tecnologias (Unicamp - Brasil)
- Programa de Radio Web sobre língua portuguesa de Cabo Verde (Universidade Jean Piaget - Cabo-Verde)
- Master in China-Europe Comparative Studies (Instituto Inter-Universitário de Macau)
- Master in Latin-American Studies (Instituto Inter-Universitário de Macau)
- Master in Lusophone Studies (Instituto Inter-Universitário de Macau)
- Património Histórico e Cultural das Comunidades de Representação Lusófona no Sul da China e Sudeste Asiático – Invasia (Instituto Inter-Universitário de Macau)
- Projeto Multilinguismo em Angola (Universidade Agostinho Neto - Angola)
- Projeto de criação de software em Quicongo para alunos da rede pública (Universidade Agostinho Neto- Angola)
- Projeto Ponto de Cultura Multilinguismo no Mundo Digital (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa – Guiné Bissau)
- Projeto Multilinguismo no Mundo Digital (Escola Normal Superior Tchico Té – Guiné Bissau)
- Instalação e operacionalização de uma base de dados em e sobre a Língua Cabo-verdiana (LCV) – (Instituto Superior de Educação, Cabo Verde)
- Concepção e actualização de uma website sobre a língua e a cultura cabo-verdiana (Instituto Superior de Educação, Cabo Verde)
- Levantamento da situação das línguas Angolar, Forro e Lunguê de São Tomé e Príncipe (Instituto Superior Politécnico, São Tomé e Príncipe)
- Projeto de criação de Mediateca Virtual, para assegurar os serviços de catálogo geral, empréstimo entre bibliotecas, serviço de documentação

por contacto e acervo de documentos no domínio digital (Universidade Jean-Piaget, Cabo Verde)

- Mapeamento das comunidades minoritárias crioulas luso-asiáticas da Ásia Oriental, e das comunidades minoritárias não-lusas de Macau, avaliando as suas perspectivas sobre um projeto de integração social e digital (Universidade de Macau – China)
- Recolha exploratória de informação sobre as comunidades linguísticas que desde o século XVI desenvolveram crioulos com base na língua portuguesa na Índia, Ceilão, Malásia, Macau e Timor (Instituto Internacional de Macau - China)
- Patuá Online - plataforma digital interactiva, uma base de dados dedicado ao crioulo de Macau – o Patuá (Instituto Internacional de Macau - China)
- Levantamento das comunidades onde a língua portuguesa convive com as línguas bantu moçambicanas. Estudar o nível de interesse e possibilidades destas comunidades em participarem deste processo de inclusão digital (Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique)
- Levantamento do multilinguismo em Portugal, comunidades de migrantes (Universidade Nova de Lisboa -Portugal)

Especialmente neste projeto as relações do mundo digital e da construção de consensos que estabilizam uma relação cristalizada, pasteurizada, entre os sujeitos que formulam no espaço eletrônico, na invisibilidade das reais práticas urbanas que são múltiplas e diversas. Esse modo específico da significação do discurso eletrônico, na injunção com as condições da cidade ensinou-nos que há uma sobredeterminação do mundo digital pelo que se convencionou chamar de tecnologia do urbano, é a questão da materialidade da linguagem e das condições de produção e circulação em quantidade das novas tecnologias no espaço público. A noção de tecnologia da linguagem aponta para a compreensão das novas tecnologias como modos de interpretação, na relação intrínseca e necessária do sujeito produzir sentido na cidade, nas novas práticas de produção de sentido que a tecnologia apresenta e promove. Nesta perspectiva o trabalho de adaptação do software ISIS para registro do percurso de leitura do pesquisador(1997-1999,) e a elaboração do software “Glosse” no Projeto Endici (CNPq 2000-2002) são esforços e resultados de elaboração e absorção de tecnologia para pesquisa,

de forma reflexiva, tomando a metodologia da análise do discurso como lugar de reflexão e formulação de uma prática acadêmica no espaço eletrônico, uma maneira de compreender estas condições no real da prática de adaptar e formular um software para pesquisa, respectivamente, e de um modo discursivo de funcionar no espaço digital, tecnologia esta acessível e disponível para a sociedade.

Isso permite pensarmos as inovações pela via discursiva e propor para o espaço de trabalho universitário uma reflexão e um modo de trabalho no espaço digital. A proposta cooperativa e discursiva, através da plataforma Drupal aponta para um modo discursivo de compreender o ambiente eletrônico e do estabelecimento de práticas de parceria e cooperação. Diferentemente, por exemplo, da imposição da aplicação cega de um tipo de trabalho definido previamente na formulação fechada de um software, e imposição de modelos de inclusão digital.

Vivemos um momento em que as novas tecnologias de linguagem estão sendo fortemente discutidas, havendo, pois, mesmo que de outros pontos de vista, uma pré-disposição da sociedade como um todo em discutir estas novas linguagens e suas diversas dimensões e conseqüências. Isso nos permite ousar articular atividades inicialmente com a sociedade lusófona, como a proposta de inclusão digital das comunidades de minorias lingüísticas, com a qual contamos com o apoio do MinC.

Nestes termos, o que não se pode deixar é que estas questões fundamentais para a sociedade como um todo sejam pautadas pela mídia que, em geral, tem praticado, pela discursividade que a conforma, a pasteurização dos sentidos e dos sujeitos.

Formação de Recursos Humanos

O intuito do projeto Multilinguismo no Mundo Digital é fornecer recursos humanos, instrumentais e espaço físico para a realização de atividades de pesquisa que focalizem a questão do multilinguismo e no caso deste projeto a urbanização do espaço digital lusófono e das minorias lingüísticas presentes, estabelecendo um intercâmbio que sustente uma relação refletida entre a universidade e a sociedade, sobretudo através da extensão e da integração de equipes das universidades parceiras do projeto.

A Cátedra Unesco Multilinguismo e produção de conteúdo em

português no Mundo Digital neste projeto chamado Multilinguismo no Mundo Digital propõe-se a ser um centro de conhecimento sobre o espaço urbano e sua ressignificação no espaço digital, tomado como espaço simbólico específico, que envolve diferentes formas de significação, na configuração das línguas, no mundo digital através da simbolização de seus espaços eletrônicos, politicamente significados, onde se imprimem e confrontam sentidos em relações que são relações públicas sociais tecnológicas entre os sujeitos desse espaço.

A formação de Recursos Humanos no caso deste projeto é bastante ampla, uma vez que trabalharemos de modo interdisciplinar, e que os trabalhos de cada área são suficientemente embasados teoricamente para significarem formação para os participantes de outra disciplina. Além disso, além do aspecto de inter-formação da equipe, os pesquisadores de todas as áreas darão minicursos para as comunidades de línguas minoritárias, ministrarão minicursos também para os parceiros das universidades lusófonas nos outros oito países e disponibilizarão material de sua respectiva área para formação e acesso gratuito online.

Contamos sobretudo com a possibilidade apontada por Michel Pêcheux, quando ele coloca questões da história para a psicanálise, da sociedade e economia para o domínio da linguagem, questões do inconsciente para os estudos políticos, etc. Ou seja importa pensar que as aberturas que podem surgir do contato desta equipe interdisciplinar são mais interessantes de que as possibilidades de encerrar o assunto nas certezas acomodadas dos membros da equipe. É neste sentido que a formação pode avançar e de fato produzir um modo de trabalhar com as comunidades de línguas minoritárias e com a academia lusófona nos nove países (incluindo o Brasil) de maneira inovadora e eficiente.

Objetivos para formação de Recursos Humanos no Projeto Multilinguismo no Mundo Digital:

- Desenvolver projetos de natureza multidisciplinar e multilingue no espaço digital.
- Promover a realização, edição e divulgação das atividades acadêmicas, artísticas e culturais voltadas para questões do multilinguismo no espaço digital.

- Elaborar e disponibilizar online metodologias que dêem acesso aos sentidos dessas práticas de cooperação na produção tecnológica e na produção de sentidos no espaço eletrônico e ao que eles implicam.
- Ser uma referência para pesquisas e políticas públicas no espaço lusófono que compreenda as diferentes práticas sociais multilíngues enquanto relações de sentidos que significam de uma determinada maneira no espaço digital.
- Fornecer recursos humanos, instrumentais e (quando possível) espaço físico para a realização de atividades de pesquisa que focalizem o multilinguismo no espaço digital, estabelecendo um intercâmbio que sustente uma relação refletida entre a universidade a sociedade lusófona e as comunidades de minorias linguísticas, sobretudo através da criação de condições para extensão e do ensino no mundo digital.

Para tanto nos apoiamos neste projeto na tecnologia de cooperação na rede, e entre equipes de diferentes instituições, o que aponta para uma prática discursiva de organização, cooperação, e formulação de modos de integrar e integrar-se o espaço digital de maneira cuidadosa e ampla, respeitando o ritmo e particularidades de cada um, de forma aberta à intervenção e contribuição coletiva buscando sustentar uma prática democrática de viabilizar uma rede digital piloto para a sociedade lusófona e para as comunidades de minorias linguísticas.

Resumo da equipe executora

O Projeto Multilinguismo no Mundo Digital (Multimundi) se organiza de forma interdisciplinar articulando profissionais de Linguística, Filosofia, Sociologia, Jornalismo, Computação, Psicanálise e Literatura. Uma equipe de natureza interdisciplinar é fundamental para que possamos desenvolver contatos de trabalho acadêmico de maneira abrangente com os nove principais países falantes da língua Portuguesa, são eles Guiné-Bissau, Timor Leste, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, China (Macau), Guiana Equatorial e Portugal.

A equipe se estrutura de forma complementar, visando estabelecer acordos e parcerias de trabalho para a produção de conteúdos de nível de graduação universitária em língua portuguesa no espaço digital. Outro

objetivo importante desta equipe é a circulação da reflexão e acesso às tecnologias que se viabilizará fundamentalmente pelo nosso jornal trimestral e pelo site wiki do projeto.

Essa estrutura de equipe tem como função permitir uma compreensão ampla do processo de elaboração de instrumentos eletrônicos que tenham em comum a língua portuguesa e abertura para inclusão de línguas chamadas minoritárias, além de colocar em prática entre nós a perspectiva de cooperação intelectual e inter-institucional, visando: 1) o trabalho comunitário no espaço digital, 2) cooperação entre países interessados no tema multilinguismo para pesquisa à distância, 3) formação de multiplicadores para as práticas digitais comunitárias, 4) formação de multiplicadores nas práticas digitais acadêmicas.

Gostaríamos de salientar de forma sintética alguns tópicos de pesquisas que farão parte da composição do projeto geral de forma a lançar um breve olhar sobre as diferentes disciplinas participantes. Nesse sentido, cabe ressaltar a importância específica de cada uma no que diz respeito ao tema central que é o "Multilinguismo no Mundo Digital". A presença interdisciplinar de áreas como a Análise do Discurso, que aponta para uma relação interpretativa, de produção lingüística e poética do indivíduo no mundo digital, considerando a produção de sentidos como prática necessária e inerente ao cidadão contemporâneo; a Filosofia, sobretudo no que tange às questões ético-reflexivas relacionadas ao direito à expressão discursiva em nível de igualdade condições no cenário digital; e a Psicanálise no que toca o funcionamento discursivo, a subjetividade e as relações humanas que estejam ligadas de alguma forma a atos violentos de des-reconhecimento da realidade multilíngue verificados no mundo digital. Estes tópicos são um primeiro esforço interdisciplinar, necessário e fundamental para abarcar, com a discussão do multilinguismo, uma parcela representativa dos falantes de língua portuguesa, integrando-a de forma competente nesta grande rede de produção e circulação de conhecimento em nível mundial que é a internet.

Além das disciplinas propriamente ditas temos duas grandes vias tecnológicas que organizam os trabalhos que desenvolveremos. A primeira é a questão do código aberto, e dos softwares livres, que organizam nossa entrada no mundo digital e que abrem a relação com os códigos digitais e com os computadores para a prática da criação, intervenção, adaptação, etc.

A segunda via tecnológica é pensar multimidiaticamente, porque

consideramos que o tema multilingue significa também modos diferentes de se dizer, e que no espaço digital isto pode se organizar para além dos limites do teclado, com músicas, entrevistas, danças, aulas abertas, fóruns, jornais, rituais, avatares etc.

Como se trata de uma proposta pioneira, esta de promover recursos iniciais para agregar instituições acadêmicas de países interessados no tema para uma rede de educação superior (universitária) que inclui digitalmente tanto as universidades lusófonas, quanto as comunidades de línguas minoritárias, a equipe tende a crescer na medida em que os contatos forem travados e realizados os acordos de cooperação.

Ressaltamos que temos como colaboradores outras equipes que já trabalham conosco de forma integrada, como a Humanirede (Rede de Humanidades no Espaço Digital, coordenada por Frances Albernaz, Unesco), e a equipe do Ministério da Cultura (MinC) de implementação de Pontos de Cultura no exterior, na pessoa de Leandro Fossá. Afirmamos ainda nosso interesse de aumentar o grupo de trabalho de forma a permitir a amplitude desejada deste projeto tome corpo e sua realização seja efetiva.

Anexo 2 – Lista das universidades com acordo de cooperação para este projeto

Acordos já firmados ou em andamento com a Cátedra Unesco Multilinguismo e produção de conteúdo em português no Mundo Digital:

ANGOLA

- Universidade Agostinho Neto
- Instituto Superior de Ciências da Educação - Lubango

BRASIL

- Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - sede da Catedra Unesco Multilinguismo e produção de conteúdo em português no Mundo Digital
- Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

CABO VERDE

- Universidade Jean Piaget de Cabo Verde
- Instituto Superior de Educação de Cabo Verde

CHINA

- Instituto Politécnico de Macau
- Macau Inter-University Institute
- Universidade de Macau
- Instituto Internacional de Macau

GUINE BISSAU

- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP)
- Escola Normal Superior "Tchico Té"

MOÇAMBIQUE

- Universidade Eduardo Mondlane (UEM)

PORTUGAL

- Universidade Nova de Lisboa

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

- Instituto Superior Politécnico - ISP

TIMOR LESTE

- Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL)

Capítulo 3 (2008)

Bibliotecas Digitais Polifônicas

Bibliotecas Digitais Polifônicas (2008)

O Fórum e Centro de Pesquisa voltado para Bibliotecas Digitais Polifônicas⁹ objetiva democratizar o acesso a informação através da constituição e difusão de conteúdos digitais em línguas locais. Para atingir tal objetivo será criada uma Rede Polifônica de Metadados que atenda as especificidades de disponibilização de conteúdos em diversas mídias. A partir da demanda do GT Acessibilidade – Multilinguismo do Programa UNESCO Informação Para Todos agregamos 12 universidades situadas em dez países que trabalham em língua portuguesa, e desejam dar visibilidade a sua produção acadêmica e cultural na línguas locais. O modo de fazer circular essas informações será a partir do desenvolvimento de um software livre que permita a difusão, em parceria com a Biblioteca Digital da UNESCO e com a Biblioteca Digital do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, de conteúdo digital, formando uma rede interligada de bibliotecas digitais de línguas menores.

Este projeto se centra na noção de sistemas operacionais (computacionais) como sujeitos sociais, e na idéia de que os sujeitos falantes vivem sua fala através de diversas fonias. Estas são compreendidas como repertórios de caráter linguístico que existem na simultaneidade e de maneira gradual, não possuindo na prática necessariamente fronteiras bem delimitadas e definidas. O objetivo deste projeto é criar uma base de conhecimento polifônica que permita a compreensão desse diversos repertórios assim como facilite o trânsito entre eles. Este projeto portanto não se centra num mero processo de tradução ou traslação de conhecimentos de uma língua para a

⁹Agradeço a Fernando Rosa Ribeiro por ter me apresentado a discussão de Herder sobre o multilinguismo, assim como suas atualizações a partir da crítica pós-colonial, o que permitiu pensar este sistema polifônico no espaço digital e aos professores Ricardo Torres e Luiz Vicentini pela interlocução e apoio.

outra, e sim numa rede de conhecimentos em que diversos repertórios linguísticos encontram-se simultaneamente imbricados. Essa rede encontra sua atualização numa plataforma digital polifônica que permita que as diversas fonias se apresentem na simultaneidade e na relação, e não como um conjunto díspare de heterogeneidades que são pensadas como intrinsecamente diferentes e que em seguida têm que ser colocadas em relação umas com as outras de maneira multilateral sem que sua individualidade seja afetada.

Antes da era colonial e da expansão européia no mundo, a maioria das populações viviam em regimes fônicos – de utilização da fala e, às vezes, da escrita – que não se baseavam na idéia de idiomas como totalidades linguísticas bem-delimitadas e claramente diferenciadas entre si através da noção de uma territorialidade: isto é, da língua como pertencente a um território específico (onde existia uma população que a usasse). A maioria das pessoas tinham sim repertórios linguísticos variadas e com gradações internas, utilizando em diferentes contextos e para fins diversos gêneros e fórmulas linguísticas, além de vocabulários, que hoje são pensados como pertencentes a línguas diversas.

A idéia de uma base de conhecimentos polifônica centra-se nos seguintes critérios:

1. Promover em seus diversos aspectos a permeabilidade entre as diversas fonias e ter portanto um caráter intrinsecamente polifônico;
2. Ter o sistema computacional e seus usuários como sujeitos sociais polifônicos;
3. Permitir que diversas fonias interajam entre si com o mínimo de barreiras possível, e que possam se constituir mutuamente como espaços de comunicação e conhecimento digital;
4. Permitir que o conhecimento das diversas fonias seja compartilhado de maneira mais extensa possível;
5. Permitir que os acervos historicamente associados a diversas fonias sejam compartilhados;
6. Permitir que fonias que não possuam acervos escritos substanciais entrem no espaço digital e criem em associação com outras fonias seus acervos, com base multimídia;
7. Permitir que a permeabilidade entre as fonias e seus acervos gere

conhecimentos em sistema rizomático (isto é, em rede e sem pontos de controle nevrálgico), e não disciplinarmente (isto é, através da troca de conhecimentos via territorialidades linguísticas pensadas historicamente como enraizadas em espaços e devires diferentes, que em seguida necessitem se traduzir entre si para poderem se comunicar plenamente).

8. Usar o espaço digital como instrumento de desterritorialização.

Vantagens desta proposta:

Correntemente, as propostas de valorização de línguas locais minoritárias estão baseadas em sua mise-en-valeur no modelo herderiano clássico: isto é, como totalidades linguísticas com territórios próprios que necessitam de tratamento igualitário e não-discriminatório para que possam um dia ter funções e prerrogativas parecidas àquelas das línguas de maior uso.

Isto implica em reconhecer formalmente (por exemplo, no campo jurídico) a igualdade de todas as línguas ao mesmo tempo em que se reconhece que na prática essa igualdade possui sérios impedimentos para a sua implementação efetiva. Essa disjunção concreta entre os dois níveis – o formal e o prático – cria um espaço altamente hierarquizado onde as totalidades linguísticas habitam territorialidades diversas e profundamente desiguais entre si.

Esta proposta pretende desenfaturar a idéia de língua-território – vinculada no pensamento de origem herderiano e à idéia de nação – para se concentrar nos falantes e seus repertórios em constante processo de atualização, que denominamos aqui de fonias. Estas não seriam espaços disciplinares que veiculem conhecimentos territorializados e demarcados em línguas pensadas como tendo um padrão (no Brasil, a ‘norma culta’), mas como redes polifônicas instáveis e cambiantes e que através e pelo seu caráter instável e cambiante geram, moldam e transmitem conhecimentos. Nesta proposta, o espaço digital é o domínio preferencial desta polifonia funcionando como um rizoma (isto é, não no modelo da raiz apical, mas no modelo da raiz das gramíneas, onde não existe controle central, mas apenas inúmeros pontos nodais, e onde é difícil pensar uma origem última ou uma finalidade primeira).

Nessa rede descentrada, os repertórios fônicos se modulam em simultaneidade, o que pode, potencialmente, atingir também o problema-chave da colonialidade dos repertórios linguísticos. Nesta, a única possibilidade de comunicação efetiva entre o que são pensados como todos linguísticos estanques e delimitados mas minoritários e locais (portanto sofrendo de uma territorialização que potencialmente os prejudica em chave extralocal) é via a matriz lingüística colonial que atua como uma raiz apical: assim, para dar um exemplo africano, mencionado pelo escritor senegalês Boubacar Boris Diop (que escreve tanto em seu idioma materno como em francês), atualmente não há como a wolof-fonia se comunicar ou ‘traduzir’ para a kiswahili-fonia sem passar pelo eurofonia, embora ambas sejam fonias igualmente africanas. Como foram territorializadas em diferentes chaves da colonialidade, não há possibilidade de comunicação entre si a não ser via a eurofonia. Essa impossibilidade está no cerne mesmo do atual modelo linguístico, e assenta-se em discursos e práticas que ao mesmo tempo frisam a igualdade formal entre as diversas línguas ao mesmo tempo em que atualizam na prática a hierarquização entre elas. Assim, a eurofonia pode igualmente se comunicar tanto com a wolof-fonia quanto com a kiswahili-fonia, mas estas duas últimas não se comunicam entre si diretamente (e na prática sequer indiretamente. Boubacar Boris Diop é um dos pouquíssimos falantes de wolof que aprendeu kiswahili, mas o fez porque primeiro teve acesso à eurofonia).

Esta proposta visa portanto criar uma variante do que Neville Alexander denomina no contexto sul-africano de um habitus multilíngue, a saber, um habitus polifônico. Isto é, este projeto visa pesquisar meios de criar espaços digitais que estimulem a polifonia.

Forum e Centro de Pesquisa voltado para Biblioteca Digitais Polifônicas

O Forum e Centro de Pesquisa voltado para Bibliotecas Digitais Polifônicas é um programa de criação, estruturação e atualização de redes de compartilhamento de conteúdos entre bibliotecas digitais para educação, que visa a inclusão e visibilidade de conteúdos gerados em línguas de pequena circulação (comunidades de línguas minoritárias). A perspectiva de um horizonte polifônico aponta para as relações entre pessoas que produzem os textos, para as condições em que elas as produzem, e em um interesse comum em compartilhar questões. A noção de polifonia vem da região da teoria

literária, em que “o acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos”. Ao invés de propormos jogos intertextuais (desencarnados), para esta biblioteca digital propomos várias vozes, vários sujeitos trabalhando suas línguas, questões e culturas de forma concomitante, em uma base de trabalhos comum, em que possamos nos tornar visíveis e – esperamos – dialogar academicamente na construção desta plataforma e a partir dela no espaço digital e fora dele.

Trata-se de uma iniciativa de inserção da questão do Multilinguismo na constituição de acervos digitais, ligada ao Grupo Nacional do tema Acessibilidade-Multilinguismo do Programa Unesco Informação Para Todos, Brasil. Da perspectiva Unesco, a importância deste Instituto Nacional é a de ancorar na indexação, organização e visibilidade da produção acadêmica brasileira, e de outros países com perfil Multilíngue semelhante ao nosso, a presença das línguas locais, a riqueza de sua produção cultural e científica e – principalmente – permitir um fórum digital que agregue estes sujeitos, para que tomem conhecimento do que está disponível hoje sobre esta temática.

O programa de trabalhos se estrutura em três grandes eixos: 1) a constituição de um software de armazenamento de dados, disponibilização gratuita deste software online e livre acesso ao conteúdo (a partir dos modelos de biblioteca digital do IBICT e da biblioteca digital da Unicamp) que permita continuamente a inclusão de conteúdos em diferentes línguas, registros e-ou repertórios, e em várias mídias; 2) o investimento paralelo na preparação, constituição e contato para instalação de Bibliotecas Digitais Polifônicas entre instituições de nível superior que trabalham academicamente em línguas consideradas locais e regionais pela Unesco, para a formação de recursos humanos capazes de implementar, gerenciar e manter atualizada sua própria Biblioteca Digital Polifônica, assim como garantir o acesso a seu conteúdo; 3) Investir em pesquisa voltada para melhoria de acessibilidade, através de reflexão sobre repertórios lingüísticos, incluindo novas vozes e novas mídias para disponibilização de conteúdo acadêmico na biblioteca digital, como áudio-livros, objetos educacionais, artísticos e reflexivos que sejam multilíngues, entrevistas, filmes, dvds, podcasts, etc.

Justificativas

A falta de bibliotecas no território nacional, assim como o relativo desconhecimento da produção científica brasileira entre pesquisadores de diferentes regiões, apontam para a necessidade de criação e integração de bases digitais. Proposta esta desenvolvida com sucesso, em uma primeira etapa, pela Biblioteca Digital IBICT e Bases de Dados Brasileiras, ganha novos contornos com a criação do Forum e Centro de Pesquisa voltado para Bibliotecas Digitais Polifônicas a constituição desta base de informação proposta em parceria com a equipe da Projeto de pesquisa Multilinguismo no Mundo Digital, na Universidade Estadual de Campinas, com a inclusão de 11 Universidades Parceiras participantes da network deste projeto de pesquisa no âmbito internacional, que também utilizam a língua portuguesa, ou que se interessam por um acervo que privilegie a produção cultural e acadêmica de línguas de menor circulação.

Outro traço inovador é a inclusão das línguas indígenas brasileiras em uma base digital acadêmica, visando a livre circulação de cartilhas e material didático, que podem ser acessados imediatamente por aldeias distantes, ou mesmo auxiliar no estudo e formulação de material para outras escolas e universidades indígenas. Este material presente na mesma base em que se encontram as teses que versam sobre as questões das populações locais, pode auxiliar em muito à percepção do panorama de estudos e esforços para compreensão de nossa realidade.

Em termos de acessibilidade, a idéia de que pessoas com necessidades especiais possam navegar e estudar no espaço digital funciona como função metonímica na relação com as adaptações necessárias para que a Biblioteca Digital Polifônica funcione em e entre as instituições de países com distintas infra-estruturas, condições tecnológicas, e ciclos de estudos. Da perspectiva das Comunidades dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, trata-se de uma forma de permitir e promover a integração do conhecimento realizada no Brasil e nos países que têm a língua portuguesa como língua oficial, assim como ressaltar que estas comunidades são polifônicas e multiculturais, trazendo a temática do Multilinguismo para primeiro plano nos países ditos lusófonos. Não obstante, desta rede participam igualmente universidades na China, Mali, Egito, Quênia, África do Sul e Canadá, que têm melhor desenvolvida a perspectiva da educação e pesquisa a respeito do

Multilinguismo, embora neste caso, mantenhamos em comum a falta de fontes digitais que agreguem a produção acadêmica sobre o tema, e que concentrem iniciativas de inclusão digital em línguas locais. Trata-se portanto de um tema atual e internacional, incapaz de se restringir ao âmbito nacional ou lusófono, assim como se trata de dar ênfase à produção cultural e linguística de diferentes regiões, a diversidade de mídias deverá atender específica e diferentemente às condições de possibilidade do programa de acesso de bibliotecas digitais polifônicas de cada universidade da network, em parceria com desenvolvedores e pesquisadores locais.

O princípio da polifonia se refere ao espaço digital como conscientizador do caráter multilíngue de nossa sociedade e da sociedade global. A noção de polifonia neste caso aponta para os possíveis e distintos repertórios linguísticos presentes nos diálogos entre sujeitos. Justamente por não estar ancorada em uma perspectiva linguística que organiza as línguas através de territórios, ela aposta na mobilidade e circulação do sujeito curioso que pode navegar entre diferentes vozes através de um continuum de repertórios, utilizando de suas capacidades, experiências e interesses para a prática interpretativa. Este ambiente digital multilíngue, portanto, investe na simultaneidade de vozes, textos, áudios, vídeos, filmes, linguagens e línguas, como extensões umas das outras, através da navegação e da estruturação dos meta-dados.

É certo que o papel do computador aí é mais precisamente da forma de acesso a essa base de dados, e é fundamentalmente o modelo de um meta-objeto multilíngue. Ou seja, estamos considerando um computador como um ser de linguagem e um ser social (que realiza uma interlocução com os seres humanos). E a aposta deste grupo de pesquisas é que uma Biblioteca Digital Polifônica pode efetivamente funcionar como uma pista para os sujeitos se darem conta de sua própria polifonia e da miríade de repertórios linguísticos que os cercam e ao qual podem ter acesso. É neste espelho virtuoso entre o regional e o digital que desejamos trabalhar, articulando a produção de conhecimento local e o computador como condição de possibilidade da organização de um horizonte de acesso a repertórios linguísticos e valorização cultural no espaço digital.

Está dentro de nossos interesses:

Trabalhar em parceria com a Unesco na consolidação do princípio de acesso à informação democrático, tanto da perspectiva da produção do conhecimento e sua visibilidade, assim como da amplitude de sua possibilidade de acesso.

Trabalhar junto à equipe da projeto de pesquisa Multilinguismo e produção de conteúdo em Língua Local no Mundo Digital no desenvolvimento de pesquisas sobre a melhor forma de interligar as Bibliotecas Digitais Polifônicas com e entre as instituições parceiras.

Trabalhar junto à Biblioteca Central da Unicamp na construção de uma base de dados polifônica, incluindo inicialmente a língua Kaingang, o Chinês, o Inglês, a partir do desenvolvimento do software *nou rau*, em batimento com as possibilidades da Biblioteca Digital do IBICT.

Desenvolver modos-possibilidades de acesso à informação, através de pesquisa, e disponibilização desta tecnologia de forma gratuita através do IBICT e Unesco.

Investir no treinamento para formação de bibliotecas digitais polifônicas, de modo a estimular a criação de uma rede digital que tenha como pano de fundo a valorização da produção acadêmica, cultural e linguística local.

Romper as barreiras históricas que separam línguas indígenas, línguas africanas e idiomas crioulos e idiomas asiáticos, como se fossem todos caudatários de universos linguísticos vastamente variados.

Estimular a BIREME, para incluir o Scielo na chave polifônica e desenvolver conosco páginas introdutórias em várias línguas - chinês, etc, para serem mais inclusivos.

Para a construção do software da Biblioteca Digital Polifônica, entendemos que os seguintes passos serão necessários:

O desenvolvimento de um software gratuito de fácil instalação e com um sistema de recuperação de dados multilíngue deverá se realizar nos primeiros 18 meses. Nos 18 meses seguintes o trabalho será afinar o sistema de recuperação de metadados entre Bibliotecas Digitais Polifônicas e a inclusão de novas línguas locais e regionais no sistema. Para tanto teremos

dois programadores no IBICT e dois programadores na Unicamp.

O primeiro par de programadores desenvolverá em um ano e meio um programa que permita funcionalidades multimídia, assim como um sistema de indexação adequado à posterior constituição de redes digitais polifônicas. O segundo par deverá trabalhar na atualização da central de Bases Digitais do IBICT, para que ela possa acompanhar essa mudança de natureza e de extensão do que pode ser uma biblioteca digital no Brasil e em países em semelhante situação de multilinguismo.

A primeira língua indígena a ser incluída na Biblioteca Digital Polifônica é o Kaingang, seguida pelo Guarani, Nheengatu, etc. Estaremos igualmente implementando o Inglês e o Chinês.

Investimento na preparação dos parceiros para as Bibliotecas Digitais Polifônicas

África e Ásia são parceiros diretos deste programa através das 14 Instituições de Educação Superior que participam do projeto de pesquisa Multilinguismo no Mundo Digital. São elas:

Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil
Universidade Agostinho Neto -Campus Lubango, Angola
Instituto Superior de Educação, Cabo Verde,
Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique,
Universidade Jean Piaget, Moçambique,
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, Guiné Bissau,
Escola Normal Superior Tchico Té, Guiné Bissau
Instituto Superior Politécnico de São Tomé e Príncipe,
Instituto Internacional de Macau, China,
Universidade Nova de Lisboa, Portugal,
Universidade Jean-Piaget, Cabo Verde,
Instituto Inter-Universitario de Macau, China
Stellenbosch University, África do Sul
Obafemi Awolowo University, Ile-Ife, Nigeria

Durante os primeiros 18 meses, as equipes de cada instituição que participam da network do projeto de pesquisa Multilinguismo no Mundo Digital, que já vêm trabalhando em conjunto desde 2007, funcionarão como

desenvolvedores parceiros desta idéia e primeiro centro irradiador deste esforço de preparar Bibliotecas Digitais Polifônicas em parceria com o Setor de Comunicação e Informação da UNESCO local. Esta instituição funcionará nos 18 meses subsequentes como centro local de referência na construção de Bibliotecas Digitais Polifônicas.

O papel, portanto, da Universidade Estadual de Campinas na formação de quadros no Brasil e exterior para a constituição, manutenção e atualização destas bibliotecas locais é vertebral. No caso do IBICT, o esforço está em desenvolver-atualizar um sistema que inclua a indexação e busca em outras línguas-repertórios, permitindo a integração de bibliotecas de línguas menores situadas no exterior, com interesse em participar desta iniciativa.

A preocupação fundamental deste contato entre instituições que trabalham academicamente com comunidades de línguas minoritárias é justamente dar relevo à produção acadêmica em língua local e realizar amplo debate sobre as condições locais de inclusão das línguas e culturas minoritárias no espaço digital de forma interligada.

Pesquisas em Multilinguismo e Acessibilidade

O desenvolvimento de uma Biblioteca Digital Polifônica de qualidade está diretamente ligada à possibilidade de se desenvolver pesquisa nas humanidades voltada para a compreensão da representação e valorização do Multilinguismo e Multiculturalismo como fatores geradores de desenvolvimento local. É justamente a partir destas pesquisas junto às comunidades que é possível configurar uma interface produtiva para esta Biblioteca Digital e para os possíveis usuários deste serviço polifônico que pretendemos disponibilizar. Sendo assim, nosso interesse é de ter ao menos um aluno de cada universidade parceira trabalhando. Dado que se trata de um programa de trabalhos no espaço digital, daremos preferência a temáticas de pesquisa ligadas à inclusão digital, acesso democrático à informação, e Multilinguismo e Multiculturalismo no Espaço Digital. Além disso, a presença de Especialistas Visitantes serão de grande valia no desenvolvimento desta reflexão conjunta.

Esperamos que estas contribuições de estudantes de diferentes países desenvolvam, junto com a equipe do Forum e Centro de Pesquisa voltado para Bibliotecas Digitais Polifônicas, soluções de acesso à informação

para questões identificadas em seu país de origem. No Brasil, está em curso uma pesquisa inicial sobre modos de acesso ao repertório literário pela população jovem, com pouco contato com a norma culta sem ainda ter constituído o hábito regular da leitura. Trabalharemos igualmente com a circulação dos dados da Biblioteca Digital Polifônica em WAP, programa de acesso já em curso pela Universidade Jean Piaget de Cabo Verde; com a produção de plataformas digitais para educação em Quicongo, programa de acesso em curso na Universidade Agostinho Neto em Angola; e na parceria da estruturação de um site da Biblioteca Digital Polifônica em Patuá de Macau, China, projeto do Instituto Internacional de Macau. Estes programas já em curso, ligadas ao projeto de pesquisa *Multilinguismo no Mundo Digital*, deverão se agregar ao desenvolvimento da Biblioteca Digital Polifônica, permitindo a democratização de circulação de conhecimento produzido localmente através do software desenvolvido pelo IBICT-Unicamp.

Capítulo 4 (2009)

Este é um trabalho que retoma parcialmente o artigo *A Periferia Digital e o Processo de Descolonização*, in *Africa-Brasil: Caminhos da língua portuguesa*, organizado por Charlotte Galves, Helder Garmes e Fernando Rosa Ribeiro, publicado em 2009 pela Editora Unicamp, São Paulo, Brasil. Agrego ao texto, o esforço de compreender o funcionamento da política de circulação de conteúdos em línguas locais na internet, e o nosso tema são os softwares disponíveis nas línguas locais e sua acessibilidade aos usuários.

Periferia Digital

Esta reflexão é voltada para o desenvolvimento de uma abordagem razoável de estudos sobre o Multilinguismo através da perspectiva da crítica pós-colonial focada nos países de língua oficial portuguesa. Para tanto, deveremos trabalhar com a coleta de dados nos países de língua portuguesa relativos à presença do Multilinguismo como um tema na pesquisa acadêmica, com linguística computacional para analisar os dados colhidos, e autores de crítica pós-colonial para desenvolver uma reflexão articulada com as questões em pauta.

“‘Ça circule’, comme on l’a pris l’habitude de dire, em faisant de cette circulation l’image positive de notre modernité discursive libérée, ou au contraire la fausse monnaie de langues de vent ; les tourbillons du ‘n’importe quoi’ destinés à occuper l’attention, en la détournant des ‘problèmes réels’”.

Michel Pêcheux, *Materialités discursives*, 1980E

A questão dos sentidos das pós-colônias, e particularmente da representação de suas línguas no espaço digital, é o nosso tema. Interessa-nos compreender a presença — no espaço digital — das línguas de países que sofreram o processo de colonização. Partindo da compreensão de que o modo de a língua funcionar se ancora materialmente de forma distinta na sociedade e no espaço tecnológico é que propomos esta discussão. Esta diferença de modo, no entanto, tem em comum toda uma memória de relações de força à qual nós estamos de certa forma ancorados — como pós-colônias — e da

qual historicamente somos herdeiros. A idéia de descolonizar não nos soa interessante da perspectiva da Análise do Discurso, uma vez que remete à idéia de desfazer um processo histórico. E um dos elementos que constitui a noção discurso é a memória. Portanto, assumir a condição de colonizador, de colônia ou de pós-colônia é condição necessária para iniciar uma reflexão sobre as línguas no espaço digital. Não há lugar neutro de descrição ou análise. E aqui lembramos da frase de Althusser (1971:29): “Everything that touches on politics may be fatal to philosophy, for philosophy lives on politics.”.

Quais as conjunturas de inserção das novas tecnologias em sociedades de países em desenvolvimento, pensando que as tecnologias de comunicação são um dos alicerces do processo de globalização? Ou como estamos lidando com a globalização em termos digitais, no espaço eletrônico, da perspectiva da produção de linguagem? A resposta mais simples, possivelmente adequada e alarmante seria: não estamos preocupados. De certa forma, essa questão nunca esteve sob nossa própria jurisdição no período do colonialismo; sempre afirmamos publicamente a predominância da língua do mais forte. E penso que esta posição muitas vezes funciona como ponto cego em vários debates atuais. Politicamente, negamos a existência da representatividade, do valor e do funcionamento de outras línguas, o que também concorre positivamente, ao deixá-las invisíveis para o Estado, e, quiçá, garanta sua própria sobrevivência sob o manto do silêncio oficial a seu respeito.

A questão da colonização, no caso deste trabalho, está estritamente relacionada às condições da colonização portuguesa, uma vez que o Brasil foi colonizado por Portugal, e a língua portuguesa é a língua nacional do Brasil. Mas, ao invés de colocar o Brasil como herdeiro “natural” de Portugal (posição que se confunde muitas vezes com a vinda de D. João em 1808, quando ele estabelece a sede do Império português no Rio de Janeiro e, posteriormente, o gesto do príncipe regente português, ao ficar no Brasil e assumir sua unidade política na diferença com Portugal), prefiro o exercício de pensar o Brasil como pós-colônia, em patamar de pressão lingüística por parte da Europa, semelhante ao dos outros países que participaram da efervescência do império português.

Estariamos a priori, neste exercício, em situação de pressão lingüística semelhante a países como Cabo Verde, Angola, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Timor Leste, ou a distritos como Macau e a colônias

como Madeira, Açores etc. Lembro que, da perspectiva da Análise do Discurso, não seria produtivo escolher entre uma interpretação ou outra sobre a relação de Brasil com Portugal e com as colônias e pós-colônias portuguesas, porque ambas — e ainda várias outras — são plausíveis (cf. Roberto Freire e Darcy Ribeiro). Somos herdeiros ou ex-colônias? Para simplificar nossa perspectiva neste artigo, somos, sim, herdeiros, colonizados, nativos, ex-escravos, sobreviventes, bandeirantes, imigrantes... Estamos na história, e nossa história é feita de uma miríade de posições descontínuas. A contradição e a simultaneidade dessas memórias funcionam para nos constituir como nos conhecemos hoje, e é por uma abstração estruturada na metodologia da Análise do Discurso que esta diferenciação, ou tipologia, é possível, tendo como objetivo específico desenvolver uma reflexão sobre a representatividade das línguas de pós-colônias no espaço digital. Ou seja, quando faço essa escolha, afirmo nossa identidade comum com as pós-colônias portuguesas.

No caso do Brasil, pensando nas línguas que aqui habitam, a rigor poderíamos escolher entre possibilidades de produzir sentido nas nossas línguas indígenas, na língua geral, nas línguas de comunidades da África que foram trazidas pelo comércio — as línguas de escravos, que muitas vezes se transformaram em línguas de quilombos e que encontramos ainda em rituais religiosos — ou nas línguas das várias comunidades que instituíram ondas de imigração europeia e asiática. Todas essas diferentes línguas com suas respectivas culturas constituem possibilidades de nosso espaço social, cultural e humano. Em termos formais, entre todas que ajudaram a configurar o Brasil, ou os Brasis de hoje, a língua portuguesa apresenta-se por lei como língua hegemônica de produção de conteúdo no espaço eletrônico e digital. Ou seja, toda produção midiática no território brasileiro deve ser realizada em língua portuguesa, ou — se preferirmos — em língua brasileira, ou ainda poderíamos dizer em língua nacional.

Na TV, no rádio e em qualquer canal midiático dentro do Brasil, a partir da Constituição de 1937, a língua portuguesa é a língua que deve ser utilizada no território nacional, inclusive na imprensa. Assim, uma rádio dentro do país não pode transmitir sua programação em alemão, iorubá, ou xavante. Lembramos que a Era Vargas é responsável por gestos lingüísticos como o Decreto Federal no 406, de 04 de maio, conhecido como “Lei da Nacionalização”. Essa lei enfatizava que todo o ensino fosse em língua portuguesa, que todos os professores e diretores fossem brasileiros natos, que

nenhum livro de texto, revista ou jornal circulasse em língua estrangeira nos distritos rurais e que o currículo escolar deveria ter instrução adequada em história e geografia do Brasil [...] (Kreuth, 1991, p. 154).

Ao passo que no território brasileiro a língua portuguesa é hegemônica e sua presença, garantida por lei, na Internet já não é assim que ocorre. A Internet é um espaço dedicado a permitir a comunicação, a globalização de dados, a informação e o conhecimento, através do consumo e estruturação de infra-estrutura digital, hardwares e softwares criados geralmente nos EUA, que funcionam primordialmente em inglês. Ou seja, pensar a língua portuguesa no espaço digital traz uma diferença, uma vez que as peças econômicas e sociais que articulam essa globalização, ou nova colonização, ou o progresso, se preferir, — através da tecnologia digital — afetam-nos como participantes da cultura ocidental ou, mais simplesmente, como consumidores e trabalhadores de países globalizados e em desenvolvimento.

É claro que o tempo do colonialismo já se foi, e não queremos defender aqui a aplicação desse termo para a globalização. Apenas salientar, na mesma direção de Joseph Stiglitz, como é problemático que o valor forte dado à noção de democracia no âmbito internacional não seja em momento algum praticado em relação à globalização, ou presente na formulação do Consenso de Washington, ou nas políticas do Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional. Nas decisões tomadas pela Europa e pelos Estados Unidos da América dá-se pouca atenção às preocupações dos países em desenvolvimento. Mais ainda, ao passo que o capital e a idéia de mercado livre fundamentam esse processo, questões de base para o bem-estar da sociedade ficam a cargo de dom quixotes dispostos a nadar contra a maré. Podemos citar, por exemplo, como elementos asseguradores de bem-estar: a melhoria da qualidade da educação básica, o aumento do salário mínimo, o sistema de saúde eficiente, a água potável e o saneamento básico para todos, a valorização das práticas culturais locais, o investimento na formação de pesquisadores e em pesquisa nacional etc — reforçamos assim que o processo de globalização não “engloba” essas questões que são fundamentais para os sujeitos envolvidos.

Neste desconforto, da perspectiva da linguagem, estamos atravessando atualmente um novo processo de um jogo estabelecido ao final da Segunda Guerra Mundial, em que o espaço eletrônico é o meio e o fim que

articulam a forte presença da tecnologia e da língua inglesa, com o forte apoio do direito autoral (copyright) americano e de uma grande quantidade de conteúdos pret-à-porter em língua inglesa. Nunca é demais lembrar que a pesquisa que resulta no sistema conhecido como Internet foi financiada pelo governo americano, e que esta grande quantidade de produção de conteúdo se deve fundamentalmente ao baixo custo de computador, software, e acesso à Internet nos EUA, na relação com o salário mínimo do país.

Em Análise do Discurso estamos habituados a pensar que compreender as condições de produção de um discurso é uma das etapas primordiais da análise de um texto, texto compreendido aqui como unidade mínima de sentido do discurso. Para nós, trata-se de um belo ponto de partida de análise e, no caso do espaço eletrônico, a complexidade desta compreensão é multiplicada, entre outras, por fatores como a política de implementação tecnológica, a de “inclusão digital”, o acesso democrático à informação ou mesmo o respeito à livre expressão do cidadão, fatores diretamente garantidos ou promovidos pelo Estado; no caso, pelo Estado brasileiro. Evidentemente, não está ao alcance do cidadão comum projetar redes de fibra ótica dentro das cidades, estruturar acesso a Internet via rádio em espaços públicos, ou definir taxas de importação de eletrônicos etc. Com a exceção do programa one laptop per child, criado pelo Prof. Negroponte, que batalha junto às nações mais numerosas do mundo pela adoção maciça do computador de 100 dólares para as crianças — com seu próprio sistema de viabilizar o acesso à rede —, o computador é um objeto de luxo, paga por ele quem pode. E o acesso à Internet está diretamente ligado à política de info-urbanização do espaço onde o cidadão se encontra. Se esta urbanização de dá em um país em desenvolvimento, carente de saneamento, energia elétrica, assistência de saúde, o significado e a prioridade da Internet mudam.

Ora, não é difícil perceber as implicações desse quadro que é constituído a partir de uma política econômica. A existência de nossas línguas no espaço digital depende diretamente de investimento nacional em tecnologia e acessibilidade, movimento contrário à tendência atual em que “recebemos”, ou “desenvolvemos” computadores e eletrônicos que já saíram de linha na Europa e nos Estados Unidos. Uma telefonia cara, um cabeamento falho ou irregular, um wi-fi (Internet via rádio) pago em espaços públicos. E mesmo assim celebramos um crescimento quantitativo de inclusão digital invejável, suficiente para que uma empresa como a Dell se

anime a abrir uma fábrica de computadores no Brasil.

Como em países subdesenvolvidos, ou em vias de desenvolvimento, nossa situação pode ser vista pelo que Roberto Schwartz chama de neo-atraso. Nós inauguramos, assim, o quadro de uma sociedade de exclusão digital: uma sociedade com as novas faltas das pós-colônias. Acrescentamos, portanto, ao quadro de subdesenvolvimento já conhecido, esta nova decalagem de produção e absorção tecnológica.

Mas não seria nada estranho assumir mais uma “falta”, como já assumimos tantas ao longo da história, não fosse o fato de que a Internet está sendo considerada pelo senso comum como o repositório do conhecimento produzido hoje no planeta. E que, em nosso programa de país em desenvolvimento, a idéia de produzir conteúdo digital ou, como se diz, mostrar nossa cara na rede, não está em nossa agenda pública. A título de esclarecimento, é importante diferenciar as práticas que estão sendo promovidas em termos de utilização da linguagem e produção de um discurso eletrônico em língua portuguesa. Entre um sujeito que produz conteúdo de qualidade e o publica na Internet em nossa língua e o sujeito que tem garantido o acesso a um computador, ou o acesso à rede para consultas, há um grande abismo.

Não é apenas o Brasil que está razoavelmente fora do jogo. As outras ex-colônias de Portugal estão em situação semelhante. Como então situar os países que utilizam a língua portuguesa e não são europeus, neste quadro? Ou como tratar em “bom português” questões poscoloniais, que não nos remetem à cultura europeia como tópico central? Bom, traçar este quadro em parceria com pesquisadores desses outros países, da perspectiva da Análise do Discurso, e particularmente pensando no discurso eletrônico, é o trabalho que me propus fazer a partir de um projeto que desenvolvo em cooperação com a Unesco, chamado Multilinguismo no Mundo Digital. Este artigo é um esboço do primeiro ponto que considero chave para a compreensão do funcionamento da política de circulação de conteúdos em línguas locais na Internet.

A língua portuguesa, para os brasileiros, apresenta-se em contínua problematização, entre as perspectivas de ser a nossa única língua nacional e esta “unidade” de apontar para uma língua brasileira ou para uma língua de Portugal. O primeiro ponto-chave para pensar o nosso neo-atraso é pensar as línguas comuns a estas pós-colônias, e sobretudo as línguas portuguesas no

espaço digital. O segundo ponto-chave são os softwares disponíveis nestas línguas e a sua acessibilidade aos usuários. O terceiro, como a economia das pós-colônias se organiza para resolver a equação consumo-acumulação de tecnologia e patente em cada caso e como este material — que sabemos que é eminentemente urbano — é utilizado e representado no espaço social.

A questão da língua no espaço digital:

O trabalho que desenvolvemos desde 2005 de estruturar de uma rede de pesquisas sobre multilinguismo entre países de língua portuguesa através do espaço digital nos permite realizar um deslocamento do imaginário de completude e acessibilidade das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) entre nossas regiões e ancorar a discussão de acesso democrático à informação nas nossas condições reais de trabalho. O giro deste posicionamento, embora pareça relativamente simples [no sentido de um autor que escolhe um lugar para falar de um assunto] decorre da experiência de insistir de forma refletida em instaurar este programa de trabalhos entre nossos parceiros de pesquisa em rede (que hoje se constituem através de acordos de cooperação firmados em 11 universidades).

A experiência tem mostrado a absoluta boa vontade das instituições internacionais, diplomatas, ministérios e universidades envolvidos em colaborar com esta iniciativa e ao mesmo tempo um imenso desconhecimento destas mesmas instituições de como dar condições para tornar esta rede operante através dos mecanismos já existentes. Ou seja, embora a parceria intelectual entre colegas de língua portuguesa seja uma ideia bem recebida e inclusive recebida de forma relativamente natural, nossa tradição, nossos mecanismos administrativos, o modo de circular o conhecimento que desenvolvemos ao longo dos últimos séculos, e o modo de pensarmos as novas tecnologias não nos conduzem “naturalmente” a esta condição de interlocução mútua. Surpresa.

Algumas questões para nos situarmos em relação aos silêncios que planam nesta proposta: o que está sendo discutido hoje nas universidades de Angola? Moçambique? Quais as questões que afetam os colegas de Macau? Como os pesquisadores de São Tomé e Príncipe trabalham na educação à distância? Quais são as principais bibliotecas digitais de Cabo Verde, como eles se conectam à rede mundial de computadores? Como se integrar às

pesquisas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa de Guiné Bissau? Como os pesquisadores da Escola Normal Superior Tchico-Té estão pensando as culturas locais? Como os acadêmicos de Timor Leste estão retomando o contato com o conhecimento em língua portuguesa? Qual o interesse dos colegas de Goa na produção de língua portuguesa? Qual o papel dos pesquisadores portugueses em uma rede de pesquisa entre pós-colônias? Como propor estudos conjuntos, comparativos, traçar debates comuns online? Ou melhor, e primeiramente, como acessar a produção acadêmica deste coletivo, para que possamos nos inteirar minimamente do que está acontecendo, para dar condições a uma interlocução à altura de nossa história comum e igualmente de nossa história diversa?

A primeira pista é que não é imediatamente via internet, não está no google, não é evidente. Como dizem os franceses não vai de si, e não, não é nada “natural” propor e viabilizar tal interlocução. Simplesmente não está pronto. Portanto, que sabemos pouco a respeito do que acontece com este grupo é o lugar comum de onde partimos sem qualquer embaraço. E o primeiro raciocínio que nos ocorre é - se temos um grupo que tem tudo a ver mas não se conhece - podemos criar algo na web, para nos comunicarmos.

Em consulta a cada equipe de trabalho (2007) que faz parte do grupo de pesquisa multilinguismo no mundo digital, elaboramos o seguinte quadro com as línguas faladas em cada país, uma vez que embora nossa língua de contato seja em um primeiro momento o português nós temos explícito interesse em valorizar, reconhecer e preservar a diversidade linguística e cultural existente seja através do português, ou de qualquer língua que se mostre veicular e viável para tal tarefa. Este é o quadro que surgiu da consulta:

País	População	Línguas conhecidas	Línguas oficiais
Angola	11 milhões	310 languages	1 oficial, 7 national
Brasil	170 milhões	210 indígenas, + imigrantes europeus e asiáticos	1 oficial
Cabo Verde	511 mil	2 locais	1 oficial
Timor Leste	800 mil		2 oficial, 15 national, 2

			línguas de trabalho
Guiné Bissau	1,5 milhão		1 oficial
Região Administrativa Especial de Macau (RAEM da RPC)	553 mil	2 línguas, 4 dialectos principais (mandarim, cantonense, haka e fokim) e ainda várias línguas de imigrantes da Tailândia, Birmânia, Filipinas etc.	2 línguas oficiais chinês e português
Moçambique	19,5 milhões		1 língua oficial, muitas línguas nacionais
Portugal	10,6 milhões	3 local + imigrantes	1 oficial
São Tomé e Príncipe	148 mil	4 local	1 língua oficial
Σ	223.5 milhões	Possivelmente 700	Pelo menos 40 estatutos diferentes para as línguas

As línguas que nos habitam são numerosas e considerando as recomendações da UNESCO e a Metas do Milênio da ONU, o trabalho que temos pela frente em termos de inclusão digital valorização das culturas locais e produção de uma interlocução é grande. Quais os softwares? Isso somado com acesso web? Qual salario minimo x preço de pc? Qual a autonomia para autoria?

O que quero defender é que a rede mundial de computadores, no seu imaginário de repositório da informação do planeta, ao cancelar visibilidade desta falta de acesso à autoria, à escrita, às ferramentas que produzem e organizam sentidos e à própria informação de grupos de trabalho como o nosso, se apresenta como gerador de pontos cegos nada ingênuos. Ou, em parafraseando Edward Said quando explica o Orientalismo: “Na verdade, o meu argumento real é que o Orientalismo é - e não apenas representa – uma

dimensão considerável da moderna cultura político-intelectual e, como tal, tem menos a ver com o Oriente do que com o “nosso” mundo.”(SAID, [1978]2007, p.41). Desta perspectiva podemos dizer que a www é um investimento político-intelectual que agencia um território puro e democrático para o acesso à erudição intelectual, esta também objetiva, acessível e neutra. Ou seja nos falta um estudo sério sobre a divisão internacional do trabalho intelectual, e sobre o papel das culturas locais aí, especialmente no território digital.

É certo que a interdisciplinaridade necessária para tal empreitada, e o argumento sobre a especialização de nossos filósofos, linguistas, historiadores, cientistas da computação, cientistas da informação, sociólogos, antropólogos e tantos colegas cultos, nossos pares acadêmicos, tira da linha de frente a possibilidade de tal estudo de fundo. Mas a meu ver trata-se de entender mais seriamente o papel e as possibilidades do trabalho intelectual em âmbito internacional na rede, para que possamos fazer nosso trabalho especializado de cada dia com um pouco mais de compreensão do que está em jogo.

Certamente esta compreensão é para acompanhar SAID em sua percepção que os sistemas hegemônicos, entre os quais considero hoje o território digital advindo diretamente da predominância da cultura americana nas TICs, em sua saturação não são exclusivamente inibidores, mas também produtivos para nós. O que defendo em relação a esta imensa falta, esta absurda ausência de nosso grupo de trabalho e da falta de representatividade de nossas línguas nas estatísticas digitais, é que é possível trabalhar no ponto cego, nos silêncios, e que nestes aí também a reflexão se instala e se articula. Igualmente, ponto a ponto, na relação com cada tema, com cada pressuposto, com cada metodologia. E cada política.

O que se apresenta mais curioso e complicado neste trabalho é o fato de que em algum momento a própria existência do software, do computador, da língua e de seus caracteres na internet autorizam o conteúdo ali existente e que a falta disto desprestigia e desautoriza outras possibilidades de circulação de conteúdo. E um de nossos esforços neste texto é analisar esta autoridade, mostrar como ela funciona, de forma a permitir uma relação mais interessante e cuidadosa com estes efeitos das tecnologias.

Segundo Roberto Schwartz, “A terceira revolução industrial combina a mundialização capitalista a conhecimentos científicos e técnicos, os quais estão seqüestrados em patentes, além de submetidos a um regime de

obsolescência acelerada, que torna inútil a sua aquisição ou cópia avulsa.”Nesse quadro, um país subdesenvolvido na área de tecnologia se define basicamente “pelo que ele não é”, pela mecânica do atraso-digital, da inclusão-exclusão digital, jogo de espelhos que quer ‘nivelar’ a relação da população com espaço digital ‘por cima’, sem saber exatamente que por cima é este e a que serve este nivelamento em épocas de novas feições do trabalho abstrato.

Assim, a questão de conteúdos acadêmicos no espaço digital, metodologias e ferramentas de educação a distância e redes de construção conjunta de conhecimento ganha relevância; na medida em que a mente ou a “inserção do saber e da tecnologia no modo de produção capitalista deixa de ser suporte de capital, para ser agente de acumulação”, o saber funciona como força produtiva.

Até aí estamos relativamente em regiões de acordo, e eu chamo novamente a atenção para um dos elementos fundamentais na produção do conhecimento, que é a língua. Ora, se pensarmos na singularidade do papel de cada idioma, na produção acadêmica e no valor simbólico, na memória e na circulação da produção acadêmica em cada língua, já começamos a construir um quadro um pouco diferente na compreensão desta força produtiva que surge com esta revolução tecnológica.

A língua da academia, ou a língua do conhecimento

Escolher uma língua para desenvolver questões viabiliza ou não circuitos de reflexão, parcerias e/ou inter-relações teóricas, uma vez que a tradição acadêmica se organiza diferentemente em cada país e em cada língua que o país escolhe para ser sua língua de produção de saber. E, como sabemos, escolher uma delas para o trabalho intelectual não é uma escolha ingênua.

Bilingüismo ou multilingüismo é uma primeira etapa da elaboração desta escuta de si e do outro. No fundo, a questão não é falar a outra língua como se fosse a sua. Além de impossível, este é um princípio que vai na contramão dos ambientes multilingues e multiculturais, porque apaga as diferenças. A idéia é falar conhecendo a sua posição de outro na língua do outro: conhecendo e trabalhando com seu duplo no exterior. Fazer esta posição de outro, que ocupamos, pensar e formular questões, me parece mais interessante do que a posição “como se”, i.e. refletir “como se” fossemos

européus, por exemplo. E, mais que isso, é preciso contar sempre com a imprecisão, e com os equívocos. É nesta folga, neste intervalo, que os novos sentidos têm espaço para se constituir.

Boaventura Santos aponta para esta questão como uma solução para lidar com o silêncio que se produz entre diferentes culturas, ele propõe “um registro de hermenêutica diatópica, para que uma prática numa dada cultura possa ser tornada compreensível e inteligível para outra cultura.” (p.226). Eu voltarei a ele em outro momento, mas me parece estratégico, no estilo da melhor diplomacia, transformar os conflitos por múltiplos que sejam em questões bilaterais, resolver conflitos entre dois blocos, dois grupos ou duas pessoas, um princípio simples de regulação de forças. Mas, para adiantar e confundir, no caso da língua portuguesa, seria necessário uma escuta *pluritópica*, digamos, uma vez que o exterior são vários.

O que ocorre quando “o exterior” a que nos reportamos fala português? Onze países falando português, trabalhando academicamente em língua portuguesa. Trata-se da mesma tradição acadêmica, das mesmas leituras, das mesmas influências, das mesmas questões? Não, certamente que não podemos tratar esse grupo de trabalho como se fôssemos um continuum homogêneo. Inclusive porque o valor simbólico, a memória e a circulação da produção acadêmica em cada língua estão estritamente ligados ao valor daquela língua para sua nação e à viabilidade de produção de reflexão acadêmica nesta língua em cada espaço nacional.

Outro fato concorrente e particular para nós no Brasil: não estamos habituados a trabalhar em parceria intelectual com esses países, com exceção da secular parceria com Portugal, por razões óbvias. Trabalhamos mais frequentemente na área da linguagem com o hemisfério norte, com forte influência das tradições francesa e americana. Ou seja, somos tradicionalmente conectados com os debates do hemisfério norte. Sabemos pouco do que ocorre intelectualmente em nosso hemisfério.

Então há uma enorme agenda à vista. Cito alguns pontos:

1. Efetivar novos laços de parceria no trabalho intelectual com Ásia e África, sem necessariamente termos de passar pela “aprovação” européia ou norte-americana.

2. Pensar seriamente nos efeitos do colonialismo português sobre a cultura local de cada país.
3. Pensar coletivamente como se deu o processo de apagamento das culturas e línguas que não são a portuguesa em nossos países pós-coloniais e como isso continua funcionando como ponto cego na produção de sentidos e na compreensão dos espaços públicos nacionais.
4. Particularmente no caso do Brasil, sair um pouco da posição de identificação com o branco europeu como nossa “origem”, para podermos de fato falar das culturas indígenas, das culturas negras, da imigração e da emigração com mais propriedade.

Há de se dispor a escutar-se em ao menos uma dezena de outros “idiomas portugueses”, imaginando, muitas vezes equivocadamente, que permanecemos em casa. De fato, o que eu considero nosso melhor ponto de partida é o que há de comum: o rigor do trabalho acadêmico e uma língua que para nós sempre foi língua de escolarização e trabalho acadêmico: a língua portuguesa.

Além disso, retomando Chauí (2005), há de se agenciar a força produtiva desta rede, sua reflexão. E, lembrando que nosso trabalho se dá no espaço digital, outras variáveis entram em cena.

O discurso eletrônico

Quando pensamos em tecnologias de linguagem e, particularmente, nas questões do multilinguismo no espaço digital, a utilização do espaço eletrônico se coloca de forma incontornável para nossa geração de pesquisadores. Seja pela escassez de recursos locais, seja pelo hábito de nos reportarmos a autores estrangeiros, a Internet faz cotidianamente o duplo papel de livreria e biblioteca, sem muita formalidade.

No aspecto da constituição de acervos para a pesquisa, se pensarmos no esforço imenso de digitalização de dados e de disponibilização de material científico on-line para expandir os recursos de consulta e pesquisa na rede mundial de computadores, o resultado é bom. Novamente os esforços mais visíveis estão na Europa e nos Estados Unidos da América. No Brasil, o programa do Scielo tem importante papel na visibilidade da produção acadêmica brasileira, e são louváveis iniciativas como a da Unicamp de

disponibilizar on-line as teses defendidas. Mas estamos longe, muito longe ainda, de uma biblioteca digital gratuita para ciência e pesquisa em língua portuguesa.

Ressaltamos que nossa produção científica e cultural que circula no espaço digital geralmente não se encontra em língua portuguesa. E aí voltam nossos condicionantes, e esta curiosa idéia de que o inglês é língua da ciência, e o francês a língua da cultura e das humanidades. Um forte apelo persuasivo para realizarmos nossa “inclusão” nessas regiões do saber, para escrevermos nessas línguas, para termos parceiros de trabalho aí. Essas regiões de conhecimento, que materialmente estão em suas respectivas línguas, instituições acadêmicas, nações.

Ora, a língua portuguesa como língua acadêmica é uma possibilidade real, pouco explorada no âmbito internacional. É mais trabalhoso investir em uma prática institucional — pensando a academia como instituição — ainda pouco visível. Creio, assim como nossos parceiros de trabalho, na importância de valorizar e investir nessa possibilidade.

O multilingüismo no espaço digital

Da perspectiva tecnológica, se pensarmos na presença de seis a sete mil línguas no mundo hoje, no estado tecnológico em que nos encontramos, um tradutor automático para seis mil línguas inviabiliza qualquer possibilidade real de processamento, mesmo de um simples “bom dia”. Assim, trabalhar na direção de todas no espaço digital é economicamente inviável. Mas há outros tipos de entrada no espaço digital, que podem ser explorados. E é sobre isto que trabalho hoje com a equipe do Projeto Multilinguismo no Mundo Digital e com o apoio do MinC, MEC, Unesco. Isso significa que, mesmo que em grupo utilizemos uma língua de trabalho comum, isso aponta para outras línguas que não participam do espaço eletrônico, porque não têm plataformas ou softwares, ou mesmo porque são línguas sem escrita. A partir da Convenção sobre a Diversidade Cultural da Unesco, em 2001, é importante, entre outros aspectos, que comunidades de línguas minoritárias e suas culturas tenham acesso ao espaço digital, tanto da perspectiva de produção e publicação de conteúdo, quanto da possibilidade de navegação e acesso à informação.

Principalmente porque a questão em jogo aqui é permitir uma

comunicação ampla entre todos a respeito do acesso a informação a línguas locais e línguas nacionais. Alguns pontos-chave: “free distribution and reception of information and the creation of dialogue across borders and cultures”(Unesco, 2005:12)¹⁰, assim como a liberdade de expressão que também “comprises the right to seek and receive information from others, including the right to freely obtain and read newspapers, to listen to broadcasts, to surf the internet and to participate in discussions in public and private as a listener. [...] the right to communicate includes access to diverse and pluralistic media; equitable access to the means of communication as well as to the media; the right to use the language of one's choice; the right to participate in the public decision making process; the right to access information, including from public bodies; the right to be free of undue restrictions on content; and privacy rights.”(Unesco, 2005:14)

Neste sentido a media livre tem significado imperativo para sociedades democráticas. E este projeto deve mapear iniciativas de pesquisa que refletem a existência de ambientes de estudo sobre multilinguismo em países de língua oficial portuguesa.

A situação das comunidades que são incapazes de acessar informação na rede mundial de computadores em sua língua materna é estudada de diferentes perspectivas pela Antropologia, Sociologia, Linguística, Língua e Literatura, História, Ciências Computacionais, Biblioteconomia, Economia, Ciências Políticas, Estudos Culturais, etc. Mas pesquisadores em países de língua oficial portuguesa podem considerar o Multilinguismo como um campo interdisciplinar de estudos, uma discussão que precisa ser desenvolvida localmente e em fórum internacional com o apoio da UNESCO. Este projeto busca constituir um panorama internacional destes estudos de uma perspectiva pós-colonial.

O que estou afirmando neste artigo é a estrita relação entre capital e representatividade lingüística. Começamos, por exemplo, pela realidade da língua portuguesa no subdesenvolvimento brasileiro, os alfabetizados funcionais, a dificuldade de acesso e a pouca valorização do ensino de qualidade.

Ainda no exercício de pensar nossa realidade no aspecto de pós-colônia, salta aos olhos uma escolha estratégica do brasileiro que o Prof. Chico

¹⁰Unesco WSIS Thematic Meeting, 2005

de Oliveira (2003) nos aponta. O governo brasileiro assumiu claramente a posição de parar de falar em desenvolvimento e adotar uma relação de dependência com o exterior. Ele (op. cit., p.33) mostra que a questão do subdesenvolvimento no Brasil é normalmente trabalhada sob o ângulo das relações externas e que o desenvolvimento ou crescimento do país é um problema que diz respeito à oposição entre classes sociais internas. Bom, já são pistas interessantes para começar a pensar que não somos apenas alvos da globalização e de uma economia de mercado internacional fundamentalista, mas também somos agentes desse processo, sem nos permitir colocar a questão.

Bom, é a partir daí que é possível começar a compreender as pós-colônias de línguas portuguesas no mundo digital. A partir do momento em que o Brasil assume a condição de pós-colônia. Assume e se responsabiliza por ser também agente este neo-atraso digital em que vivemos, dos pontos de inclusão de Internet, dos cursos de Office para quem não tem computador, da reciclagem de computadores, do esforço de incluir digitalmente a população funcionalmente analfabeta, etc. Da busca pelos softwares livres, sem se questionar dos preços das licenças no país e do esforço em fazer esse objeto de luxo, que é o computador, e a língua do objeto de luxo, que é o inglês, fazerem parte de nosso cotidiano — sempre e necessariamente de forma imperfeita, incompleta, e às vezes até mesmo ilegal — é que pode vir uma compreensão do que seria nossa realidade de pós colônia no espaço digital.

É esta sobriedade de que para nós é vantajoso trabalhar nesta franja do desenvolvimento tecnológico de outros países que permite, a meu ver, uma possível compreensão da representatividade da língua portuguesa no espaço digital e a assunção, ou não, da língua portuguesa como língua capital para o trabalho intelectual das pós-colônias.

Ora, nada mais interessante neste caso, para uma analista de discurso, do que pensar nesta genial ferramenta imperfeita que é a língua, de braços dados com uma ferramenta historicamente e economicamente imperfeita para nós, pós-colônias, que é a rede mundial de computadores e seus derivados. Uma linguagem que nos falta, sobre outra linguagem; um silêncio digital pela falta, pela falha; um sintoma típico de pós-colônia. Ora, e não se trata de linguagem todo o tempo? De discurso, e de seu silêncio constitutivo? De equívocos e falhas e sentidos.

E aí eu não pensaria em cancelamento ou inviabilidade de um dizer, mas exatamente nas condições de possibilidade de se dizer e de dizer seu silêncio, na possibilidade de surfar nesta língua de vento, nestas línguas da Internet, com seu silêncio, e fazer uma conversa real aí. Muito diferente da proposta politicamente correta e solidária, que vem da Europa e propõe a constituição de uma sociologia das ausências, eu pensaria, sem complicar, na proposta que nós desenvolvemos aqui no Brasil: em uma análise do discurso que tem o silêncio como fundador dos sentidos. Mas um silêncio de outra ordem, estruturado na falha de outras materialidades que se entrelaçam: o capital e o digital.

Assim, para uma possível prática de compreensão da região de sentidos tecnológica, é importante pensar a automatização em língua portuguesa em pós-colônias, trabalhando fortemente com a questão do silêncio, silêncio histórico e tecnológico. Uma curiosa automatização silenciosa de faltas.

O espaço digital e o subdesenvolvimento

A pergunta que organiza a reflexão sobre a automatização do discurso, discurso eletrônico, conteúdo digital, no caso de pós-colônias, é a seguinte: o modo de absorção de produtos já obsoletos em Europa e Estados Unidos e a produção tecnológica nos países subdesenvolvidos servem a quem? Esta é a questão de base que nos faz organizar de forma sóbria a idéia de periferia digital e formular a partir daí uma reflexão, apoiada em um quadro concreto de circulação do capital e, portanto, em condições de produção de um discurso sobre tecnologia, informação e também sobre a presentificação das línguas no espaço digital pelas pós-colônias.

A primeira dificuldade aí é a idéia de mercado, uma vez que já dissemos que a produção do conhecimento atualmente trabalha na direção da acumulação. A grande maioria das reflexões se desenvolve pensando em um mercado livre, que regula o fluxo de valores. Mas, se pensarmos que este mercado não é tão livre assim, e que de certa forma o Estado é encarregado de legitimar as regras do jogo para o funcionamento deste mercado, então não é má idéia nos debruçarmos um pouco sobre a política pública brasileira e gestos como a funcionalização da pobreza, da escola, e agora da rede digital.

Para Chico de Oliveira, (p. 69) “A especificidade particular do modelo

brasileiro de subdesenvolvimento” consistiria em reproduzir e criar uma larga ‘periferia’ onde predominam padrões não capitalísticos de relações de produção, como forma e meio de sustentação e de alimentação do crescimento de setores estratégicos nitidamente capitalistas, que são a longo prazo a garantia das estruturas de dominação e reprodução do sistema.”

E aí penso na elegante formulação de Boaventura Santos, que aponta para um processo de globalização hegemônica “levado a cabo pelos grupos sociais e classes dominantes” e o processo de globalização não-hegemônica, “levado a cabo por grupos sociais e classes de dominados e ou subordinados” (2003, p.20). É aí que Boaventura Santos aponta para a solidariedade, para um conhecimento que funcione como emancipação e que nos aponta três implicações, e vou citar apenas a primeira: do monoculturalismo para o multiculturalismo, onde a construção de um espaço multicultural aponta para duas problemáticas: o silêncio e a diferença. O silêncio produzido pela destruição de muitas formas de saber de povos que foram colonizados, e a diferença que, segundo Boaventura Santos, só é possível funcionar em um registro de hermenêutica diatópica, para que uma prática numa dada cultura possa ser tornada compreensível e inteligível para outra cultura. No fundo, uma teoria da tradução.

Precisamos refletir se de repente, neste encontro e confronto, o silêncio se torna dizível, e as culturas são tradutíveis. O velho sonho do semanticista europeu: a telepatia unívoca, a desbabelização romanticamente acrescida da paz entre os povos, que agora na era da informação têm a encomenda de serem solidários. Uma solidariedade que vem – não por acaso - de mãos dadas com a liberdade de expressão, valorização de línguas e culturas locais. Será que não querem ouvir o que temos a dizer que não é solidário?

Ora, é justamente neste jogo da tradutibilidade proposta, que a poesia, a arte, a cultura e, fundamentalmente, o silêncio e o trabalho do silêncio sobre as palavras, permitem uma respiração. O que no espaço digital desorganiza as falsas línguas de vento.

O real da língua, pensando aí um espaço silencioso e fundador de modos de produzir sentido, é o lugar do sentido possível. Assim como a materialidade eletrônica e a relação singular que os países em processo de pós-colonização têm com a tecnologia e com esta perenidade do novo é uma condição necessária de ser considerada em todo e qualquer trabalho em rede

no espaço digital em língua portuguesa.

E aí, retomo minha proposta simples para trabalhar no espaço digital em língua portuguesa, que é a metodologia da análise do discurso, que tenha o silêncio como fundador dos sentidos, e como os não-ditos que constituem o que se diz. E aí me refiro diretamente ao trabalho de Michel Pêcheux, Louis Althusser, Antonio Gramsci, Oswald Ducrot, Jaques Derrida.

Na questão digital, minha opção também simples é a reflexão de Michel Pêcheux sobre a automatização do discurso e sobre materialidades discursivas. Um filósofo que não tinha medo de tecnologia, ou das novidades, e que soube integrar ao seu trabalho as novidades tecnológicas da época e, mais ainda, é um dos fundadores da automatização de textos na França e trabalha isso de uma perspectiva política bastante interessante para nós, pós-colônias.

Como linguista, interessada em linguística computacional, a base metodológica para o mapeamento que eu proponho é ligado a uma primeira análise estatística dos termos relacionados a multilinguismo em buscadores web em contextos de conteúdos de instituições de educação superior. Para preparar os dados para análise nos basearemos em modelos de análises automáticas como os desenvolvidos com o software Semato¹¹, Prof. Pierre Plante na UQAM, e Lexico 312, Prof. André Salem em TAL-SYLED-PARIS 3, nós vamos aspirar os resultados destas buscas relacionadas a tópicos de Multilinguismo e Multiculturalismo com um extrator de dados como o WinHTTrack e preparar estes dados para serem analisados: pela análise automática de dados e pelas perspectivas históricas, sociais, linguísticas, pós coloniais etc.

A noção de silêncio como nós compreendemos aqui vem de Oswald Ducrot (1991), Visibilidade e Invisibilidade principalmente relacionada a Maurice Merleau-Ponty (1964), e para a discussão pós-colonial Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Bart-Moore Gilbert e outros, devem servir como nossa linha mestra para esta reflexão. Este reflexão aqui apresentada compreende multilinguismo como é percebido pelos escritos de Jean Jacques Rousseau especialmente o *Essai sur l'origine des langues* (1781) e pela

¹¹ cf <semato.uqam.ca>

¹²cf <<http://www.cavi.univ-paris3.fr/Ilpga/ilpga/tal/lexicoWWW/lexico3.htm>>

bibliografia Unesco sobre iniciativas na área do multilinguismo.

Sem dúvida há autores interessados na temática das pós-colônias, e autores importantes no hemisfério sul que falam da posição de periferia, além da grande quantidade de filósofos questionando a natureza e os sentidos do espaço digital. Eles começam a fazer parte de nossa reflexão e virão, na medida que desenvolvamos nosso projeto pessoal e coletivo aqui esboçado. Esta é uma reflexão possível da posição onde me encontro, meu espaço de formação atual. Espero que o trajeto reflexivo e colaborativo possibilite a abertura desses horizontes.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis. *Lenin and philosophy and Other Essays*, tr. Ben Brewster - New York: Monthly Review Press, 1971
- CHAUÍ, Marilena. “Intelectual engajado: uma figura e extinção?”, in A. Novaes, (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- CRYSTAL, David. *A review of language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, 272 p.
<http://www.gse.uci.edu/faculty/markw/crystal.pdf>
- DERRIDA, J. *Papel-máquina*. São Paulo, Estação Liberdade, 2004, isbn 8574480967
- DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire Principes de sémantique linguistique*. Collection savoir: sciences, Hermann éditeurs des sciences et des arts, Paris, 1991. isbn 2 7056 5908 0
- ECO, U. *A busca da língua perfeita na cultura européia*. EDUSC-SP, 2002. isbn 85 7460 109 8
- JACQUEMIN, C. *Traitement automatique des langues pour la recherche d'information*. Paris, Hermes Science Publication, 2000, isbn 2 7462 0225 5
- FAULSTICH, Enilde. “Planificação lingüística e problemas de normalização”, *Alfa*, Estado da arte das ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e

- terminologia. Editora Unesp, São Paulo, número temático. Disponível em <<http://www.termilat.info/public/env389.rtf>> . Acesso em..dez 2007.
- GORDON, Raymond G., Jr. (ed.). *Ethnologue: languages of the world*, 15th edition. Dallas, Texas: SIL International, 2005. On-line version: <<http://www.ethnologue.com/>>.
- LUIZ, Fernando Camargo. *Impacto digital: a influência da Internet na economia, nos mercados de capitais e na gestão de empresas*. São Paulo: Negócio Editora, 2001.
- MATHIAS, S. K.. *A militarização da burocracia: a participação militar na administração federal das comunicações e da educação, 1963-1990*. São Paulo, Ed. UNESP, 2004, isbn 85 7139 541 1
- MOORE-GILBERT, B. *PostColonial Theory: contexts, practices, politics*. Verso, 1997. isbn 185984 909 1
- MERLEAU-PONTY, M. *L'Oeil et l'esprit*. Gallimard, 1964
- OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica a razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Essai sur L'Origine des Langues* . Études Jean-Jacques Rousseau, 16. Musée J.-J. Rousseau-Montmorency, issn 0986 2773
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática.*, São Paulo: Cortez, 2005, vol.1.
- CARMEN ZINK BOLOGNINI, Maria Onice Payer, *Línguas Estrangeiras, Línguas de Imigrantes*.
- SALEM, A. et Lebart, L.. *Analyse Statistique des données textuelles*. Dunod, 1988, isbn 2 04 0187790
- SODRÉ, M.. *Antropológica do Espelho*. Vozes, 2002. isbn 85 326 2684 X
Bibliography on Multilingualism
- STIGLITZ, Joseph E. *Globalização: como dar certo*. São Paulo: Cia das Letras,

2007.

Unesco. "Convention on the protection and promotion of the diversity of cultural expressions", 2005. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/culturaldiversity/convention_en.pdf>. Acesso em:..dez 2007..

Unesco. "Résolution 30 C-12: mise em oeuvre d'une politique linguistique mondiale fondée sur le plurilinguisme". Local?Paris, 1999.

Study on language use in public service broadcasting programming. In 2010, UNESCO has published a study on how a new language could be included in the public service broadcasting in programming. Based on the study, UNESCO is revising the 's Linguistic Vitality and Endangerment (LVE) Framework with a focus on the Factor No 5 "Response to New Domains and Media". http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/public_service_bradcasting_and_language_development_levi_obijiofor.pdf

Study on "Assessing Language Situation and Planning in Relation to the Internet"

http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/assessing_language_situation_and_planning_in_relation_to_internet_marcel_diki_kidiri.pdf

UNESCO, together with OECD and ISOC, presented a study entitled "The economic aspects of local content creation and local Internet infrastructure" at the Internet Governance Forum in September 2011, Nairobi (Kenya). http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/news/local_content_study.pdf

On social inclusion, please look at the guidelines for Inclusive Access to Digital Office Documents. UNESCO in partnership with Inclusive Design Institute and Ontario Ministry of Social Services and Community (Canada) contributed to the development of the

guidelines for inclusive access to digital office documents.
<http://adod.idrc.ocad.ca/node/1>

UNESCO published Media and Information Literacy Curriculum for Teachers (certain elements will be useful)
<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001929/192971e.pdf>

Capítulo 5 (2004-2005)**Tecnologias de linguagem e conhecimento acadêmico****Entre a Teoria da Linguagem e o Multilinguismo no Mundo Digital: um passeio epistemológico¹³****Breve narrativa pessoal:**

Como passei a infância e a adolescência me mudando entre cidades, sotaques e idiomas, a ideia de que as ciências humanas (e sobretudo o domínio da linguagem) seriam ciência no sentido de um certo rigor positivo sempre me pareceu uma proposta improvável. A Análise do Discurso foi a minha primeira referência na teoria da linguagem desta crítica estruturada com uma metodologia analítica, depois outros autores da teoria da linguagem, e mais adiante a crítica pós-colonial e os estudos dos processos de auto-organização e sistemas complexos me permitiram aprofundar o conhecimento de algumas noções e operadores filosóficos. Isso me permitiu levar adiante com mais leveza (sem rebater tanto nas famosas divisões do trabalho intelectual) as questões amplas e interarticuladas que o tema traz. Assim, a filosofia temática e a crítica epistemológica hoje fazem parte de meu trabalho. Embora os nomes das áreas de conhecimento sejam distintos, as questões de fundo me parecem as mesmas de quando comecei. O que me dá uma certa alegria, pensando que sigo com esta curiosidade intelectual de maneira consistente e que ela caminha intelectualmente de maneira consequente.

Políticas de Implementação Tecnológica

Apresento aqui parte da discussão do meu primeiro ano de Pós Doutorado (2004-2005)

¹³(parte da pesquisa do relatório do ano 1 Pós Doutorado (2004-2005))

Regiões de interesse:

Ao encontrar a Análise do Discurso, encontrei um projeto interessantíssimo de um filósofo chamado Louis Althusser (1918-1990). Althusser refletiu, entre várias coisas, sobre como funcionam os aparelhos ideológicos e as máquinas do Estado. Os aparelhos ideológicos podem ser entendidos como as instituições do Estado que geram ideologia, como a escola, as igrejas, a família, a mídia, os sindicatos, o direito, etc. Althusser fala também dos aparelhos repressivos que, além de seu papel ideológico também usam de violência, que seriam por exemplo o exército, a polícia, a magistratura, o sistema penitenciário, etc. Então já há na própria nomenclatura do autor a ideia de aparelho, e a ideia de máquina, que estão sempre presentes nos textos. Como Althusser quer interpretar melhor o funcionamento dos aparelhos do estado, então é preciso fazer um trabalho analítico de base, para ver este funcionamento. Porque a função já não faz tanto sentido, já que são máquinas ideológicas que uma mecânica newtoniana não daria conta, porque elas são – de certa forma – menos (pre)visíveis do que as máquinas mecânicas. Precisamos então refletir sobre este aparelho para entender seu funcionamento, ou então analisar o que ele produz para entender como ele se constitui. Precisamos analisar, mas como poderíamos analisar algo tão abstrato como um aparelho do estado? - Na linguagem, sugere Althusser. E um aluno seu, chamado Michel Pêcheux (1938-1983), resolveu criar em seu doutorado aquele dispositivo de leitura que permitiria perceber na linguagem o trabalho feito pelos aparelhos ideológicos que seu professor elaborou. Este dispositivo se tornou um algoritmo para fazer a máquina de ler, se tornou uma programação em fortran e depois em lisp e virou um aplicativo no mundo digital. E ele fez isso, e a máquina de ler funcionou e funciona até os dias de hoje no mundo digital.

O curioso nesta história, primeiramente é que para fazer isto ele não trabalhou com linguistas. E a maioria dos usuários de seu programa eram basicamente colegas professores e pesquisadores das humanidades (mas não da área de linguagem). E portanto quando a análise do discurso é “localizada institucionalmente” nos estudos da linguagem, muitos dos seus trabalhos (como este aplicativo e seus códigos) ficam de lado pela própria circunstância dos estudos da linguagem estarem voltados muito enfaticamente para o

trabalho com as línguas naturais, e para uma leitura entre humanos. Assim, só parte da obra do Michel Pêcheux foi traduzida para o português, e não infelizmente não temos traduzidos para o português nem o doutorado dele onde ele desenvolve esta discussão, nem o que se segue a partir daí ligado a este projeto.

Mas, por afinidade com as tecnologias, minha curiosidade era saber o que tinha acontecido com este projeto digital lá dos anos 70 para cá, já que Pêcheux morre no início de 1983. E por isso, fui em 2004 fazer um pós-doutorado na França para investigar como tinha andado este projeto. E felizmente, com a ajuda de André Salem, Jaqueline Léon e Jean-Marie Marandin, encontrei os herdeiros da hipótese da leitura estatística textual no TAL-SYLED-PARIS 3 e felizmente o software de análise de texto do Michel Pêcheux com a hipótese do discurso funcionando em um computador ibm na Universidade Paris 10, no laboratório Modyco, sem modificações mais de 20 anos depois. Uma alegria incrível.

A primeira grande barreira que encontrei para ambos os sistemas de análise é tão óbvia que eu não tinha imaginado, é que o software criado na França por um filósofo francês roda na língua francesa. Então nós precisamos de textos em francês para alimentar a tal máquina que fará a análise automática do discurso. Eis o primeiro contato com questões do multilinguismo no mundo digital, um contato pela falta. E os textos brasileiros, os textos em português do Brasil, analiso onde? Como se traduz um software se eu quiser que esta máquina de ler funcione na minha língua? Estarei fadada a fazer análise automática de textos com corpus em francês, se eu quiser trabalhar com isso?

A língua, voltamos, não é transparente. Nem no digital, nem em lugar algum. E os analisadores e tradutores são feitos sob medida para cada língua natural, porque implicam em trabalhos de grande monta como construção de dicionários, listas de morfemas, listas de sintaxes possíveis, desambiguizador por contexto, que são relações bastante particulares de cada sistema linguístico. Para a máquina poder ler, ela precisa destes dados sobre a língua natural que ela lê.

Na teoria da linguagem, sinto falta da presença da lógica ser abordada como linguagem, sinto falta das lógicas de programação, das linguagens de programação, e mais do que tudo dos recursos de construção de código que utilizamos hoje nas tecnologias. Pensar as unidades textuais voltadas para a

linguagem natural e sua utilização por humanos é boa parte do papel da formação de professores e pesquisadores da minha geração em letras e linguística. Embora hoje tenhamos uma outra classe de seres sociais, não humanos, que interagem conosco no cotidiano e seja possível também pensar em códigos, lógicas, sistemas, relações estabelecidas entre estes diferentes mundos.

Parece que nós como linguistas “disciplinados” imbuídos em discutir os processos de formação de leitores e escritores, ao evocar a teoria da linguagem saímos de nossa região de conhecimento, porque ela está mais voltada para um foco de formação de professores de português, e investiu menos na região que estamos explorando. Apesar das aparências, tenho convicção de que estamos solidamente plantados nos domínios da linguagem quando tratamos das novas tecnologias. As línguas que estão no mundo digital não são apenas as línguas naturais. São várias camadas a serem exploradas como um sistema complexo em inumeráveis escalas. Que vão desde textos como os conhecemos corriqueiramente na escola, no trabalho, na pesquisa, a textos (que muitas vezes chamamos “códigos”) que vão identificar, caracterizar, classificar este textos como objetos digitais, para que eles possam ser buscados e reencontrados mais tarde.

O regime de escrita destes elementos (textos) é outro, basicamente porque eles não são para serem lidos por humanos, são para serem lidos e executados pelas máquinas: para que possamos ter uma base de dados estruturada de acordo com nossa necessidade, ou para que possamos recuperar um tipo específico de informação mais adiante. Há também outros textos, que são agregados a este texto de língua natural que está no espaço digital, que permitirão a realização de uma análise ou tradução automática por exemplo. Ou seja, são textos em língua natural preparados através de códigos, para serem lidos por máquinas, que vão analisá-los ou traduzi-los. Esses processos textuais em todas as suas dimensões me interessam.

Esta rápida descrição mostra um pouco de um modo de agenciar e tratar os textos de língua natural no mundo digital. Como administrar conteúdo online, e como ler estes textos automaticamente e/ou traduzi-los. Esta preocupação não é específica de quem se interessa por cultura digital, esta preocupação em decifrar o mundo, buscar uma (ou várias) interpretações é uma preocupação de seres de linguagem, porque uma coisa é certa: interpretamos todo o tempo. O processo de receber informação complexifica

o indivíduo, o que para nós é uma vantagem.

Da AD para MMD

1. A tecnologia da perspectiva discursiva

1.1. Deredec e AAD69

Em nossa proposta de pesquisa na França, a compreensão da noção de automatização de Michel Pêcheux (1969) e a possibilidade de sua re-leitura, seja no processo de análise automática do discurso seja no processo de formulação automático de efeitos discursivos, têm papel central. Cito Pêcheux em seu projeto para o Laboratório de Psicologia Social (p.19) in *Reflexions sur les conditions d'apparition d'une science des idéologies* [texto inédito, disponível Universidade Paris VII]

“Nous entrevoyons ici une deuxième face de la demande sociale, dont l'importance est considérable: produire un produit technique), c'est toujours produire pour quelqu'un; en d'autres termes, la demande qui émane des rapports sociaux détermine en une seule fois non seulement la production de l'objet mais encore la manière dont il sera consommé, de telle manière qu'on peut dire: les conditions d'existence du produit technique sont aussi son destin.”

A questão da produção de uma tecnologia explicitamente ligada à necessidade de consumi-la aponta para questões importantes da automatização do discurso, quando pensamos que Pêcheux é também um produtor de tecnologia da linguagem. Um aspecto deste autor normalmente pouco explorado no Brasil e na França, o Pêcheux técnico/da tecnologia; um filósofo e um técnico que no mesmo gesto pensa a produção de seu instrumento e o seu uso. O esforço do pensador em propor um espaço de entremeio para uma interlocução cuidadosa com as ciências humanas através do discurso, a formalização necessária que se organiza ao matematizar relações de sentido em algoritmos, o esforço do técnico em materializar o sentido de sua proposta em um instrumento, na construção do software de análise automática Deredec, a disposição para a conversa interdisciplinar ao disponibilizar para os pesquisadores de Paris 7 seu instrumento de análise

automática são práticas complementares na Análise do Discurso. São, de fato, a mesma proposta em diferentes níveis de realização intelectual. O círculo de afinidades intelectuais de Pêcheux, a amplitude de sua produção e sua constante disposição para ser atravessado por novas questões, por diferentes perspectivas, formam um quadro de pesquisa apaixonante. Seu texto nos dá pistas da compreensão de uma demanda existente, à qual ele foi capaz de elaborar, formalizar, automatizar, apontar um caminho de reflexão, enfim produzir referências em todas as instâncias intelectuais da época para colocar em questão de forma refletida a produção das ciências humanas.

No início da década de 70, na França, só existiam dois programas (que hoje também chamamos de softwares ou aplicativos) capazes de análise automática de textos, que estavam disponíveis para os pesquisadores de ciências humanas: o de Michel Pêcheux, por via de um cálculo discursivo, digamos, e o de Ludovic Lebart, com base em um cálculo estatístico. Assim, Michel Pêcheux é um dos dois autores que inaugura a tradição da automatização da linguagem na França. Este fato nos mostra uma atualidade do autor e uma disposição fora do comum para estar ligado a seu tempo, para fazer uso dos recursos tecnológicos disponíveis.

A automatização proposta por Michel Pêcheux foi bem sucedida, dentro das possibilidades tecnológicas da época, do papel ainda germinal dos recursos eletrônicos, e de sua utilização pouco permeável. Curiosamente, nos arquivos da universidade que mostram a consulta ao sistema, não há traços de lingüistas que tenham feito uso deste programa. Os pesquisadores que foram buscar o recurso da análise automática são, na sua maioria, provenientes de áreas como sociologia, antropologia, ou mesmo da psicologia. Fato este que nos aponta os vários aspectos desconhecidos do contexto da *Analyse Automatique du Discours 1969 (AAD69)* que precisam ser explorados, particularmente no que diz respeito à questão da automatização. Por exemplo, seria interessante perguntar a que tipo de demanda Pêcheux responde quando projeta o programa *Deredec*. Esta é uma das questões que buscaremos responder posteriormente, através do levantamento da discussão da época.

1.2. Deredec e seu desenvolvimento

Em nossa pesquisa, no intuito de trazer a discussão de Michel Pêcheux para o cenário atual de tratamento de textos, na França, trabalhamos

com analistas do discurso e produtores de softwares de análise automática.

Nos dois grupos nos deparamos com uma certa confusão intelectual relativa às questões do discurso eletrônico. Penso que esta confusão pode se dar por causa da disciplinarização da AD na linguística (fato que traz problemas para esta metodologia, já discutidos por vários pesquisadores), e principalmente pela dificuldade de quem está “disciplinado” na linguística em lidar com uma proposta de formalização algorítmica e tecnológica. Como, na França, o trabalho de automatização de Pêcheux foi abandonado no início da década de 80, logo após sua morte, por falta de condições institucionais de avançar o desenvolvimento do programa, os analistas do discurso na França hoje (também localizados na linguística, diga-se de passagem) consideram o objeto da automatização em Pêcheux um assunto anacrônico. Mas estes pesquisadores atuais, curiosamente, não coincidem com os que fizeram parte do projeto implicado na AAD69. Na visão de uma geração de pesquisadores que trabalhou com Pêcheux, e está muito próxima do cotidiano da pesquisa na linguística para ter o recuo necessário para estudá-lo, este foi um caminho abandonado. E minhas questões funcionaram para evidenciar este vazio na produção intelectual francesa que se diz trabalhando com Análise do Discurso, na área da linguística.

Por outro lado, os grupos que trabalham na produção de analisadores automáticos são herdeiros da via de análise automática pelo cálculo estatístico, e portanto pouco compreendem da dimensão discursiva de análise automática. Eles, no entanto têm a oferecer uma rica história de relações com textos e sua matematização, desde sua preparação para a análise automática, até as várias possibilidades de funções estatísticas que nos permitem trabalhar com textos eletrônicos. Uma grande diversidade de softwares está disponível para realizarmos análises, dependendo do gênero do texto e das perguntas que precisam ser respondidas em cada análise automática é um programa diferente a ser utilizado. Desde textos literários, textos políticos, textos traduzidos junto a sua versão original, textos em questionários, ou respostas abertas, há grupos investidos em criar recursos para que se possa ler e “interpretar” automaticamente os dados dos textos de forma automática. As questões relativas ao que chamamos de discursivo não são contempladas nestes trabalhos. E, também nestes grupos, minhas questões evidenciaram a existência de preocupações a respeito da linguagem, e de sua “manipulação” automática que até então não tinham sido levantadas no meio de trabalho das

análises automáticas baseadas na estatística.

É nesta lacuna da produção intelectual e tecnológica francesa que se diz análise do discurso e análise estatística textual que instalei minha questão, e pontos - muitas vezes cegos - de conversa com os dois grupos. Mais tarde vim a entender que o software *Deredec* e o núcleo de análise discursiva automática produzido por Michel Pêcheux e Pierre Plaine ainda é funcional e está imbricado no software *Sémato* na Universidade de Quebec. O fato é que as questões de automatização propostas pelo Michel Pêcheux foram desenvolvidas no Canadá. E por isso a minha pesquisa de pos-doutorado, que é na França, conversa na maioria do tempo com quem está do lado de fora do processo de reflexão sobre a automatização pensada por Pêcheux, até porque estão em sua grande maioria na linguística. E neste sentido, são várias as questões que se colocam sobre o interesse brasileiro e francês em trazer a pesquisa sobre automatização do Canadá como pesquisa de ponta, investir em intercâmbio científico e tecnológico entre os três países e quebrar a hegemonia francesa no processo de exportação e colonização brasileira com uma análise de discurso “francesa”. Este corte confortável de não se publicar a tese de Michel Pêcheux – a *Análise Automática do Discurso* - em português, e de termos apenas uma publicação de sua tese pela Dunod na França fala – entendemos - muito sobre este pacto colonizatório.

Com a certeza de que a história da *Análise de Discurso* no Brasil permitiu que eu elaborasse a compreensão do discurso eletrônico, assim como a formalização desta compreensão em um software da *Enciclopédia Discursiva da Cidade* (ENDICI – CNPq 2000-2002), em que mantivemos nossos propósitos de pesquisa iniciais. As conversas tomaram caminhos muitas vezes surpreendentes, mas considero que é da natureza de uma questão nova trazer respostas e encaminhamentos inusitados. A meu ver, um fato que contribuiu para o estranhamento dos pesquisadores franceses em relação à noção de “discurso eletrônico”, é que ela é de fato passível de elaboração e de agenciamento filosófico e permite a formulação de questões que vão do aspecto epistemológico da constituição de uma ferramenta eletrônica (o que permite a reflexão sobre questões de tecnologia da linguagem) até a compreensão discursiva de um recurso eletrônico prático. A expectativa comum, creio, era que eu chegasse para absorver ingenuamente a produção francesa, mas a presença de um núcleo de reflexão a ser desenvolvido no próprio projeto de pos-doutorado fez com que as relações de trabalho

ganhassem uma outra espessura.

1.3. Memória eletrônica

A proposta técnica de Michel Pêcheux de automatização faz parte hoje na França da História da produção de Tecnologia de Linguagem. Em termos técnicos o software Deredec está escrito em Fortran, que é uma linguagem já fora de uso no ambiente computacional. Seria necessário atualizá-lo para a linguagem C para vê-lo funcionando novamente. Em termos eletrônicos, as máquinas e acessórios (computadores, perfuradores de cartões, impressoras especiais, etc.) não são mais fabricados. Atualizá-lo seria, em termos práticos, refazer o programa. Já no Canadá está funcionando perfeitamente.

Neste sentido, se ficarmos nas relações entre França e Brasil para desenvolver este tipo de memória de recursos eletrônicos, creio que seria necessário desenvolver dentro da ordem da história das ciências da linguagem, uma reflexão de seus instrumentos, na história da automatização da linguagem. E sobretudo, organizar este tipo de memória com sobriedade para compreender que os produtos do discurso eletrônico têm necessariamente uma vida curta. O que significa que se trata de uma memória de curta duração, ou de uma memória que se atualiza em quantidade no tempo.

Ao olhar retrospectivamente, o esforço de Pêcheux e seu bem sucedido programa de análise automática é de um alcance fortíssimo para as possibilidades de formulação da época, assim como para os recursos tecnológicos disponíveis. É um trabalho efetivamente hercúleo, e bem sucedido.

Ao olhar projetivamente, foi a partir do raciocínio de Pêcheux em AAD 69, da compreensão dos algoritmos e da re-formulação de algumas funções destes algoritmos que desenvolvi a arquitetura do programa parafrástico para a Enciclopédia Discursiva da Cidade – Endici- do Laboratório de Estudos Urbanos (CNPq, 2000-2002). E que atualmente desenvolvo uma ontologia parafrástica em XML, com o apoio de Prof André Salem e Serge Fleury, para ser utilizada em uma base SQL na nova versão do Endici.

Para nós, trata-se também de uma memória. Não da memória do objeto eletrônico, mas de uma memória de relações possíveis no espaço eletrônico a partir de uma reflexão elaborada para este ambiente. É uma

reflexão que ganha visibilidade com instrumentos (na França) já ultrapassados. Mas a reflexão se sustenta, hoje, com outros recursos tecnológicos. É uma outra abordagem da AAD69, que não se pensou na França. É esta re-apropriação da discussão de análise automática de Pêcheux que desenvolvo atualmente no pos-doutorado (CNPq).

Na época de minha chegada à França, em abril de 2004, esta discussão soava como uma questão anacrônica para os pesquisadores franceses. Estes, sem compreender exatamente como eu estava trabalhando com Pêcheux, durante os primeiros meses do estágio de pos-doutorado, me afirmaram várias vezes que o programa de Pêcheux era velho, ultrapassado. Outro argumento limítrofe é que a análise automática não apresentaria nenhum valor para o conhecimento da linguagem.

Os interlocutores foram pouco a pouco surgindo. Destaco o colóquio realizado na Itália em novembro, o “Workshop on the Potential of Cognitive Semantics for Ontologies (FOIS 2004)”¹⁴ em que apresentei o esboço de meu trabalho relativo à ontologia do Programa da Endici. Foi neste workshop que descobri com uma certa surpresa que era a única lingüista propondo um sistema para ontologia. Os outros participantes se dividiam entre a perspectiva cognitiva e a perspectiva da lógica (matemática). Ora, isto esclareceu muito de minha experiência até então: Michel Pêcheux, através de sua proposta de uma análise automática do discurso abriu para os lingüistas uma porta de formulação do discurso eletrônico. Foi aí que percebi que esta pesquisa propõe efetivamente uma discussão nova em termos de campo de conhecimento. Além disso, este trabalho me obrigou a formalizar algumas relações da análise do discurso com a produção de ontologias. E nesta formalização a distinção entre as maneiras brasileira e francesa de compreender o projeto intelectual da análise de discurso ficaram evidentes.

No caso do discurso eletrônico, os lingüistas franceses não investiram na proposta de automatização, mas nós, no Brasil, avançamos esta reflexão, e com um resultado positivo: quarenta anos depois, nos encontramos com recuo intelectual suficiente para trabalhar na formulação de ontologias a partir da proposta de Michel Pêcheux. Neste Congresso percebemos que embora o termo utilizado seja “semântica”, ele pouco tem a ver com a noção de semântica da lingüística. Werner Kuhn, coordenador do Workshop FOIS me

¹⁴ <http://musil.uni-muenster.de/workshop2004/index.php?m1=Papers>

pediu para formalizar teoricamente o que a lingüística pode aportar para a produção de ontologias em termos de resolução de problemas, para uma publicação conjunta. E esta questão é uma das quais me esforçarei para responder até junho de 2005.

Devo ressaltar, que a elaboração do trabalho para este congresso se deu concomitantemente a encontros importantes, por vias nem sempre previstas, entre minha proposta de pesquisa e os trabalhos na França que tocam, de alguma forma, as questões das tecnologias da linguagem. Na seqüência alguns dos contatos que considero mais importantes.

Os Professores Jacqueline Leon (Pesquisadora da univ. Paris VII), Sylvain Auroux (Diretor da Ecole Normal Superior -Lettres et Sciences Humaines, em Lyon) e Sylvie Archimbault (Diretora da História da Idéias Lingüísticas, Diretora de Pesquisa do CNRS) me propuseram re-fazer um vídeo sobre “tecnologia de linguagem” que eles haviam feito em 1999 para a ICHOLS, mas não havia sido editado de maneira satisfatória, e portanto tinha sido cortado da programação.

O professor Sylvain Auroux, que propôs a noção de “tecnologia de linguagem”¹⁵ no sentido histórico, como um desenvolvimento contínuo de instrumentos do saber lingüístico, me deu livre acesso ao Laboratório Multimidiático de Lyon para desenvolver a ferramenta que for adequada à discussão desta questão. Os trabalhos no Laboratório de Lyon começarão em fevereiro de 2005.

Também em Lyon, o professor Bernard Colombat mostrou interesse em produzir uma base de dados comum com o Brasil, dentro do projeto da CTLF – Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux¹⁶, de modo a incluir as obras brasileiras selecionadas pelos pesquisadores brasileiros. Atualmente estudo junto com o Professor Colombat o melhor modo de fazer a alimentação de dados para o Corpus, de modo que ela possa ser feita tanto no Brasil, como na França, e imediatamente colocada à disposição dos dois sistemas. Agendamos para fevereiro uma discussão dos parâmetros que serão adotados neste trabalho. Provavelmente teremos estes parâmetros elaborados em junho de 2005.

¹⁵ Auroux, Sylvain. *La Philosophie du Langage*, puf 1996, isbn 2 13 047371 7

¹⁶ <http://www.ens-lsh.fr/labo/ctlf/>

A Profa. Sophie David, da universidade de Nanterre, e a Profa. Jacqueline Leon, da Universidade Paris 7, mostraram interesse em produzir uma reflexão conjunta, e mesmo de propor o tema do discurso eletrônico como objeto pesquisa. Estamos estudando atualmente como integrar o trabalho de automatização já desenvolvido pelos franceses em relação às questões e proposições do discurso eletrônico realizadas no Brasil.

Outra relação importante que produzimos neste trabalho é com a Embaixada do Brasil na França que, ao tomar conhecimento de uma pesquisadora de ciências humanas estava desenvolvendo uma reflexão sobre tecnologia de linguagem, nos convidou a produzir um Colóquio de Ciências Humanas para o ano cultural do Brasil na França, este vai de Março de 2005 à Março de 2006. Convite este que aceitei, e já conta com a participação do Embaixador do Brasil na França, Exmo. Sr. Sérgio Amaral, a Chefe do Serviço Comercial, Conselheira Elza de Castro, responsável pelas relações comerciais, culturais e tecnológicas. Este colóquio será o único evento das ciências humanas brasileiras realizado em Paris por ocasião do ano cultural do Brasil na França. Daí sua importância e força. Escolhi o tema da inclusão digital, porque creio que ele possa fazer o encontro entre a discussão sobre tecnologia de linguagem brasileira e francesa. De fato, proponho a inclusão digital como objeto de reflexão, a partir do que consideraria uma necessidade de pensar a qual tipo de demanda social a inclusão digital responde. Uma maneira discursiva de pensar tecnologia A qual tipo de sistema de relações a criação de recursos eletrônicos em grande escala e a automatização da linguagem são essenciais, são condição?

Neste Colóquio (ver anexo 1) deveremos trazer questões relativas aos efeitos da inclusão digital, de uma perspectiva discursiva, e também colocar em contato representantes da produção científica brasileira e francesa, e com o apoio da Embaixada do Brasil - propor novos acordos internacionais que permitirão um maior intercâmbio cultural e científico entre a França e o Brasil, assim como promover a integração de diversos atores do cenário da política eletrônica brasileira e francesa. Trata-se de um evento da Unicamp na França, em parceria com a Embaixada do Brasil, com o apoio do CNPq, da Unesco, do Institut Social de France et de l'Union Européenne, UMR 7597 do CNRS e Syled - Universidade Paris 3. Produzirei o evento na França, em equipe com vários pesquisadores franceses e brasileiros.

Outro bom contato foi o Institut Social de la France et de l'Union

Européenne, que mostrou interesse em participar da discussão, e estará investido na qualidade da produção impressa e eletrônica do colóquio. Este tipo de adesão espontânea a um projeto intelectual novo, a meu ver, aponta para caminhos de discussão e trabalho conjuntos a respeito da tecnologia de linguagem a médio e longo prazo entre Brasil e França.

Todos estes retornos positivos relativos a nossa discussão, creio, mostram um espaço de compreensão de uma nova problemática e explicitamente um desejo de fazer as questões de tecnologia de linguagem brasileiras e francesas conversarem. Neste sentido, os estranhamentos iniciais em relação a nosso projeto nos auxiliaram a ver uma diferença teórica, uma diferença no modo de ler a teoria da AD, que nos deu condições de avançar especificamente na reflexão sobre a automatização. Esta diferença na maneira de ler, e de produzir demandas a respeito do discurso eletrônico, faz deste espaço de discussão um sítio rico de trocas e com excelentes horizontes de trabalho conjunto com a França. E é um primeiro encontro desta ordem que estamos programando para o evento de 2005, para produzir esta conversa.

2. Primeiras pontuações teóricas

Assim como no início deste projeto, acreditamos que a principal distinção entre a direção do desenvolvimento das tecnologias da informação e a discussão que estamos propondo seja a finalidade da produção tecnológica em nossa sociedade. Ela procura colocar o seu usuário em um espaço cada vez mais familiar ao das evidências cotidianas, reproduzir situações que sejam familiares, que sejam “naturalmente” compreendidas e possam ser processadas pelo usuário, sem que ele tenha que saber como a máquina funciona. Ora, é justamente nesta “naturalização” que mora o perigo para o Linguísta preocupado com o discurso. Para produzir este efeito de evidência, os processos de interpretação na relação com a máquina devem ser antecipados e estabilizados, o que propicia na grande maioria das vezes o apagamento da presença da linguagem no ambiente eletrônico. Assim, nossa questão é não deixar que os procedimentos se naturalizem, sem antes trazer questões de linguagem para este usuário. E para isso, é preciso refletir sobre as condições de produção destas tecnologias.

O primeiro espaço de reflexão que propomos aqui é a noção de “caractere”. Trata-se de uma noção discreta na história da reprodução de

textos. Animada pela discussão com o Prof. Sylvain Auroux, cheguei a ela pensando que a questão da análise automática do discurso poderia ser trabalhada a partir de um tratamento histórico. Descrevo brevemente o percurso: A idéia seria constituir o tema “automatização do discurso” que seria tratado ao curso de uma longa cronologia, especificamente dentro da tradição greco-latina. Referente à constituição deste objeto, consideraríamos disciplinas científicas com diferentes linhas de desenvolvimento, e veríamos como elas instituíram diferentes tradições de reflexão que deram diferentes soluções a esta necessidade. A escolha da cronologia geográfica e temporal, nos levaria naturalmente a Crátilo de Platão, e a Aristóteles com a primeira percepção das relações entre as coisas e as palavras, uma perspectiva que poderia hoje ser chamada de metalingüística. Diz Auroux que até onde sabemos nenhuma outra disciplina ocidental tem esta possibilidade de recuo tão longo como a lingüística e a matemática. São os núcleos de racionalidade mais antigos de que temos conhecimento em nossa tradição¹⁷. E assim considere a possibilidade de pensar a questão do discurso eletrônico neste trajeto.

Prof. Auroux nos conta que com o desenvolvimento da escrita se desenvolvem quatro disciplinas, a matemática, a astronomia, a gramática e o direito. A gramática tendo por objeto principal a compreensão de textos escritos. Para Auroux a “primeira noção epi-lingüística é o paradigma, a reprodução da linearidade da cadeia falada, mais a introdução de uma outra dimensão.” Ele entende que é preciso quebrar a dimensão de linearidade da cadeia contínua para acessar a dimensão da fala. É por isso que a escrita é necessária, porque ela traz a bidimensionalidade. É necessário que a fala encontre o espaço, a escrita, na representação bi-dimensional, para que surja o saber científico, o eixo paradigmático. A formalização do núcleo de racionalidade.

Ora, é aí que podemos perceber uma forte distinção entre a perspectiva francesa de tecnologia de linguagem e a que desenvolvemos no Brasil. De uma perspectiva da tecnologia da linguagem como a compreendo, pensar este recuo da produção do conhecimento lingüístico não nos leva necessariamente à produção de textos antigos que versam de uma forma ou de outra sobre linguagem. De fato, o que me chama a atenção neste quadro

¹⁷ Auroux, Philosophie du langage, puf 1996, isbn 2 13 047371 7

que Auroux apresenta é como estes textos são produzidos materialmente. Então, sem adentrar pelas especificidades da produção em papiro, em papel, na imprensa, etc. saliento um fato corriqueiro até os dias de hoje na produção textual. A constituição da escrita introduz empiricamente, na relação com a sua produção, uma unidade discreta chamada “caractere”. Este elemento é um dos recursos diferenciais que permite a realização da análise automática, e no entanto, em qualquer outro espaço que não seja eletrônico, como o da impressão por exemplo, ele funciona discretamente.

O caractere é o que vai ser efetivamente usado para “escrever” o texto, realizar uma escrita. Do papiro egípcio em 700aC., passando pelos copiadores da Idade Média, a Impressão do Séc XIX, até os textos web de hoje, é pela unidade do caractere que a visibilidade do texto se realiza. Auroux não chama a atenção para este fato, ele segue pelos avanços do conhecimento sobre a linguagem.

A diferença, para nós, é que o trabalho sobre o discurso eletrônico introduz este elemento (o caractere) em papel central de cálculo, quando pensamos em análise automática. Enquanto esta unidade funciona na elaboração do texto, realmente trata-se de um funcionamento discreto, e nós temos um tipo de leitura do que pode ser um texto. A noção corriqueira, senso-comum de texto, como a conhecemos. Porém com a introdução da informática e com os recursos de análise automática das línguas este discreto componente ganha evidência no mundo da análise linguística. Explicamo-nos:

Embora exista toda a teoria da linguagem organizada a partir de noções como palavra, morfema, frase, sintagma, etc. Passar essas noções para um espaço automatizado significa necessariamente encontrar estes “objetos” num texto eletrônico, que ao fim e ao cabo não é composto por palavras, sílabas ou frases, mas por uma seqüência de caracteres. No espaço eletrônico, sejam letras, pontuação, espaço em branco, comandos de parágrafo, ou mesmo quebra de páginas, a programação que permite a constituição e visualização de um texto na tela de um computador versa sobre caracteres, uma certa linearidade entre eles, e uma certa disposição. De fato, a análise automática de textos se dá em um primeiro nível sobre uma seqüência de caracteres. A partir daí, da captação da seqüência de caracteres, é preciso definir através de uma programação o que é considerado unidade de sentido. Grosso modo, estas unidades podem ser de diferentes extensões, seja a palavra (utilizando divisores como o espaço), seja a frase (utilizando divisores

como o ponto), seja o parágrafo (utilizando divisores como o comando de mudança de linha), etc. Ora, esta distinção entre a noção de palavra e a programação construída para que uma “palavra” seja automaticamente identificada em um texto evidentemente não coincidem. Por exemplo, em francês, há programas que consideram a seqüência “aujourd’hui” como duas palavras (por causa do separador ‘), e há softwares capazes de reconhecê-la como unidade. Os softwares de análise que reconhecem morfemas, apresentam problemas semelhantes com a seqüência “bonjour”, entre outras.

Então o que a análise automática de textos analisa é uma seqüência de caracteres delimitados de um jeito ou de outro para se aproximarem o máximo possível de uma noção de unidade lingüística. Noção esta, como sabemos, abstrata, fluida, diversa.

Ainda em uma conversa com o Auroux, assim como no começo das ciências da linguagem, a morfossintaxe foi elemento essencial, assim também, no trabalho da análise automática, o papel da morfossintaxe é fundamental. Até porque tanto a morfologia como a sintaxe podem ser vistas na seqüência de caracteres e é possível programar pequenas seqüências para serem reconhecidas como um morfema (o conjunto de caracteres naquela seqüência específica ganha uma etiqueta), e após esta etiquetagem dos morfemas, é feita uma etiquetagem de possíveis seqüências de palavras, uma etiquetagem sintática.

Ora, Auroux afirma que é necessária a dimensão da escritura, a aparição do quadro bidimensional no desenvolvimento de tecnologia intelectual no início da ciência da linguagem. E que a aparição deste quadro permite a visualização da noção de paradigma. Estamos de acordo com o autor. Acrescentamos, no entanto, que no que diz respeito à formulação do discurso eletrônico é justamente a explosão de dimensões discretas programadas a partir do caractere, que permite uma multi-dimensionalidade de formalização e formulação eletrônica que pode contribuir para o estudo da linguagem. Este é um dos elementos que hoje distingue um texto eletrônico de outros tipos de texto.

É este quadro de multi-níveis de trabalho com as seqüências de caracteres que ao meu ver permite o que ele chama de terceira revolução tecnológica da linguagem, dentro da perspectiva do cientista da linguagem. Porque de fato temos a possibilidade de programar em “n” níveis as seqüências de caracteres, articulações incontáveis que podem ser da ordem

de etiquetas, identificadores, classificadores, compositores, etc. Um número incontável de cálculos e possibilidades, de relações de sentido funcionando no texto.

Aí ousaria dizer que o quadro clássico bidimensional abre, e delimita, porque as possibilidades de relação no funcionamento eletrônico são incontáveis, mas o conhecimento sobre linguagem foi pensado tradicionalmente no quadro bidimensional. Mas como avançar sem o quadro bidimensional? Então é necessário produzir derivas, deslizos, paráfrases, um quadro de paráfrases, como o proposto por Pêcheux. Ir na tradição e além, experimentar. Mas não mais na bi-dimensionalidade do papel, mas na multi-dimensionalidade eletrônica, no discurso eletrônico. Em termos de conhecimento lingüístico, o discurso eletrônico aponta para novas compreensões do funcionamento lingüístico, além de ser um instrumento de trabalho lingüístico.

Assim, uma primeira resposta de como avançar na reflexão sobre o software Endici de maneira discursiva, já pode ser respondida: com caracteres, a matéria bruta que vai criar o “feito” texto na tela do computador. Nossa hipótese é que trabalhados discursivamente, os caracteres podem abrir novos espaços de formulação.

2.1. A pesquisa brasileira

De certa forma esta questão tinha sido intuitivamente respondida no projeto ENDICI (CNPq), de diferentes maneiras e particularmente no meu trabalho sobre a materialidade do sentido nos algoritmos de Pêcheux, mas até então estava sem uma formulação.

Insisto no ambiente de trabalho interdisciplinar da universidade como um lugar privilegiado para pensar as questões do discurso eletrônico, na medida em que a relação com as noções da sociedade nos colocam numa atualidade que nem sempre é compartilhada pela disciplina lingüística, que tem constrições de reflexão próprias à constituição de uma disciplina.

Assim, diferentemente da época do início do projeto, hoje diria que a o tema sobre a qual me debruço chama-se Discurso Eletrônico e não Lingüística Computacional, como propus inicialmente. A lingüística computacional é uma área na qual esta reflexão pode ganhar uma materialidade eletrônica, pode se organizar como um software, uma macro,

um serviço Internet voltado para a linguagem, etc. No entanto, epistemologicamente há uma distinção fundamental entre nossos princípios e instrumentos teóricos, porque a ênfase está em uma abordagem através da filosofia da linguagem. Pêcheux formulou uma teoria, uma reflexão e um cálculo que propunham que uma máquina interpretasse textos levando em consideração essas relações de sentido não lineares. Levando em consideração o funcionamento da linguagem, no sentido discursivo. Esta preocupação específica não faz parte das premissas da lingüística computacional, e para nós neste trabalho ela é fundamental.

A interlocução com o Prof. André Salem, que é matemático de formação, além de fundamental para compreender onde nossa questão se posiciona em relação ao que é produzido hoje, mostra que é possível desenvolver analisadores para a linguagem desconhecendo as unidades da linguagem. O trabalho com os caracteres e a noção de unidade da gramática escolar permitem a constituição de programas relativamente eficientes em termos de análise automática de textos, para quem não tem como objeto de estudo a própria linguagem.

Para nós o interesse do desenvolvimento de ferramentas é compartilhado, mas ele deve possibilitar também uma relação refletida entre a produção técnica e a teórica, e as questões de fundo discursivo.

3. O ambiente web e o discurso: o objetivo principal

O nosso objetivo principal no início do projeto era o de compreender se e como seria possível trabalhar com os princípios e técnicas propostas por Pêcheux. Se na web a proposta se mantém. Até o momento, sim é muito possível e razoável trabalhar com os princípios discursivos no ambiente web, e minha proposta de uma base de dados em XML conta com esta base teórica. Porém, em termos de técnicas eu diria que os recursos avançaram muito nestes anos, assim como a produção eletrônica, o que faz com que a proposta técnica esteja incontornavelmente defasada. No entanto creio ser nosso papel fazer esta atualização, repensar as questões e rever os atuais produtos eletrônicos disponíveis hoje que podem ser interessantes para o pesquisador da linguagem e para o estudioso da linguagem fazerem uso em sua pesquisa.

O estado atual do conhecimento sobre o problema

Reafirmo que é somente a partir da prática da reflexão e do trabalho real com as possibilidades disponíveis no ambiente eletrônico, que poderemos colocar questões relevantes para a academia e para nossa sociedade.

Em termos de lingüística computacional, os franceses estão 10 ou 20 anos na frente da produção brasileira. Há no Brasil discussões afins como as do Núcleo Interinstitucional de Lingüística Computacional (NILC), mais fortemente as discussões de Gladis Maria e Sandra Aluísio, ou mesmo as discussões sobre redes de Muniz Sodré (UFRJ). Mas o instrumental técnico, as constituição de etiquetas, a produção de interfaces entre analisadores, ou mesmo a disponibilização dos softwares já elaborados estão ainda em fase inicial.

Até onde sei, o trabalho brasileiro em lingüística computacional está ligado à filiação americana, o que muda razoavelmente o quadro das funções das ferramentas e dos objetivos a serem alcançados com os instrumentos. Por exemplo, o trabalho de lingüística computacional na França é voltado para a língua francesa e depois são desenvolvidos aplicativos que podem ser trabalhados por uma segunda língua, ao passo que no Brasil a relação com a língua inglesa é muito presente, mesmo na interface para usuário brasileiro dos softwares. Isso, ao meu ver, aponta para uma diferente política de produção de instrumentos lingüísticos, que deve ser estudada e melhor compreendida de forma a que possamos fazer um uso produtivo do encontro destas duas linhas de trabalho.

Considerações e resultados

Quando pensamos nas políticas da era da informação, estar atualizado em relação às tecnologias e metodologias é fundamental. No caso deste projeto, a atualização sobre tecnologia de linguagem ocorre entre os dois países. A discussão que desenvolvemos na Unicamp traz novas perspectivas de trabalhos históricos, teóricos e técnicos para a filosofia e a ciência da linguagem desenvolvida na França. Também o trabalho francês aponta para diferentes ferramentas eletrônicas de tratamento de texto, discussões sobre automatização da linguagem que têm sua inauguração na mesma época do programa Deredec, etc. Este encontro favorece a produção

de reflexões comuns e a elaboração de projetos de trabalho franco-brasileiros no ambiente eletrônico.

Contando com a possibilidade de estender o pos-doutorado por mais um ano, muito do meu esforço este ano foi em não apagar a problemática brasileira, entre a produção francesa. Um esforço que considero hoje produtivo, em vista das possibilidades de diálogo e trabalho conjunto que se abriram a partir de meu interesse na questão do discurso eletrônico.

Imagino que teria sido possível trabalhar como uma estrangeira que vem apenas aprender, e que seria esta a posição mais cômoda neste estágio pos-doutoral. No entanto, eu diria que ter uma questão teórica para pensar, e estar claramente filiada a produção de conhecimento lingüístico no Brasil, abriu um outro tipo de contato com os pesquisadores franceses. Um contato de trabalho com diferenças claras e vontade de integrar estas diferenças numa reflexão conjunta.

A idéia de subsumir o trabalho de Análise de Discurso realizado no Brasil e no Canadá na Análise do Discurso Francesa, me parece uma saída pobre para nossas questões comuns e incomuns. Além das diferenças históricas do desenvolvimento da Análise do Discurso no Brasil e na França, além da história do conhecimento lingüístico ser distinto, de estarmos em posições políticas distintas na produção de conhecimento sobre linguagem, também é fato que hoje no caso do discurso eletrônico é o Brasil que pode trazer um novo gás, que retoma por uma via diferente uma discussão na França que havia sido abandonada, e que no Canadá avança a passos largos. É justamente ao celebrar esta diferença que a AD feita no Brasil pode se encontrar novamente com a França, um encontro entre pares, mesmo que se diga que a AD que fazemos no Brasil é de filiação francesa. É, e não é. As perguntas que nos levaram a abrir na Unicamp uma célula de pesquisa do discurso Eletrônico nunca foram feitas por franceses. As necessidades de pensar recursos eletrônicos discursivamente vêm de meu estágio na Unicamp em 1999, quando trabalhei no CEDU – Centro de Documentação Urbana –; onde me foi solicitado a produção de um sistema eletrônico que trabalhasse a hemeroteca do CEDU como um arquivo com memória, como o sugerido por Michel Pêcheux. E nesta época, eu, Esmet Ammar e Marco Túlio (estagiários de Informática) pensamos em uma modificação do programa micro-isis (copyright da Unesco) de forma que ele pudesse sustentar uma relação discursiva como base de dados, em relação à memória de leitura dos

pesquisadores. A questão da adaptação eletrônica em termos multimidiáticos vem também da minha participação no Projeto SPEU, quando comecei a atualizar o site do laboratório, e na época do primeiro filme-relatório que elaborei junto com a Profa. Rosângela Morello. Em 2000, fiz um curso em Harvard para implementar um serviço eletrônico de perguntas e respostas na Unicamp para colocar o pesquisador em contato com a sociedade, que me ensinou muito sobre localização de softwares.

São nestes espaços de trabalho, nas relações com as tecnologias disponíveis que surge a questão do discurso eletrônico. A versão eletrônica da enciclopédia Discursiva da Cidade é uma materialização deste objeto de reflexão, um trabalho que afetou fortemente nossa maneira de produzir conhecimento, em termos de equipe. Que nos fez pensar a produção de conhecimento e sua circulação de novas perspectivas. Que abriu uma via de leitura, ou de re-leitura da automatização, e que em grande parte possibilitou que eu elaborasse as questões deste pos-doutorado.

Fundamentalmente diria que os resultados que considero mais importantes hoje dizem respeito a um direcionamento do investimento intelectual, na relação com a automatização. Este é, a meu ver, o principal resultado que tenho a relatar, e me considero bem sucedida em termos de suscitar a reflexão sobre o discurso eletrônico e a automatização no espaço de discussão francês.

Agradecimentos aos Professores: Jacqueline Leon (Paris 7), Pierre Plante (Linguística Computacional na Université do Québec em Montréal), Sophie David (MoDyCO - Laboratoire Modèles, Dynamiques, Corpus–Nanterre), e Mireille Lagarrigue (Paris 10).

